



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA**

CEMARY CORREIA DE SOUSA

**VOCABULÁRIO DIALETAL DA REGIÃO NORTE DO BRASIL: UM ESTUDO DAS
CAPITAIS COM BASE NOS DADOS DO PROJETO ALiB**

Salvador

2019

CEMARY CORREIA DE SOUSA

**VOCABULÁRIO DIALETAL DA REGIÃO NORTE DO BRASIL: UM ESTUDO DAS
CAPITAIS COM BASE NOS DADOS DO PROJETO ALiB**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Língua e Cultura.

Área de concentração: Linguística Histórica

Orientador: Professor Doutor Américo Venâncio
Lopes Machado Filho

Coorientadora: Professora Doutora Célia Marques
Telles

Salvador

2019

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA),
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Correia de Sousa, Cemary
VOCABULÁRIO DIALETAL DA REGIÃO NORTE DO BRASIL: UM
ESTUDO DAS CAPITAIS COM BASE NOS DADOS DO PROJETO
ALIB / Cemary Correia de Sousa. -- Salvador, 2019.
134 f. : il

Orientador: Américo Venâncio Lopes Machado Filho.
Coorientador: Célia Marques Telles.
Dissertação (Mestrado - Mestrado em Língua e
Cultura) -- Universidade Federal da Bahia, Instituto
de Letras, 2019.

1. Lexicografia histórico-variacional. 2. Projeto
Atlas Linguístico do Brasil. 3. Dicionário Dialeto
Brasileiro. 4. Vocabulário Dialeto da Região Norte
do Brasil. I. Venâncio Lopes Machado Filho, Américo.
II. Marques Telles, Célia. III. Título.

CEMARY CORREIA DE SOUSA

**VOCABULÁRIO DIALETAL DA REGIÃO NORTE DO BRASIL: UM ESTUDO DAS
CAPITAIS COM BASE NOS DADOS DO PROJETO ALiB**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura, Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Língua e Cultura.

Aprovada em 23 de maio de 2019.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Américo Venâncio Lopes Machado Filho (Orientador)

Prof.^a Dr.^a Marcela Moura Torres Paim – UFBA

Prof.^a Dr.^a Celina Márcia de Souza Abbade – UNEB

Aos meus pais, Jacimar e César, pelo imenso e desmedido amor.

AGRADECIMENTOS

Quem tem um sonho não dança. Através da poesia do mestre Cazuzza embalei meu sonho ao longo de dois anos de muito trabalho e estudo. Como tão exaustivamente dito e repetido por muitos, não é fácil concluir mais uma etapa acadêmica quando diversos fatores, sobretudo econômicos, lhe impelem a desistir ou a postergar seus sonhos. Mas, apesar dos empecilhos, fez-se um novo dia e consegui finalizar minha pós-graduação.

De antemão, atribuo a minha memória se não conseguir resgatar todos os nomes e imagens daqueles que em maior ou menor grau me ajudaram a atravessar o outro lado do rio.

Sou grata, primeiramente, a Deus, por me permitir conhecer essas pessoas e por sua misericórdia infinita, por ter me sustentado quando a dor parecia querer me sufocar e impedir a minha travessia.

Agradeço à mainha, Jacimar, por não medir esforços para me ver formada e feliz.

A meu pai, César, por sempre acreditar no meu potencial e sempre falar da filha com o coração orgulhoso.

A minha irmã, Maysa, que sempre me deu abrigo nos melhores e piores momentos dos anos vividos.

A Melinda, minha afilhada amada e sonhada, pelos beijos melados e sorrisos afetuosos.

A meu querido orientador, Américo, pelo ensinamento constante e por ter me dado a oportunidade de caminhar ao seu lado desde o quarto semestre da graduação.

A Pedro, meu namorado, pelo carinho e companheirismo na jornada.

A David, que sempre me motivou a ser uma profissional melhor.

Ao Projeto ALiB, por fornecer as bases para o desenvolvimento de pesquisas dialetais no Brasil.

Aos amigos queridos do Nêmesis: Jane, pela motivação e amizade; Zana, pela parceria leal e por acreditar que sempre podemos ser sujeitos melhores; a Anie, Lucas, Isa, Maria José, Ivan Pedro e Goretti, pelas trocas e apoio imensuráveis.

Aos professores da Pós: Marcela Paim, Célia Telles, Suzana Cardoso (*in memoriam*), Jacyra Mota, Silvana Ribeiro, Tânia Lobo.

A todos que participaram da jornada, gratidão!

*Todas as manhãs junto ao nascente dia
ouço a minha voz-banzo,
âncora dos navios de nossa memória.
E acredito, acredito sim
que os nossos sonhos protegidos
pelos lençóis da noite
ao se abrirem um a um
no varal de um novo tempo
escorrem as nossas lágrimas
fertilizando toda a terra
onde negras sementes resistem
reamanhecendo esperanças em nós.*

(Conceição Evaristo, 2008, p. 13).

RESUMO

Produtos lexicográficos, tais como dicionários e vocabulários, têm em sua gênese a função de registrar um pouco do espólio cultural que se constrói com o uso da língua. Evidencia-se, contudo, que, em especial no Brasil, no que concerne à variação, apesar do contínuo avanço dos estudos lexicais, os trabalhos lexicográficos em geral ainda não registram satisfatoriamente a diversidade linguística, o que serviu de peça motriz para a construção desta dissertação, o *Vocabulário Dialectal da Região Norte do Brasil* (VDN), filiado ao *Dicionário Dialectal Brasileiro* (DDB), no âmbito do *Projeto Atlas Linguístico do Brasil*. Esta dissertação tem, portanto, por objetivo registrar, lexicograficamente, unidades lexicais em variação na norma falada na Região Norte. Para isso, esta pesquisa se vale de princípios teóricos da lexicografia histórico-variacional e da dialetologia. O *corpus* foi constituído a partir das respostas ao *Questionário Semântico-Lexical (QSL)*, um dos instrumentos metodológicos do ALiB, referente a 14 áreas temáticas – *Acidentes geográficos; Alimentação e cozinha; Astros e tempo; Atividades agropastoris; Ciclos da vida; Convívio e comportamento social; Corpo humano; Fauna; Fenômenos atmosféricos; Habitação; Jogos e diversões infantis; Religião e crenças; Vestuário e acessórios e Vida urbana* – totalizando 202 questões, em 6 capitais da Região Norte do Brasil: Macapá, Boa Vista, Manaus, Belém, Rio Branco e Porto Velho. No que tange aos resultados, o VDN apresenta 581 verbetes completos e remissivos, e revela a riqueza lexical da Região.

Palavras-chave: Lexicografia histórico-variacional. *Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Dicionário Dialectal Brasileiro. Vocabulário Dialectal da Região Norte do Brasil.*

ABSTRACT

Lexicographical products such as dictionaries and vocabularies – or lexicons – have, in their genesis, the objective of registering a small portion of the cultural spoil built with language usage. It is evinced, however, especially in Brazil, in what pertains to variation, despite the continuous advancement of lexical studies, that lexicographic works have not yet properly registered linguistic diversity, which served as the focal driving element for this master's dissertation: the *Vocabulário Dialetal da Região Norte do Brasil – VDN* (Northern Brazil's Dialectal Vocabulary), which is affiliated to the *Dicionário Dialetal Brasileiro – DDB* (Brazilian Dialectal Dictionary), inside the *Atlas Linguístico do Brasil – ALiB* (Brazil's Linguistic Atlas) ambit. Therefore, this thesis has as its purpose to lexicographically register lexical units that present variation in spoken standards in Brazil's Northern area. Thereunto, this research uses historical-variational lexicography and dialectology theoretical principles. The *corpus* was constituted based on the answers collected by the *Questionário Semântico-Lexical – QSL* (Semantic-Lexical Questionnaire), one of ALiB's methodological tools, relating to fourteen thematic areas – *Acidentes geográficos* (geographic characteristics); *Alimentação e cozinha* (food and cooking); *Astros e tempo* (heavenly bodies and weather); *Atividades agropastoris* (agricultural and pastoral activities); *Ciclos da vida* (life cycles); *Convívio e comportamento social* (conviviality and social behaviour); *Corpo humano* (human body); *Fauna* (fauna); *Fenômenos atmosféricos* (atmospheric phenomena); *Habitação* (housing); *Jogos e diversões infantis* (games and childhood entertainment activities); *Religião e crenças* (religion and creeds); *Vestuário e acessórios* (clothing and accessories) and *Vida urbana* (urban life) – with a total of two hundred and two questions in six Northern Brazil's capitals: Macapá, Boa Vista, Manaus, Belém, Rio Branco and Porto Velho. Related to the results, the VDN presents 581 complete and remissive entries revealing the area's lexical richness.

Keywords: Historical-variational lexicography. *Atlas Linguístico do Brasil* (Brazil's Linguistic Atlas). *Dicionário Dialetal Brasileiro* (Brazilian Dialectal Dictionary). *Vocabulário Dialetal da Região Norte do Brasil* (Northern Brazil's Dialectal Vocabulary).

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Estados e capitais da Região Norte do Brasil

Figura 2 – Rede de pontos do Projeto ALiB

Figura 3 – Rede de pontos da Região Norte

Figura 4 – Excerto do vocabulário

Figura 5 – Excerto do vocabulário

Figura 6 – Excerto do vocabulário

Figura 7 – Excerto do vocabulário

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Amostra de glosas do *Appendix Probi*

Quadro 2 – Distribuição dos dados para a resposta-padrão *igarapé*

Quadro 3 – Microestrutura do VDN

Quadro 4 – Abreviaturas utilizadas no vocabulário

Quadro 5 – Relação de autores consultados para a pesquisa etimológica

SUMÁRIO

| | |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| INTRODUÇÃO | 12 |
| 1 BREVE HISTÓRIA SOCIODEMOGRÁFICA DA REGIÃO NORTE: OCUPAÇÃO, EXTERMÍNIO E POVOAMENTO | 17 |
| 2 PRINCÍPIOS TEÓRICOS DA LEXICOGRAFIA DA DIVERSIDADE: DIÁLOGO INTERDISCIPLINAR | 27 |
| 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS PARA A ELABORAÇÃO DO VOCABULÁRIO | 38 |
| 3.1 CONSTITUIÇÃO DO <i>CORPUS</i> : MÉTODOS ADOTADOS PELO PROJETO Alib | 38 |
| 3.2 DELIMITAÇÃO E TRATAMENTO DOS DADOS | 42 |
| 3.3 COMPOSIÇÃO DOS VERBETES | 44 |
| 3.3.1 <i>Critérios para a seleção do lema principal</i> | 49 |
| 3.3.2 <i>Definição</i> | 49 |
| 3.3.3 <i>Sistema remissivo</i> | 50 |
| 4 VOCABULÁRIO DIALETAL DA REGIÃO NORTE DO BRASIL | 51 |
| 4.1 LISTA DE ABREVIATURAS | 51 |
| 4.2 DICIONÁRIOS ETIMOLÓGICOS CONSULTADOS | 52 |
| 4.3 CHAVES DE CONSULTA | 53 |
| 4.4 VERBETES | 55 |
| Acidentes geográficos | 56 |
| Fenômenos atmosféricos | 58 |
| Astros e tempo | 61 |
| Atividades agropastoris | 63 |
| Fauna | 69 |
| Corpo humano | 75 |
| Ciclos da vida | 82 |
| Convívio e comportamento social | 86 |
| Religião e crenças | 95 |
| Jogos e diversões infantis | 100 |

| | |
|-----------------------------|-----|
| Habitação | 106 |
| Alimentação e cozinha | 108 |
| Vestuário e acessórios | 112 |
| Vida urbana | 114 |
| 5 ÍNDICE REMISSIVO | 118 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 125 |
| REFERÊNCIAS | 129 |

INTRODUÇÃO

*A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros
Vinha da boca do povo na língua errada do povo
Língua certa do povo
Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil
Ao passo que nós
O que fazemos
É macaquear
A sintaxe lusíada*

(Manuel Bandeira. *Libertinagem*/Evocação do Recife).

Ao contrário do que possam decretar certos falantes ou gramáticos, a realidade multifacetada do português brasileiro não denota caos, deturpação ou risco de morte da língua. De tal modo, como bem retratado no trecho do poema saudosista de Bandeira, em consonância com o desenvolvimento dos estudos linguísticos, pode-se atestar que a variação linguística é inerente a qualquer língua humana e pode ser observada sincronicamente, através da diversidade dialetal, ou diacronicamente, por processos de mudança linguística.

Assim, a língua é entendida como um produto social e cultural, sujeita a variações e mudanças, contrariando a antiga ideia de que seria uma realidade unitária e homogênea. Compreende-se, sob esse viés, que a língua, por representar a cultura e história de um povo, não pode ser melhor analisada, senão pela sua realização real em contexto de interação. Conforme aponta Faraco (2016, p. 9):

as línguas estão intimamente atadas às dinâmicas histórico-políticas e às construções imaginário-ideológicas das sociedades em que são faladas. Em outros termos, as línguas não existem em si e por si; elas não são entidades autônomas – as línguas são elas e seus falantes; elas e as sociedades que as falam.

Coadunando com tal assertiva, dentre os diversos níveis da língua, observa-se que o léxico, por ser o nível linguístico que mais sofre modificações “sociais e culturais que acarretam alterações nos usos vocabulares” (BIDERMAN, 2001, p. 39), revela marcas do ambiente físico e social em que o indivíduo está inserido.

Em face disso, a sua dinamicidade permite não só a alteração da carga semântica ao longo do tempo histórico, mas a criação de novas unidades e (ou) desuso de outras, atitudes que, obviamente, convergem com as necessidades de comunicação dos falantes.

Dessa forma, as mudanças no âmbito do léxico são influenciadas não apenas por condicionantes linguísticos, mas também (e principalmente) por fatores extralinguísticos, como os contatos interétnicos e contingências socioeconômicas e geográficas, por

exemplo, provocando o surgimento de distintas normas lexicais em uso pelos grupos sociais.

O léxico, entretanto, até recentemente tinha ocupado um lugar secundário em relação ao estudo de outros níveis da língua, como a morfossintaxe. Não obstante, esse cenário,

depois de longo tempo do que se poderia chamar de obscuridade científica, passou, nos últimos anos, essa entidade teórica ou, como preferem alguns chamar, nível de análise, a ser considerada pela linguística contemporânea – ao menos para alguns pesquisadores –, como "elemento central da língua" (VILELA, 1979, p. 17), tirando da sintaxe a hegemonia dos estudos linguísticos (MACHADO FILHO, 2010, p. 49).

No tocante a essa questão, ao se observarem as pesquisas dialetais já publicadas ou em andamento, torna-se imprescindível a referência a um dos maiores projetos de cunho dialetal e sociolinguístico vigentes no Brasil, o *Projeto Atlas Linguístico do Brasil* – ALiB.

A ideia inaugural de elaboração de um atlas linguístico do Brasil no que se refere à língua portuguesa surge com o decreto 30.643, de 20 de março de 1952, conforme exposto em seu parágrafo 3º:

§3º - A Comissão de Filologia promoverá pesquisas em todo o vasto campo de filologia portuguesa – fonológicas, morfológicas, sintáticas, léxicas, etimológicas, métricas, onomatológicas, dialetológicas bibliográficas, históricas, literárias, problemas de texto, de fontes, de autoria, de influências, sendo sua finalidade principal a elaboração do "Atlas Linguístico do Brasil" (BRASIL, 1952, p. 170).

Contudo, por fatores de diversa ordem, sobretudo, política, a ideia de um atlas nacional foi postergada, levando-se a pensar na produção de atlas regionais, enquanto não se atingia o objetivo primeiro. Dentre eles, merece lugar de destaque o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB), fruto do trabalho pioneiro de Nelson Rossi e de sua equipe, financiado pela Universidade Federal da Bahia e publicado em 1963, angariando o título de primeiro atlas linguístico do país. Acerca da literatura sobre o tema já produzida, Razky e Sanches (2015) destacam que:

Os principais trabalhos e estudos de natureza dialetal no Brasil são descritos por Ferreira e Cardoso (1994), em três grandes fases. A primeira vai de 1826 até 1920, data de publicação de *O dialeto caipira* de Amadeu Amaral. Os trabalhos de Amaral são caracterizados como estudos voltados para o léxico, do qual, resultaram numerosos dicionários. A segunda inicia-se a partir da publicação de *O dialeto caipira* (1920). O conhecimento empírico da realidade linguística e a ausência de trabalho de campo sistemático, que marcaram a primeira fase, permanecem nesta segunda, porém, agora se tem uma maior preocupação com a metodologia utilizada nos estudos dialetológicos. Destacam-se aqui dois trabalhos, o referenciado na primeira fase, *O dialeto caipira* e *O linguajar carioca* em 1922 de Antenor Nascentes. O marco da

terceira fase data do ano de 1952 com o decreto 30.643 de 20 de março de 1952 que previa a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil (RAZKY; SANCHES, 2015, p. 2).

Para os pesquisadores mencionados, o

ALiB é um dos projetos macros de dialetologia e sociolinguística que nasce em meio as discussões anteriores e das pesquisas já realizadas [...]. O momento mais importante e que deu impulso para a construção do ALiB foi o Seminário *Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil* realizado na Universidade Federal da Bahia em 1996. Conforme Cardoso (2009), esse espaço foi favorável à construção do projeto, pois reuniu pesquisadores no campo da dialetologia e da sociolinguística, contando com a presença dos autores de atlas linguísticos já publicados, até àquela época (RAZKY; SANCHES, 2015, p. 2).

O Projeto ALiB tem, pois, por objetivo “descrever a realidade linguística do Brasil, no que tange à língua portuguesa, com enfoque prioritário na identificação das diferenças diatópicas (fônicas, morfossintáticas, léxico-semânticas e prosódicas) consideradas na perspectiva da geolinguística” (CARDOSO, 2010, p. 169). Para tal empreitada, o projeto mapeou 250 localidades desde o Oiapoque até o Chuí¹, englobando as capitais e cidades do interior, com vistas a divulgar a riqueza da diversidade linguística no país.

Partindo dessas observações iniciais, esta dissertação traz à cena o léxico do português brasileiro no tocante à Região Norte do Brasil, já que são poucos os trabalhos de cunho lexicográfico que versam sobre a norma lexical da Região. Para tal, são percorridos os caminhos das capitais, a partir dos inquéritos realizados pelo Projeto ALiB. Do *corpus*, são destacadas as informações obtidas com base na aplicação das 202 perguntas do Questionário Semântico-Lexical (QSL-ALiB) aos 48 informantes das 6 localidades investigadas, a saber: Belém, Boa Vista, Macapá, Manaus, Porto Velho e Rio Branco.

Com o propósito de contribuir com o *Dicionário Dialetal Brasileiro* (DDB), o presente trabalho, intitulado *Vocabulário Dialetal da Região Norte do Brasil* (VDN), diferentemente dos dicionários de língua, que preferencialmente têm utilizado os textos escritos em seus trabalhos, será composto por registros de fala, possibilitando a anotação de unidades lexicais que, possivelmente, jamais seriam lematizadas pelos dicionários de língua por representarem desvios do *standard* linguístico nacional.

¹ O município de Oiapoque está localizado no extremo norte do estado do Amapá e o Chuí localiza-se no extremo sul do Brasil.

Desse modo, esta Dissertação oferece o registro de dados lexicais tratados sob a égide da lexicografia histórico-variacional em interface com a dialetologia. Outrossim, em algum grau, tenta-se preencher mesmo parcialmente a lacuna existente no que concerne a obras lexicográficas que forneçam dados científicos – tratados sob princípios teóricos consistentes – para além de contribuir com a salvaguarda do “magno edifício” lexical do português, a que se refere Piel (1991, p. 235), isto é, para a composição histórica do léxico de língua, em que os diferentes falares nacionais possam, enfim, se evidenciar.

Para isto, tem-se como objetivo geral deste trabalho produzir um vocabulário dialetal que documente o léxico dos falantes participantes da pesquisa.

Para atingir esse propósito, os objetivos específicos, por sua vez, são os seguintes:

- I. documentar todas as unidades lexicais patentes no *corpus*;
- II. levantar dados culturais, sociais e históricos acerca das comunidades pesquisadas;
- III. propor uma metodologia adequada que vise à interface entre a lexicografia e a dialetologia e que atenda à necessidade de divulgação expressiva da diversidade linguística;
- IV. contribuir para a ampliação do acervo bibliográfico de estudos lexicográficos em perspectiva variacional, objetivando novos estudos e pesquisas;
- V. contribuir para a construção do DDB.

Expostas as perspectivas que se deseja alcançar, explicitam-se, adiante, os conteúdos constantes neste estudo, bem como a sua organização ao longo dos capítulos posteriores a esta *Introdução*.

O Capítulo 1 apresenta uma breve caracterização acerca das histórias sociais das capitais estudadas, correlacionando-as ao processo de constituição da língua portuguesa. Em seguida, está o Capítulo 2, que discute conceitos teóricos da lexicografia histórico-variacional e seus pontos de intersecção com a dialetologia. Objetiva-se situar as disciplinas, trazendo dados sobre os seus históricos e aspectos teórico-metodológicos.

Depois, no Capítulo 3, são descritos os aspectos metodológicos do Projeto ALiB para coleta de dados, bem como a concepção metodológica do *Dicionário Dialectal Brasileiro*, com o qual se pretende contribuir com verbetes que ajudarão a compor a nomenclatura da obra.

Em seguida, o Capítulo 4 traz o *Vocabulário Dialetal da Região Norte*, com um total de 581 verbetes, utilizados para a composição da nomenclatura do VDN, ordenados alfabeticamente por fascículos temáticos e com o índice geral ao final.

Seguindo-se a esse capítulo, são tecidas as considerações finais, nas quais se analisam alguns fenômenos linguísticos patentes no VDN, além de destacar os aspectos relevantes para a constituição da norma lexical da Região Norte.

1 BREVE HISTÓRIA SOCIODEMOGRÁFICA DA REGIÃO NORTE: OCUPAÇÃO, EXTERMÍNIO E POVOAMENTO

O Brasil tem vivido como nação atlântica e algumas vezes como nação platina. Nunca se realizou como nação amazônica.

Arthur César Ferreira Reis (*apud* Casadei, 1976, p. 61).

Refletir acerca do processo de povoamento e mobilidade demográfica da Região Norte demanda, *a priori*, evocar como centro da discussão, a ideia das diásporas que marca os territórios e as formas como os grupos sociais se reorganizaram nesses novos espaços. Assim, os deslocamentos e as relações estabelecidas com o novo território são constitutivos de significados culturais, ao invés de serem uma simples extensão e transferência do lugar de origem.

Em consonância à ideia defendida pelo historiador e ex-governador do estado do Amazonas, Arthur Reis, de quem se apropria a epígrafe acima, o recente interesse pela integração sociocultural da Região Norte – que outrora foi o lugar das histórias fantásticas de aventura ou de sofrimento diante do meio e do homem hostil – ao cenário geográfico e cultural do país é fruto do projeto político-ideológico que as comunidades constroem para se definirem através da ideia de nação². Embora se possa asseverar que “mesmo os membros da mais minúscula nação jamais conhecerão, encontrarão, ou sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros”, devem ter, entretanto, todos “em mente a imagem viva da comunhão entre eles” (ANDERSON, 2008, p. 32). Entende-se, nesse sentido, que remontar os caminhos da história no que tange aos dados cronológicos e socioculturais é lidar com o processo de formação da nação brasileira, e, em paralelo, traçar os caminhos para a adoção e difusão da língua portuguesa no extenso e plural território nacional, incluindo-se, também, o que Reis chamou de “nação amazônica”. Isso se pode perceber melhor se se rever o cenário de conformação linguística do Brasil desde a colonização até os dias atuais.

Ao estudar a sócio-história do português brasileiro, observa-se que a língua do europeu começa a ser transplantada para o Brasil no século XVI, juntamente com a empresa exploratória. Porém, devido ao cenário de multilinguismo generalizado

² A esse respeito, José Mattoso (2000, p. 16) afirma que “esta consciência forma-se por um processo lento, que não envolve simultaneamente todos os sujeitos. Começa por eclodir em minorias capazes de conceber intelectualmente em que consiste propriamente a Nação; depois esta idéia vai se propagando lentamente a outros grupos, até atingir a maioria dos habitantes do País”.

característico do Brasil-Colônia, a língua só passa a ser majoritária e oficial em meados do século XVIII. A esse respeito, de acordo com Mattos e Silva (2004, pp. 20-21):

Em 1757, com o Marquês de Pombal, se define explicitamente para o Brasil uma política linguística e cultural que fez mudar de rumo a trajetória que poderia ter levado o Brasil a ser uma nação de língua majoritária indígena, já que os dados históricos informam que uma língua geral de base indígena ultrapassara de muito as reduções jesuíticas e se estabelecia como língua familiar no Brasil eminentemente rural de então. Pombal define o português como língua de colônia, conseqüentemente obriga o seu uso na documentação oficial e implementa o ensino leigo no Brasil, antes restrito à Companhia de Jesus, que foi expulsa do Brasil.

No contexto desse esboço histórico, acabou por prevalecer no país o ideal homogeneizador do português, que procurou apagar, progressivamente, toda e qualquer “marca” das línguas autóctones e africanas, desaguando na alegada “vitória da língua portuguesa”, tão propalada por Serafim da Silva Neto:

Por causa, precisamente, dessa falta de prestígio é que a linguagem adulterada dos negros e índios não se impôs senão transitoriamente: todos os que puderam adquirir uma cultura escolar e que, por esse motivo, possuíam o prestígio da literatura e da tradição, reagiram contra ela. (SILVA NETO, 1960, *apud* MATTOS E SILVA, 2004)

Esse ideal não sofreu o êxito esperado. Desse quadro geral, infere-se que o português trazido pelos homens do aquém-mar começa a ganhar novos contornos por conta dos diferentes povos e culturas com os quais esteve em contato. De tal forma, emerge uma língua que se distancia da matriz e agrega na sua constituição a diversidade, fomentando a construção das suas variedades sociais, dentro de uma perspectiva plural e polarizada, conforme proposição de Lucchesi (2004).

Dessarte, há uma articulação entre as normas populares, cultivadas e espraçadas pela massa populacional, e as normas cultas, dominadas por uma ínfima parte da sociedade brasileira com acesso ao ensino escolar e aos bens culturais. De tal modo, no esteio dos trânsitos culturais, esses polos se encontram e interagem de forma contínua. A situação apresentada pode ser resumida no seguinte excerto retirado de Lucchesi (2009, p. 41):

No Brasil, o contato dos colonizadores portugueses com milhões de aloglotas, falantes de mais de mil línguas indígenas autóctones e de cerca de duzentas línguas que vieram na boca de cerca de quatro milhões de africanos trazidos para o país como escravos, é, sem sombra de dúvida, o principal parâmetro histórico para a contextualização das mudanças linguísticas que afetaram o português brasileiro.

A partir daí, evidencia-se a complexa situação de contato entre as línguas que compõem a história linguística do português brasileiro, sobretudo no que tange ao

extermínio das línguas indígenas e de seus povos. Dessa forma, o quadro sociolinguístico da Colônia pode ser assim delineado:

No cenário colonial, os “atores” linguísticos principais em concorrência seriam: as línguas gerais indígenas, o português europeu e o que tenho designado de português geral brasileiro em formação, que teria como falantes principais os indígenas remanescentes que se integraram à sociedade nacional e os africanos e afro-descendentes. (MATTOS E SILVA, 2008, p. 100)

Recuperando um pouco mais detalhadamente esse cenário, vê-se que foi o século XVI o ano da expansão europeia, da conquista e domínio do Novo Mundo. Tal período é marcado pelo deslumbramento com as novas terras e o encontro com o “outro”, processo intrinsecamente caracterizado por violências e humilhações, levando ao extermínio/apagamento do mais fraco, na maioria das vezes. Nesse contexto, destaca-se ainda o início da colonização do território brasileiro, composto por singularidades no que tange à colonização de outras partes do continente americano, sobretudo de natureza linguística.

Nos anos iniciais da colonização, o desenvolvimento de duas línguas gerais indígenas como “línguas de grande difusão numa área”, ainda que tal definição não seja consenso entre os pesquisadores da área, foi fundamental para que os portugueses pudessem impulsionar a empresa exploratória ao utilizá-las como veículo de comunicação. Nesse esteio, houve o desenvolvimento da Língua Geral Paulista (LGP) e da Língua Geral Amazônica (LGA).

O surgimento da LGP está diretamente relacionado à fundação da Capitania de São Vicente, em 1532, e a seu posterior povoamento. Com o estabelecimento da Capitania em solo tupi, cresceu consideravelmente a interação dos portugueses com esses índios, não só do litoral, mas, também e sobretudo, no planalto da Tabatinga e ao longo do rio Tietê. Com o afluxo de homens portugueses ao novo território, passaram eles a viver com as mulheres indígenas. Assim:

Esta foi a situação que prevaleceu na Capitania de São Vicente junto aos *tupí* [sic]. Como em geral, para cada filho de português com mulher *tupí* [sic] não havia outros parentes portugueses, mas somente os parentes indígenas da família da mãe, os mamelucos se tornaram falantes da língua materna, a língua dos *tupí* [sic]. Logo, porém, esses mamelucos passaram a seguir as atividades de seus pais, distanciando-se social e culturalmente das sociedades indígenas de que provinham suas mães. (RODRIGUES, 2006, p. 148)

Como aponta Rodrigues (2006), de meados do século XVI até a primeira metade do século XVIII, a língua geral paulista tornou-se o idioma da Capitania de São Vicente, de onde foi levada pelos bandeirantes, muitos dos quais eram mamelucos, para os territórios de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso.

Por outro lado, desde o século XVII a LGA acompanhou a expansão portuguesa no norte do território, sendo levada pelos missionários, soldados e colonos e lá prevaleceu até o XIX³, sendo a língua dos brasileiros e colonizadores. De tal forma, os sujeitos falantes de outras línguas, incorporados ao sistema colonial, como índios de missões e escravos, “aprendiam neste contato forçado a falar a LGA e aumentavam o número dos que usavam a língua como segunda ou primeira língua” (RODRIGUES, 2006, p. 149).

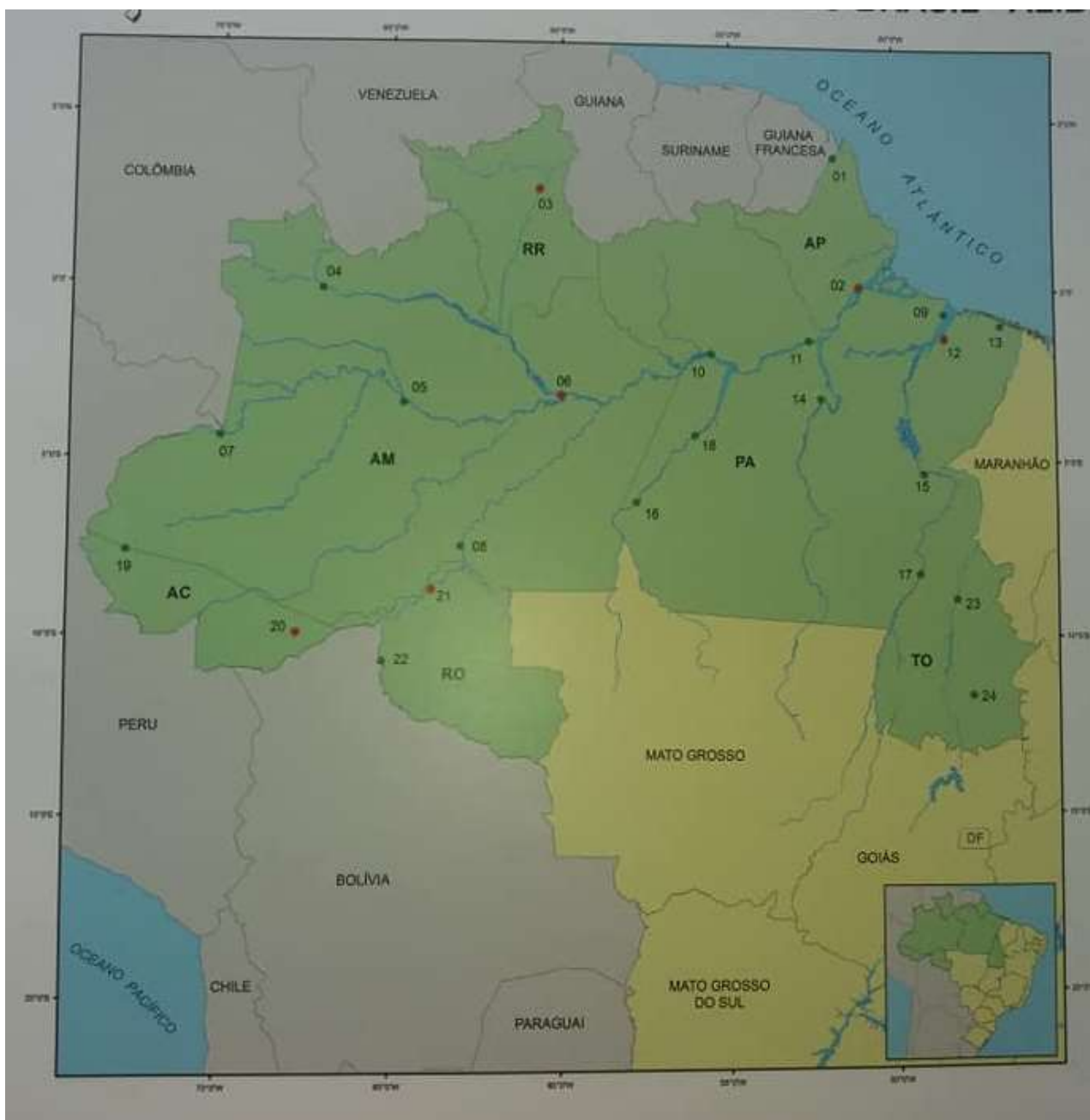
Apesar de todos os esforços empreendidos pelo Marquês de Pombal em meados do século XVIII para extinguir as LGs em prol da valorização e disseminação da língua portuguesa, foi a LGA língua do povo em toda a Província do Amazonas e em boa parte do Pará, até a segunda metade do século XIX, já que houve uma dizimação acentuada da população que mantinha tal língua em uso. Concorde-se, a esse propósito, com o que afirma Rodrigues (2006, pp. 149-150):

Em consequência da depopulação ocorrida, quando, no final do século tratou-se de intensificar a extração da borracha, foi necessário importar maciçamente mão-de-obra de fora da Amazônia, particularmente dos estados nordestinos, nos quais a única língua popular era o português. Foi então que esta língua passou a ter seu curso geral em porções cada vez extensas da Amazônia. O ciclo econômico da borracha, além de renovar a população, contribuiu para o desenvolvimento do comércio e da navegação, reforçando a implantação do português. No início do século XX, o uso da LGA foi ficando limitado a algumas ilhas populacionais nos rios Tapajós, Madeira e Solimões, mas com um grande reduto no alto rio Negro e em seus afluentes, principalmente no Içana e no Uaupés.

A respeito do delineamento desse cenário, ainda que breve, torna-se evidente que o encontro entre o português e as cerca de 1200 línguas indígenas presentes na costa no momento da colonização do Brasil foi marcado por uma história de glotocídios e extermínio de populações inteiras. Afora isso, as distintas ondas migratórias, as quais foram proporcionadas pelos diferentes ciclos econômicos, ajudariam a montar o cenário linguístico da Região Norte. Entende-se, assim, que a formação da língua portuguesa no Brasil está diretamente relacionada ao desenvolvimento histórico do país e suas particularidades. Desse modo, é preciso analisar as conjunturas sociais das seis localidades investigadas para melhor compreender como se desenvolveram as variedades do PB, aqui estudadas.

³ Observe-se que a derrocada da língua geral, como um todo, inicia-se com as políticas pombalinas em meados do século XVIII.

Figura 1- Estados e capitais da Região Norte do Brasil



Fonte: Atlas Linguístico do Brasil

Como se pode observar a partir da Figura 1 pode-se depreender que a Região Norte do país é formada por sete unidades federativas e suas capitais: Acre (Rio Branco), Amapá (Macapá), Amazonas (Manaus), Pará (Belém), Rondônia (Porto Velho), Roraima (Boa Vista), e Tocantins (Palmas). Dessas capitais, a única que não faz parte da rede de pontos do ALiB é Palmas, por conta da sua recente fundação na altura em que foram

estabelecidas as áreas a serem investigadas, não havendo falantes nativos que preenchessem os critérios do Projeto.

Acerca do processo de povoamento da Região, evidencia-se, de modo geral, a conquista da área amazônica e a consequente fundação de vilas pelos portugueses, que posteriormente deram lugar às capitais, iniciando-se no século XVII, por expansão do povoamento da Colônia e da defesa do território dos ataques estrangeiros, sobretudo dos espanhóis e holandeses, e encerrando-se no século XX. No que concerne à composição humana da região, ressalta-se o papel preponderante do elemento indígena, pertencente a variadas etnias, ao qual se juntaram europeus e africanos, em menor escala. Ao contingente populacional já presente, integraram-se os imigrantes provenientes das ilhas portuguesas, sobretudo dos Açores, na Região Amazônica. Nas palavras de Diégues Jr. (1960, p. 196):

O português vindo para a Amazônia tanto foi o metropolitano quanto o ilhéu, sobretudo dos Açores [...]. Os casais açorianos representavam, no século XVIII, medida de estímulo ao povoamento da região. Desde o século XVII tentava-se a entrada de ilhéus; nos fins daquela centúria chegaram ilhéus do Faial, e ao que se sabe, muito bem tratados pelos moradores do Pará.

Observa-se assim como a região sempre foi palco para o exercício de políticas de expansão do contingente demográfico. Ademais, um novo surto migratório ajudou a caracterizar esse espaço, tendo sido relevante a chegada dos nordestinos, em fins do século XIX, com o ciclo da borracha. A presença desses migrantes foi de suma importância para o impulso da economia e para o povoamento, obviamente. De tal modo, a

entrada dos elementos nordestinos permitiu desenvolver-se a exploração dos seringais. Os contatos étnicos e culturais então verificados possibilitaram a formação da vida social, com base na economia extrativista [...]. A participação do elemento nordestino representou a presença de nova contribuição humana à vida regional. E essa contribuição não se traduz apenas do ponto de vista cultural. (DIÉGUES JR., 1960, pp. 206-207)

No que se refere ao processo de povoamento de cada capital, especificamente, nota-se uma heterogeneidade própria de cada localidade. A constituição das primeiras vilas e cidades, que posteriormente dariam lugar às capitais, pelos portugueses e seus descendentes, remonta ao século XVII, iniciando-se pelas vias fluviais. Destaca-se, ainda, a defesa das terras das sucessivas investidas dos holandeses e franceses e o uso da mão de obra indígena para a extração de especiarias.

A história dessas capitais é necessária para o melhor entendimento das heranças linguísticas que se pretende aqui caracterizar. A primeira delas é Santa Maria de Belém do Grão Pará, ou simplesmente Belém do Pará, fundada em 12 de janeiro de 1616.

A cidade foi a primeira capital da Região Norte do Brasil e está localizada ao nordeste do estado do Pará. Sua fundação associa-se à preocupação da Corte portuguesa quanto às investidas dos franceses que, estando no Maranhão, não chegassem àquela região. De tal forma, atesta-se que a região começou a ser colonizada pelos portugueses a partir de Belém, porque, antes de os franceses chegarem e fundarem a cidade de São Luís (Maranhão), em 1612, essa parte não ocupava um lugar de prestígio e interesse para a Corte portuguesa. Assim, em 1630 aportaram os primeiros jesuítas, e, nesse mesmo período, houve diversos conflitos para garantir a subjugação dos índios tupinambá e pacajá, habitantes da área.

Contemporaneamente, Belém vive das atividades do comércio e de serviços, sendo também desenvolvida a atividade industrial com grande número de fábricas alimentícias, navais, metalúrgicas, pesqueiras, químicas e madeireiras. A Grande Belém localiza-se na região mais dinâmica do estado e juntamente com o município de Barcarena, a 15 km para o sul da capital, integra o segundo maior parque industrial da Amazônia.

Outra cidade fundada nos idos do século XVII, que viria a se transformar em capital, foi Manaus. Nos finais do século XIX, em 1883, a futura capital do estado do Amazonas foi elevada à categoria de vila, cuja grafia de época era *Manaós*, em homenagem à tribo de mesma denominação que se recusava a ser dominada e explorada pelos portugueses, mas, que foi, enfim, vencida. Revela-se, nesse contexto, que o ato de nomear um dado espaço geográfico carrega em sua estrutura interna elementos sêmicos de dupla natureza: o desejo de representar as características físicas do ambiente e as suas subjetividades.

De tal modo, o processo de colonização da região foi marcado por conflitos com os autóctones, construção de fortalezas e a presença dos homens de segurança para combater o avanço das tropas francesas.

O ápice econômico dessa área se deu a partir da descoberta do látex por parte dos estrangeiros no século XIX. Dessa maneira, a cidade viveu um próspero período econômico, sendo por muito tempo considerada uma das cidades mais ricas do país. A riqueza presente na “metrópole da borracha” favoreceu a implantação de serviços de transporte, tratamento e distribuição de água potável, telefonia, eletricidade e a construção de um porto flutuante, que possibilitou seu desenvolvimento marítimo.

Hoje, a grande incentivadora do desenvolvimento econômico da capital amazonense em termos de economia e urbanização é a Zona Franca de Manaus, fundada a partir da década de 1960. Nesse sentido, a cidade passou a ocupar um lugar de destaque como um dos maiores centros industriais do país, sobretudo no tocante às áreas da comunicação e do transporte. Com esse crescente desenvolvimento, houve um aumento demográfico exponencial em que a população passa de 200 mil habitantes na década de 1960 para 900 mil nos anos de 1980 e, posteriormente, para 1,5 milhão nos anos 2000, segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. A partir da abertura das fronteiras territoriais para a chegada dos novos imigrantes, tais encontros deixaram marcas significativas na cultura local, como bem aponta Leandro Tocantins:

A cultura amazônica [...] sobressai na congregação dos vários Brasis com expressão singular, ecologicamente singular, que precisa ser entendida, sobretudo, pelos poderes públicos, pois à ação normativa e desenvolvimentista do Governo cabe, em primeiro plano, responsabilidade de dinamização demográfica, social e econômica da Amazônia, desde que a Amazônia, o imenso deserto do Brasil, deve ser uma nova fronteira social e nunca individual. (TOCANTINS, 1969 *apud* SERÁFICO, 2005)

Ao nordeste de Manaus, no século XVIII, em 1740, iniciou-se a construção de Macapá, fundada após o rei português D. João V autorizar o governador do Pará a construir um novo forte no local das ruínas da fortaleza de Santo Antônio. A partir da nomeação de Francisco Xavier de Mendonça, irmão do Marquês de Pombal, houve início o processo de colonização de vilas na Amazônia setentrional. Nessa época Macapá assistiu à chegada de colonos vindos dos Açores. Sobre esse fato, o autor esclarece:

O português vindo para a Amazônia tanto foi o metropolitano como o ilhéu, sobretudo dos Açores. Os casais açorianos representavam, no século XVIII, medida de estímulo ao povoamento da região [...]. Em março de 1750, El Rei D. João, respondendo a uma carta do Governador e Capital Geral do Maranhão, [...] aludia à sugestão de se fundarem colônias dos moradores das ilhas dos Açores, fazendo algumas povoações pelo Macapá e ainda um presídio na região confinante com a Guiana Francesa. (DIÉGUES JR., 1960. pp. 196-197)

Nos dias atuais, a grande frente econômica de Macapá é o comércio. Por sua localização geográfica, não possui interligação por rodovia a outras capitais, mas mantém ligações comerciais marítimas com a Europa, América Central e América do Norte. Por ser a quinta cidade mais rica do estado, aproximadamente 60% de toda a população está localizada na capital.

No outro extremo do mapa, a oeste, seguindo o curso do rio de mesmo nome, fundou-se, no século XIX, o Acre. Note-se que até esse momento o território era ainda considerado espaço boliviano. Por conta do promissor potencial extrativista, um dos

primeiros de tantos aventureiros que chegaram com o sonho de enriquecer na região foi Neutel Maia, fundador do Seringal Empresa, importante entreposto comercial da época. Assim, juntamente com o surgimento de outros seringais, o território se tornou um atrativo polo econômico extrativista, o que corroborou, posteriormente, para uma disputa de longos quatro anos pelo domínio do lugar entre revolucionários brasileiros e tropas bolivianas. Esse fato histórico ficou conhecido por Revolução Acreana.

Findada a Revolução Acreana, com a assinatura do Tratado de Petrópolis, em 1903, o Acre definitivamente foi integrado ao Brasil. Sobre sua capital, registra-se que sua área correspondia a uma pequena vila comercial que, em 1904, se tornou sede do Departamento do Alto do Acre e, em 1912, passou à categoria de cidade, quando foi nomeada Rio Branco.

Mais recentemente, a partir da década de 70, Rio Branco passou a receber imigrantes nordestinos, sobretudo por conta dos longos períodos de estiagem e em função do apelo econômico da borracha, o que alavancou a economia local. Hoje, contrariamente, a economia da capital é irregular, destacando-se, porém, dentre as atividades, a pecuária.

Na parte setentrional mais a oeste da região, localizada ao norte da Linha do Equador, surgiu Boa Vista, capital do estado de Roraima. A localidade é remanescente das antigas fazendas de gado situadas ao longo da bacia do Rio Branco – formada pelos rios Tacutu e Uraricoera – onde surgiu um povoado por volta de 1830. Já nos idos de 1890 o povoado foi elevado à categoria de vila e 36 anos mais tarde, em 1926, tornou-se cidade. Em 1940, com a prosperidade vivida a partir do garimpo, passou o recém-criado Território Federal do Rio Branco a se chamar Roraima.

Contemporaneamente, apesar do seu traço urbano organizado de forma radial, com base nos princípios da modernidade europeia, Boa Vista guarda características de cidade pequena, concentrando toda a área comercial no centro da cidade, contrariamente aos grandes centros urbanos, que possuem diversos bairros com polos comerciais.

Seguindo o eixo cronológico de fundação das capitais, eis, por fim, Porto Velho. A cidade foi fundada aproximadamente em 1907 por desbravadores que trabalhavam na construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, ferrovia construída para superar o trecho encachoeirado do rio Madeira e dar vazão à borracha produzida na Bolívia e na região de Guajará Mirim, a aproximadamente 1600 quilômetros de distância de Porto Velho. A capital de Rondônia foi oficializada em 1914 e, à época da construção da ferrovia, predominavam como idiomas o espanhol e o inglês, por conta da quantidade de

trabalhadores estrangeiros, sendo o português a língua dos documentos oficiais. De tal modo, Porto Velho nasceu das instalações portuárias, ferroviárias e residenciais da Madeira-Mamoré.

Hodiernamente, apesar de passados tantos anos desde sua fundação, Porto Velho apresenta como grande frente econômica atrações vinculadas à estrada de ferro.

A partir da breve história social aqui traçada, ressalta-se, nos primeiros séculos de colonização, o papel preponderante do elemento indígena, pertencente a variadas etnias, ao qual se juntaram o homem português e os escravos africanos, em menor número. Já no século XIX, para um melhor entendimento da organização sociocultural da Região Norte do Brasil, cabe destacar a importância dos surtos migratórios, sobretudo dos portugueses açorianos e dos nordestinos, impulsionando além da economia, o povoamento da região, como bem aponta Diégues Jr. (1960):

[...] A entrada dos elementos nordestinos permitiu-se desenvolver a exploração dos seringais. Os contatos étnicos e culturais então verificados possibilitaram a formação da vida social, com base na economia extrativa.

[...] A participação do elemento nordestino representou a presença de nova contribuição à vida regional. E essa contribuição não se traduz apenas do ponto de vista étnico, em que, aliás, foi pequena; traduz-se igualmente do ponto de vista cultural, pois os nordestinos já possuíam uma experiência agrária mais longa, além de que, pelas próprias condições do meio em que nasceram, estavam armados de uma capacidade de resistência e de adaptação ao ambiente amazônico. (DIÉGUES JR., 1960, pp. 206-207)

Nesse esteio, desde logo, as lexias “demografia” e “história” condicionam-se, reciprocamente, no intuito de dar a conhecer a vida social e todos os movimentos de chegada, partida e, sobretudo, (re)existência dos sujeitos e seus territórios de pertencimento.

Assim, conhecer e respeitar a história de formação e expansão da Região Norte é fundamental para, em algum grau, garantir a condição de existência desses indivíduos e proteção de sua identidade, especialmente no tocante à língua, e para assegurar o entendimento contextualizado das contribuições léxico-dialetais que essa Região pode deixar por herança no trabalho que aqui se propõe.

2 PRINCÍPIOS TEÓRICOS DA LEXICOGRAFIA DA DIVERSIDADE: DIÁLOGO INTERDISCIPLINAR

*Já não quero dicionários
consultados em vão.
Quero só a palavra
que nunca estará neles
nem se pode inventar*

*Que resumiria o mundo
e o substituiria.
Mais sol do que o sol,
dentro da qual vivêssemos
todos em comunhão,
mudos,
saboreando-a.*

(Carlos Drummond de Andrade. *A Paixão Medida/A palavra*, 1983).

O léxico de uma língua “é o elemento mais diretamente chamado a configurar linguisticamente o que há de novo” e, por essa razão, é o aspecto mais afetado pelas mudanças ao longo do tempo (VILELA, 1994, p. 14). Nesse sentido, o léxico é o nível da língua que mais rapidamente acompanha as dinâmicas da sociedade, adaptando-se aos novos contornos sociais e desejos do falante, o qual age sobre a língua significando e, em tempos em que o debate acerca do respeito à diversidade está em voga, ressignifica os usos linguísticos.

Assim, ao pensar sobre os produtos lexicográficos, em especial os dicionários, ou mesmo os *thesaurus* de uma língua, como a ferramenta responsável por guardar, dentro da dimensão do possível, as unidades de língua de uma nação, é necessário considerar que um dicionário representa apenas uma parte da realidade linguística de uma comunidade.

Nesse contexto, dentre os fatores que impossibilitam tal registro, cabe destacar o lugar ocupado pela globalização e a facilidade que essa trouxe para o estabelecimento da comunicação entre povos, pois, de tempos em tempos, unidades linguísticas caem em desuso ou novas unidades aparecem muitas vezes como usos da moda⁴, as quais nem sempre permanecem na língua a ponto de alcançarem o estatuto necessário para serem dicionarizadas.

⁴ Entende-se por usos da moda as unidades vocabulares que são repetidas exaustivamente por celebridades e pessoas comuns, dentro ou fora de contexto, sobretudo as expressões em língua inglesa, como *crush*, *stalkear*, *bugado*, *shippar* etc.

De tal modo, coadunando com os anseios modernistas de Drummond, de quem se apropria a epígrafe, há palavras⁵ que, em sua vasta potência, não podem ser canonizadas e aprisionadas em páginas de dicionários. Afinal, o que confere vitalidade e dinamicidade às palavras, quando em seu “estado de dicionário”, não é a função de aprisionar o sentido a um ordenado de significantes, mas sim a capacidade de converter tal enrijecimento em possibilidade de uso.

Por essa razão, é mister defender o desenvolvimento de uma lexicografia da diversidade, ou seja, um tratamento lexicográfico dos dados que considere as idiossincrasias dos sujeitos e de sua comunidade de pertencimento.

2.1 NOTAS SOBRE O SURGIMENTO DA LEXICOGRAFIA

Com o fito de melhor compreender a multifacetada realidade lexical de uma língua e promover a interação entre as nações, muito antes da lexicografia instituir-se como disciplina linguística, as sociedades presenciaram o surgimento dos primeiros produtos lexicográficos.

Mesmo *dicionário* tendo origem no latim medieval *dictionarius*, que significa coleção de palavras, tal prática de organizar palavras em forma de listas remonta ao tempo dos Acádios, povo habitante da região central da Mesopotâmia, no século VII a C. Segundo Farias (2007, p. 89):

[...]existiam [...] listas bilíngües onde cada termo sumério é apresentado com sua tradução em acadiano e essas tiveram um papel cada vez mais importante [...]Essas listas bilíngües apresentavam organização a partir de campos semânticos⁶ ligados principalmente às atividades mercantis da época. Os babilônios também se inserem nessa pré-história da lexicografia ao produzirem suas listas de palavras três milênios antes da era cristã.

Coadunando com tal assertiva, Fernández- Sevilla (1974, p. 13) aponta que:

Entre sumerios y acadios debió existir desde muy antiguo una actividad lexicográfica que cristaliza en recopilaciones de signos que debieron de funcionar, en parte, como diccionarios unilingües (a partir del año 2.600 a.C.) de motivación pedagógica, para uso de las escuelas de escribas: también existieron “catálogos” de nombres de oficios, de objetos, de divinidades, etc., así como glosarios bilingües sumero-arcadios cuando la primera de esas

⁵ Apesar do uso do conceito de palavra neste texto, com fins apenas de retomada do pensamento do poeta, reconhece-se a impropriedade terminológica da palavra, constituindo-se como um problema para gramáticos e linguistas.

⁶ Aponta-se para o emprego equivocado do termo campo semântico pelo autor, já que, de fato, a ideia exposta remonta ao conceito de área temática ou campo conceitual.

lenguas pasó a ser lengua de cultura y diplomática, tras la caída del III Imperio de Ur, e incluso glosarios cuadrilíngües, como el sumero-acadio-hurrita-ugarítico de la biblioteca de Rap'anu⁷.

No que tange à lexicografia na Antiguidade, ampliando o aporte de registro, salienta-se a importância dos glossários, sobretudo os produzidos pela escola grega de Alexandria e, entre os latinos, o *Appendix Probi*, do século II d.C, uma lista composta por 227 linhas que apresenta um inventário de formas “corretas” à esquerda e “incorretas” à direita. As formas desviantes eram utilizadas pela massa popular e incluíam a inserção do diminutivo, mudanças no timbre das vogais, e processos metaplásmicos, mormente de supressão, como a queda do “m” no final de alguns itens. No quadro a seguir foram representadas algumas de suas glosas:

Quadro 1 – Amostra de glosas do *Appendix Probi*

| |
|---------------------------------|
| <i>Hercules non Herculens</i> |
| <i>columna non colomna</i> |
| <i>Theophilus non Izophilus</i> |
| <i>bravium non brabium</i> |
| <i>oculus non oclus</i> |
| <i>meretrix non menetris</i> |
| <i>auctor non autor</i> |
| <i>tabula non tabla</i> |
| <i>rivus non rius</i> |
| <i>formica non furmica</i> |

Fonte: Elaborado pela autora

O *Appendix Probi* tinha como principal objetivo o espelhamento do latim clássico, a língua da Igreja, do direito, do saber, da cultura e dos documentos oficiais, na fala culta, negando o uso de qualquer forma que destoasse do padrão imposto.

⁷ “Entre sumérios e acádios deve ter existido desde muito antiga uma atividade lexicográfica que cristaliza em coleções de signos que deveriam funcionar, em parte, como dicionários monolíngües (a partir do ano de 2.600 a.C.) de motivação pedagógica, para o uso das escolas de escribas: também existiram “catálogos” de nomes de ofícios, objetos, divindades, etc., bem como glossários bilíngües sumero-arcádios quando a primeira destas línguas passou a ser língua da cultura e diplomática, depois da queda do Terceiro Império de Ur, e mesmo glossários quadrilíngües, como o sumero-acádio-hurrita-ugarítico da biblioteca de Rap'anu”.

Ainda deste período, cita-se como obra de grande relevância o texto *De Lingua Latina*, da autoria de Varrão, gramático romano do século I a.C., que apresentava além da etimologia, os aspectos semânticos de alguns vocábulos.

Desse modo, tal realidade impulsionou a criação de glossários, entretanto,

[...] essas obras tinham como consulentes somente os mestres, pois tratavam-se de textos complexos, volumosos e de manipulação muito difícil. Posteriormente, com a descoberta da imprensa e com a expansão da escolarização na Europa, essas obras tornaram-se mais acessíveis (FARIAS, 2007, p. 91).

No tocante ao contexto da Idade Média, esse período pode ser caracterizado como um momento de alta produtividade lexicográfica, já que os filólogos e gramáticos começaram a produzir trabalhos que instruísem acerca do “uso correto” do vocabulário, especialmente na modalidade escrita. Afinal, nesse momento histórico havia um gama considerável de línguas em contato por conta das conquistas de novos territórios, o que ameaçava o “bom uso” do latim.

Dessa forma, pode-se citar como glossários a época as *Etimologias* de Santo Isidoro de Sevilha, a primeira enciclopédia escrita na cultura ocidental, composto de vinte volumes, uma obra indispensável nas bibliotecas da época. A esse respeito, Nunes (2006, p. 46) afirma que tal obra “contemplava desde as artes liberais, com destaque para o *trivium* (lógica, retórica e gramática) até as artes utilitárias: saber jurídico, teológico, ciências da guerra e do mar, tempo e espaço cotidiano.”

Ademais, citam-se também o *Glossário de Reichenau* (séc. VIII); o *Glossário de Cassel* (séc. IX); além do *Papias* e do *Catholicon*, de João Baldo de Gênova (séc. XV), primeiro dicionário a ser impresso por Gutenberg, alemão que aprimorou a impressão e revolucionou a história da informação”. (COSTA, 2008, pp. 28-29).

Com a chegada da Modernidade o homem passa a ser o centro de sua própria realidade, as expansões marítimas se desenvolveram, assim como as artes, o que possibilitou uma maior troca de saberes entre povos com diferentes línguas. Dessarte, pode-se atestar que esse é o momento em que de fato a prática lexicográfica se intensifica, pois

surgem nesta época, mais precisamente no século XV, os primeiros dicionários bilíngües espanhóis: o dicionário castelhano latim *Universal Vocabulario*, de Alonso Palencia (1490), o vocabulário *Latino Español* da autoria de Antonio de Nebrjia, que mais tarde, em 1507, publica também um dicionário latim-catalão. A Europa, do século XVI, foi marcada pelo surgimento de inúmeros dicionários bilíngües em muitos países como a Espanha, Itália, França e Portugal. Na França, destacamos o *Dictionarium latino-gallicum e o Dictionnaire françois-latin*, de Robert Estienne, publicados em 1539. Foi durante o período renascentista que os dicionários de uma única língua

passaram a ser chamados de *thesaurus* (*tesouro*). Podemos então citar as seguintes obras caracterizadoras desta fase: o *Thesaurus latinae linguae*, de Robert Estienne, publicado em 1532 e o *Thesaurus graecae linguae*, de Henri Estienne, publicado em 1572 (FARIAS, 2007, p. 92).

Ainda no século XVI ocorreu o início da produção de obras lexicográficas em língua portuguesa, com a publicação do *Dictionarium ex Lusitanico in Latinum Sermonem* (1562), de Jerônimo Cardoso, fixando a técnica de elaboração de qualquer dicionário em português. Nessa mesma época, os padres jesuítas devido a sua missão de catequização e escolarização dos gentis, investiram na produção de manuais escolares e de dicionários.

Já no século XVII a publicação de algumas obras monolíngues marcou época, como o *Tesoro de la Lengua Castellana*, de autoria de Sebastian Covarrubias, uma enciclopédia que oferece informações complexas a respeito da cultura da época; o *Diccionario de Autoridades*, da Real Academia Espanhola, que defende a ideia de que uma língua deve pautar-se na norma usada pelos melhores literatos; e os dicionários franceses *Richelet*, *Furetière* e o *Dicionário da Academia Francesa*, configurando o “grand siècle”⁸ da civilização francesa.

A *Enciclopédia* caracterizou o grande projeto lexicográfico do século XVIII, impulsionado por Diderot e D’Alembert, mas posteriormente notáveis figuras do Iluminismo contribuíram para a obra, incluindo Turgot, Holbach e Montesquieu.

Nesse mesmo século ocorreu a produção das obras lexicográficas portuguesas mais completas até então, como o dicionário bilíngue o *Vocabulario Portuguez e Latino*, do padre Raphael Bluteau, composto de dez volumes, elaborado em Coimbra entre os anos de 1712 e 1721. O *Vocabulario* apresenta uma variedade de informações,

não é apenas um dicionário bilíngue cujo objetivo seria fornecer a palavra ou expressão latina que traduzisse um termo português; na verdade, Bluteau elaborou um trabalho misto, pois a parte relativa à língua portuguesa constitui praticamente um dicionário da língua portuguesa (BIDERMAN, 1984, p. 05 *apud* COSTA, 2018, p. 31).

Murakawa (2001, p. 154) acrescenta ainda que o trabalho dá “[...] continuidade ao espírito humanista do Renascimento de que o dicionário é uma obra em constante evolução, foi o primeiro a fixar um *corpus* lexical autorizado para a língua portuguesa”.

Outra obra importante é *Elucidario de palavras e frases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram: obra indispensável para*

⁸ Período no qual a França superou a Espanha como potência dominante na Europa e estabeleceu sua primazia cultural.

entender sem erro os documentos mais raros, e preciosos, que entre nós se conservam, elaborado pelo Frei Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, em Lisboa em 1798.

Uma obra-prima da lexicografia é o trabalho de Moraes e Silva, o *Dicionário da Língua Portuguesa*, o primeiro dicionário monolíngue em português, editado em Lisboa, em 1789. Na primeira edição, o autor apresenta um resumo da obra de Bluteau e faz alguns acréscimos. Já na segunda edição, em 1813, composta por dois volumes e toma para si a publicação. Segundo Biderman (1984, p. 05 *apud* COSTA, 2018, p.31):

É o primeiro dicionário de uso da língua, muito avançado para os padrões lexicográficos da época. Apesar de ter-se baseado na obra do Padre Bluteau, sobretudo na primeira edição, na segunda edição Moraes libertou-se de seu modelo, ampliou consideravelmente a obra com respeito ao número de verbetes, incluídos, e mais que isso, apurou o seu trabalho lexicográfico.

No que se refere à lexicografia em língua portuguesa, o século XIX apresentou importantes obras como *O Grande Dicionário Português* ou *Tesouro da Língua Portuguesa* (1871-1874), da autoria de Frei Domingos Vieira. A obra foi construída a partir dos esquemas e anotações do religioso, porém, foi executada por uma equipe em consequência do falecimento do Frei.

O Grande Dicionário apresenta como relevante contribuição para o campo lexicográfico o tratamento da definição lexicográfica acompanhada de abonações que contextualizam a unidade linguística. Desse modo, é “bastante completo e informativo para o século XIX. Via de regra os significados e usos linguísticos são ilustrados com citações de bons autores. São indicados: o étimo da palavra-entrada, expressões idiomáticas e sintagmas frequentes em que ocorra esse vocábulo-lema” (BIDERMAN, 1984, p. 06 *apud* COSTA, 2018, p. 33).

Outra obra importante é o *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa* (1881), planejado e iniciado por Caldas Aulete, mas que por sua morte prematura foi finalizado por Santo Valente e equipe. Seguindo o princípio proposto por Moraes e Silva de incluir brasileirismos nas obras, tal ideia passou a caracterizar a atividade lexicográfica em língua portuguesa. Assim, Nunes (2006, p. 58) orienta que os trabalhos monolíngues podem ser divididos em dois momentos:

O primeiro é o que vem da tradição portuguesa. Os dicionários gerais, tais como Moraes (1789), Aulete (1881) e o Figueiredo (1899) passam a incorporar um número cada vez maior de brasileirismos. Trata-se da via de complementação ou enriquecimento da língua portuguesa, marcada pela continuidade. A outra via é a da produção de dicionários de brasileirismos, cada vez mais extensos. Essa via marca-se pela tendência à ruptura e vê a

perspectiva de um dicionário que representasse a língua nacional. Esses dicionários do final do século XIX apontam para a vinda dos grandes dicionários brasileiros de língua portuguesa, o que de fato só ocorrerá em meados do século XX.

Cabe salientar ainda que no século XIX, impulsionado pelos ideais românticos de busca por uma identidade nacional, em que, obviamente, insere-se a língua e suas nuances, a lexicografia investiu em trabalhos que trouxessem à tona a norma brasileira em oposição à europeia. Dentre essas obras, cita-se o *Diccionario da Língua Brasileira* (1832), de Luís Maria Silva Pinto; o *Vocabulario Brasileiro para servir de complemento aos dicionários da língua portuguesa* (1853), de Braz da Costa Rubim e o *Vocabulario indígena em uso na Província do Ceará* (1887), de Paulino Nogueira, além de muitos outros.

No século XX, segundo Farias (1995, p. 95), outras obras merecem destaque: o *Dicionário da Língua Portuguesa*, de Antenor Nascentes (1961-1967), o *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, (1975; 1986; 1999), o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2004), o *Michaelis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa* (1998) e o *Dicionário UNESP o português contemporâneo* (2004), de Borba e colaboradores.

O trabalho de Nascentes conta com aproximadamente 25.000 unidades lexicais, organizado em quatro volumes. Apesar de todo o rigor científico na composição do material, essa obra é pouco conhecida, pois foi publicada uma única edição, esgotando-se rapidamente.

O dicionário de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira é seguramente, no Brasil, o mais vendido da atualidade. Nele podem ser encontrados arcaísmos, gírias, regionalismos e estrangeirismos. Assim, devido ao sucesso popular,

o *Aurélio* tem sido objeto de muitas pesquisas lexicográficas e, conseqüentemente, também de várias críticas. Segundo Biderman (2000), por exemplo, a obra peca pelo inchaço em sua nomenclatura, faltam-lhe fontes seguras para abonar termos técnicos e ainda, segundo a lexicógrafa, seu modelo de verbete é questionável (COSTA, 2018, p. 35).

Contudo, apesar das críticas tecidas por especialistas da área, ele segue destacando-se na vendagem de dicionários e se adaptando às novas ferramentas tecnológicas – versão em disquete (1998); versão em CD-ROM (1999) e uma versão para internet desde 2001. “A última edição do *Aurélio* chegou ao mercado com o título *Novo Aurélio: século XXI*, com 25% a mais de texto do que a edição anterior. Possui 28.000

verbetes novos, totalizando 168.000. Conta ainda com 54.000 citações extraídas de obras de 1.400 autores” (FARIAS, 20017, p.96).

Também segue pelo caminho tecnológico o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2001), elaborado por Antônio Houaiss e equipe, além de contar com a contribuição de especialistas portugueses, timorenses e angolanos. A edição digital (2009) apresenta 442 mil entradas, sendo considerado o maior dicionário da língua portuguesa no que se refere à extensão da nomenclatura.

A quarta obra, o *Michaelis*, “[...] já se tornou uma obra de referência da língua portuguesa. Possui 2.259 páginas, com mais de 200.000 verbetes e já vendeu 85.000 exemplares em menos de um ano. Trata-se de uma obra lexicográfica atualizada e de destaque à disposição dos falantes do português” (FARIAS, 20017, p.96).

A quinta obra, o *Dicionário UNESP do Português Contemporâneo*, organizado por Francisco S. Borba e colaboradores, tem uma nomenclatura pautada em um *corpus* com cerca de 50 milhões de palavras registradas. Ademais, foram feitas notações em relação ao uso do português europeu contemporâneo”.

A partir do exposto nesse breve relato histórico, a arte de fazer dicionários passou por distintas fases até ganhar os contornos atuais, testemunhando os diversos momentos históricos e o homem do seu tempo. Pode-se atestar, dessa forma, que mais do que uma ferramenta para guardar palavras, a lexicografia é também o registro da história do homem.

2.2 DIALETOLOGIA E LEXICOGRAFIA: UM DIÁLOGO INTERDISCIPLINAR

Cardoso (2008, p. 16) define a dialetologia como “[...] ramo dos estudos da ciência da linguagem que se ocupa da variação e da diversidade de usos”. Desde o surgimento dos primeiros trabalhos na área da dialetologia, em meados do século XIX, coube a ela a função de registrar e fornecer tratamento adequado à variação lexical independente das ocorrências encontradas fazerem ou não parte do *standard* linguístico. Para tal, utiliza como metodologia de trabalho a geolinguística ou geografia linguística, a qual o seu surgimento

como disciplina autônoma está associado à elaboração do ‘Atlas linguistique de la France’ (ALF) (1902-1910) de J. Gilliéron e E. Edmont, que embora surja na seqüência de outros trabalhos desta natureza, é o primeiro atlas lingüístico a orientar-se pelos critérios mais rigorosos que esta disciplina veio a optar. A Geografia Lingüística é, desde então, entendida como o estudo cartográfico dos dialetos (FERREIRA, 1996, p. 484)

Com o aperfeiçoamento do método geolinguístico, mais precisamente com o estabelecimento da concepção pluridimensional dos estudos dialetológicos, a partir da segunda metade do século XX, foi possível registrar os usos linguísticos em distintas e diversificadas partes do país e considerar, também, os aspectos sociológicos que, em algum grau, condicionam o comportamento linguístico do falante. A esse respeito, Cardoso (2010, p. 25) considera que:

[...] estudando a língua, instrumento responsável pelas relações sociais que se documentam entre membros de uma coletividade ou entre povos, a dialetologia não pôde deixar passar ao largo a consideração de fatores extralinguísticos, inerentes aos falantes, nem relegar o reconhecimento de suas implicações nos atos de fala. Dessa forma, idade, gênero, escolaridade e características gerais de cunho sociocultural dos usuários das línguas consideradas tornam-se elementos de investigação, convivendo com a busca de identificação de áreas geograficamente definidas do ponto de vista dialetal.

A partir do momento em que os dialetos se tornam objeto de atenção dos linguistas, tem-se, então, o dialeto como objeto de estudo dessa disciplina. Tal conceito é abordado de diferentes maneiras de acordo com a concepção adotada por cada linguista. No dizer do linguista romeno Eugenio Coseriu (1982, pp. 11-12):

[...] um dialeto, sem deixar de ser intrinsecamente uma língua, se considera subordinado a outra língua, de ordem superior. Ou, dizendo de outra maneira: o termo dialeto, enquanto oposto a língua, designa uma língua menor incluída em uma língua maior, que é justamente, uma língua histórica (ou idioma). Uma língua histórica – salvo casos especiais – não é um modo de falar único, mas uma família histórica de modos de falar afins e interdependentes, e os dialetos são membros desta família ou constituem famílias menores dentro da família maior.

Para as dialetólogas Ferreira e Cardoso (1994, p. 12), o conceito de dialeto não pressupõe uma hierarquização linguística, ou seja, não há uma ideia valorativa, mas de inserção de uma determinada modalidade linguística em um “sistema abstrato que é a própria língua”. De tal modo, os falantes apresentam características distintas, estas, por sua vez, influenciadas por fatores extralinguísticos de ordem diversa, sejam eles diastráticos, diageracionais, diassexuais, diafásicos entre outros.

No que concerne ao desenvolvimento e ordenação dos estudos dialetais, no Brasil, a mais conhecida proposta é de Antenor Nascentes (1953), o qual propõe a delimitação de áreas dialetais por meio do confronto presença/ausência de fenômenos linguísticos observáveis, fornecendo resultados que permitem observar a realidade espacial da língua. Pensando em uma periodização dos estudos dialetológicos, Cardoso e Ferreira (1994) apresentam a história da dialetologia brasileira dividida nas seguintes etapas:

i) as primeira e segunda fases – caracterizadas, sobretudo, pela produção e publicação de vocabulários, glossários, dicionários e léxicos regionais, dos quais as obras *O dialeto caipira* (AMARAL, 1920) e *O linguajar carioca* (NASCENTES, 1922); ii) as terceira e quarta fases, caracterizadas, respectivamente pelo início da consolidação dos trabalhos em Geolinguística no Brasil, com a publicação do primeiro trabalho em geografia linguística realizado no Brasil – *O Atlas Prévio dos Falares Baianos* – APFB (1963) e ampliação do número de atlas linguísticos publicados ou em elaboração e pela incorporação de novas dimensões e fusão com outras áreas afins ao trabalho e à pesquisa dialetológica (NEIVA, 2017, pp. 84-85).

Considerando-se, pois, a dialetologia e a geolinguística, vê-se a importância de ambos os ramos linguísticos para o fazer lexicográfico, uma vez que possibilitam o registro do léxico dialetal. Segundo Machado Filho: “[...] vê-se, [...] na atitude de maior aproveitamento da base de dados dos projetos de elaboração de atlas linguísticos, uma oportunidade transdisciplinar de bom termo, nomeadamente para o avanço da lexicografia moderna” (MACHADO FILHO, 2010, p. 51).

Nesse esteio, a partir de um acordo de cooperação entre a Universidade Federal da Bahia e *Université Paris 13* surgiu a ideia do aproveitamento dos dados do Projeto ALiB na perspectiva dos estudos lexicográficos, o *Projeto Dicionário Dialetal Brasileiro* (Projeto DDB) – “obra de verve coletiva e interinstitucional que envolverá diversos especialistas, quer na área da dialectologia quer nas áreas da lexicografia e das ciências da informação, do Brasil e da França” (MACHADO FILHO, 2010, p. 67), com vistas a assegurar a difusão da realidade linguística do português brasileiro no âmbito da lexicografia.

2.3 APORTES TEÓRICOS DA LEXICOGRAFIA HISTÓRICO-VARIACIONAL

A fundação da lexicografia histórico-variacional vem como resposta à pouca atenção que a lexicografia tradicional tem dado aos formatos lexicais que se dissociam dos padrões linguísticos postulados pelas gramáticas normativas e seus apêndices. Isto é, as realizações lexicais patentes na fala de diferentes dialetos brasileiros não têm conseguido o registro que a história deveria promover, haja visto que,

no que concerne ao léxico, desconhecem-se ou omitem-se, como produtos linguístico-culturais de importância para a compreensão do processo formativo da língua, os formatos morfofônicos dos metaplasmos tão comuns desde a passagem do latim para o português, tais como próteses ou aféreses, epênteses ou síncope, paragoge ou apócopes, rotacismos etc., muitas vezes desprezados no processo de registro escrito da história linguística do País. Considerando que *verba volant*, é tempo de se evitarem as perdas a que se submetem as línguas naturais, no que concerne às formas linguísticas das minorias no processo de construção das línguas de cultura. [...] mas já seria tempo de se estabelecerem estratégias pontuais que possam reverter, ao menos,

parcialmente, a assepsia imposta pela norma-padrão aos formatos linguístico-lexicais dissonantes (MACHADO FILHO, 2014, p. 244).

Para conhecer a constituição histórica do léxico da língua portuguesa, inventariar o léxico patente nos mais diversos *corpora* do português é tarefa de que se ocupa a Lexicografia, habitualmente definida como “a “ciência”, “técnica”, “prática” ou mesmo “arte” de elaborar dicionários, vocabulários, glossários etc (WELKER, 2004, p. 11).

Acerca dessa questão, Welker esclarece que

a *lexicografia* refere-se a duas atividades distintas, as quais, obviamente, resultam em produtos diferentes. Essas duas subáreas costumam ser designadas pelos termos *lexicografia prática* e *lexicografia teórica*.

Na lexicografia prática, a atividade é a elaboração de dicionários, e os produtos são os dicionários.

A *lexicografia prática* não é uma ciência... é uma prática – para a qual se precisa de muita ciência (...) “conhecimento atento e aprofundado de alguma coisa”), pois quem elabora, ou compila um dicionário tem que conhecer não somente fatos linguísticos, principalmente o léxico, como também as maneiras em que esses fatos podem ser apresentados num dicionário.

Já na lexicografia teórica, cada vez mais chamada de *metalexicografia*, estuda-se tudo o que diz respeito a dicionários... Seus produtos são os conhecimentos adquiridos e divulgados (WELKER, 2011, p. 31-32).

Concentrando-se na *lexicografia prática*, deve-se sublinhar que há na elaboração de produtos lexicográficos diferentes áreas de investigação e construção, usualmente, definidas como lexicografia tradicional e lexicografia histórico-variacional, a qual é

um campo de pesquisa deveras idiossincrático, já que, diferentemente da lexicografia contemporânea, a conservação da diversidade de usos da escrita, isto é, o pleno registro da variação gráfica, é muito mais requerido naquela do que nesta, passando essa ideia a se configurar como uma das linhas metodológicas norteadoras do trabalho de pesquisa diacrônico do léxico, nomeadamente no que se refere à construção de dicionários históricos da língua, em especial daqueles que objetivem registrar o período que antecede as novas posturas sociais, comportamentais e linguísticas do período renascentista em Portugal (MACHADO FILHO, 2012, p. 382).

Tais fatos revelam grandes preocupações que motivam à consolidação de um novo modo de fazer lexicografia, com a elaboração de glossários, vocabulários e dicionários dialetais, atendendo a inquietações que se referem à legitimatização dos usos linguísticos, e promovendo a interface entre a dialetologia e a lexicografia.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS PARA A ELABORAÇÃO DO VOCABULÁRIO

Tendo em vista que a metodologia se configura como uma das fases mais importantes da pesquisa científica, descrevem-se, nesta seção, todos os procedimentos adotados para a construção do VDN. De tal modo, divide-se sua elaboração em três partes principais:

- i) constituição do *corpus*: métodos adotados pelo Projeto ALiB;
- ii) delimitação e tratamento dos dados;
- iii) composição dos verbetes.

3.1. CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS*: MÉTODOS ADOTADOS PELO PROJETO ALiB

Ao usar o léxico, o falante permite expressar suas ideias, as de sua geração, as da comunidade a que pertence. É no léxico, portanto, que se tem o retrato de seu tempo, atuando, inclusive, como agente modificador e imprimindo marcas geradas pelas novas situações com que se depara, como aponta Câmara Jr. (1985). Ou seja, o seu estudo fornece fundamentos para um melhor entendimento de realidades, crenças, tradições e costumes de uma determinada sociedade, uma vez que “o estudo cuidadoso de um dado léxico conduz a inferências sobre o ambiente físico e social daqueles que o empregam” (SAPIR, 1969, p. 49).

Nesse sentido, para um melhor entendimento da heterogênea configuração do português brasileiro, tornou-se essencial o trabalho com dados reais da língua, sem incorrer no risco de caricaturar os usos linguísticos. Para tal, ressalta-se, como antes já visto, o trabalho pioneiro do *Projeto Atlas Linguístico do Brasil* no que se refere à abertura de caminhos para o desenvolvimento das pesquisas dialetais sobre a língua portuguesa no âmbito nacional.

No tocante à construção da metodologia do Projeto ALiB, foi fixada uma rede de pontos composta por 250 localidades (ver Figura 2), entendendo-as, obviamente, como uma amostragem da diversidade linguística, distribuídas ao longo de todo o extenso território nacional. Dentre tantos municípios que compõem o país-continente (CARDOSO, 2010), foram eleitos aqueles que se encaixavam em critérios como a extensão territorial, a demografia, aspectos culturais, históricos e sociais, os limites geográficos internos e externos, além da data de fundação e processo de povoamento. É

claro que o número restrito de localidades (250) deve-se à viabilidade logística e econômica do Projeto.

Figura 2 – Rede de pontos do Projeto ALiB



Fonte: <<https://alib.ufba.br>>

No que tange aos informantes, optou o ALiB por entrevistar sujeitos nascidos na cidade, filhos de pais nativos e que, preferencialmente, não tivessem passado mais de um terço da sua vida fora. Ademais, esses indivíduos não deveriam exercer atividades

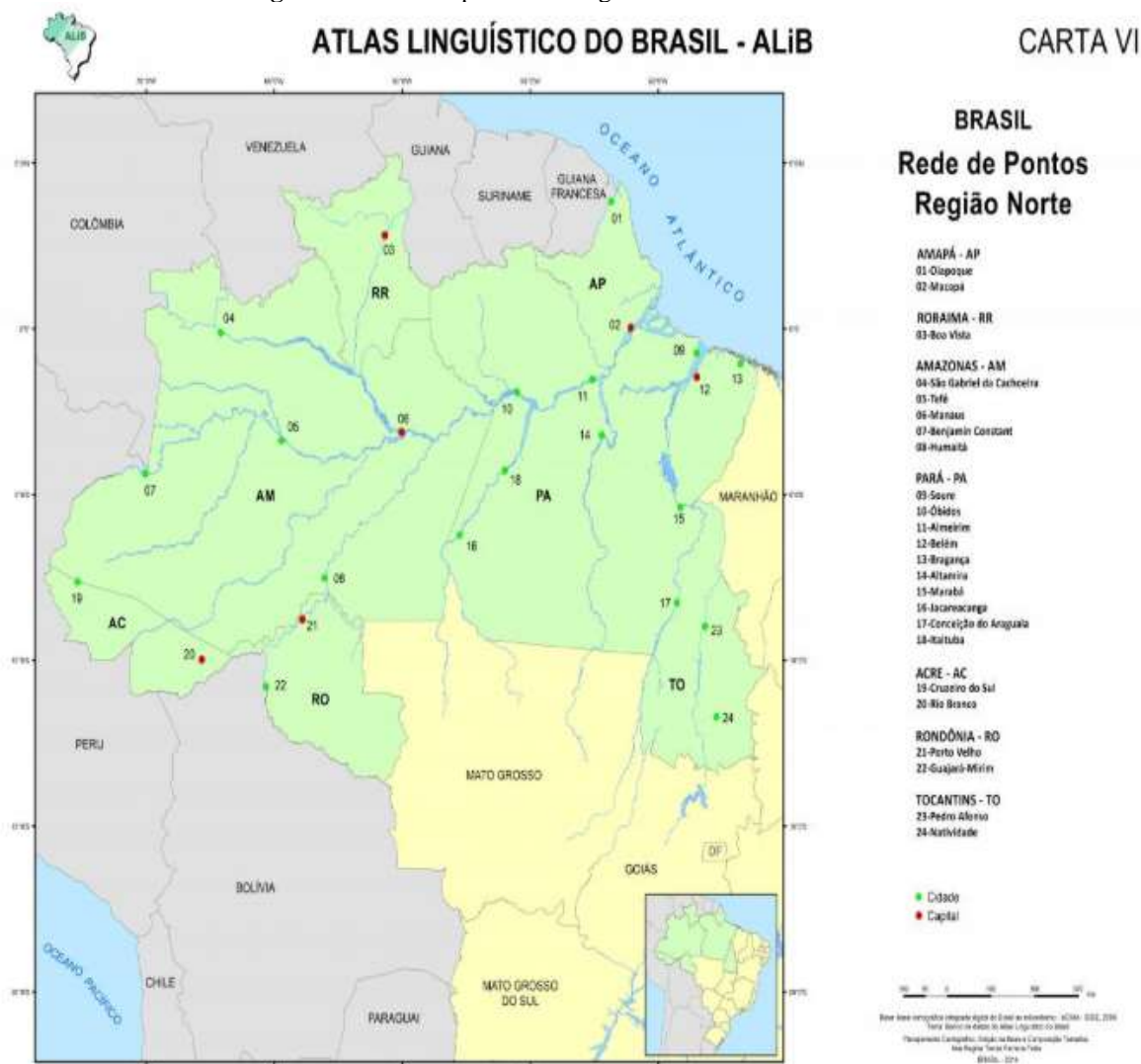
econômicas que exigissem grande mobilidade, a fim de não interferir na realidade linguística dos entrevistados.

Em cada capital investigada foram contatados 8 informantes – 4 homens e 4 mulheres, enquadrados em duas faixas etárias – de 18 a 30 anos (jovens), e de 50 a 65 anos (idosos) – todos alfabetizados (nível fundamental e superior completo).

Para este trabalho, foram investigadas seis capitais da Região Norte do Brasil: Macapá (ponto 02), Boa Vista (ponto 03), Manaus (ponto 06), Belém (ponto 12), Rio Branco (ponto 20) e Porto Velho (ponto 21), como se dispõe na Figura 3, totalizando assim, 48 informantes e aproximadamente 100 horas de escuta dos áudios, já que no início desta pesquisa, em 2017, os inquéritos não estavam transcritos.

Apesar da existência de sete capitais, apenas seis foram estudadas, seguindo a metodologia adotada pelo Projeto, haja vista a cidade de Palmas, no Tocantins, não atender aos critérios de elegibilidade. Considerando esse fato, tornou-se necessário estudar aspectos relacionados à presença de rios, às atividades agrícolas, mobilidade demográfica, sobretudo em função de um melhor entendimento das unidades lexicais obtidas como respostas para as perguntas do *Questionário Semântico-lexical* (QSL).

Figura 3 – Rede de pontos da Região Norte



A coleta de dados do ALiB foi realizada através do método de gravação de áudio com base em um questionário específico, o *Questionário ALiB 2001*, em que são formuladas perguntas onomasiológicas e semasiológicas que contemplam: i) as relações pragmático-discursivas; ii) temas semidirigidos; iii) a concepção do falante a respeito da língua e; iv) os níveis da língua – o *Questionário Fonético-Fonológico (QFF)*, o *Questionário Morfossintático (QMS)* e o *Questionário Semântico-Lexical (QSL)*.

Esta pesquisa lexical se restringiu ao QSL, constituído por 202 questões distribuídas em 14 áreas temáticas: *Acidentes geográficos; Alimentação e cozinha; Astros e tempo; Atividades agropastoris; Ciclos da vida; Convívio e comportamento social; Corpo humano; Fauna; Fenômenos atmosféricos; Habitação; Jogos e diversões infantis; Religião e crenças; Vestuário e acessórios e Vida urbana.*

3.2 DELIMITAÇÃO E TRATAMENTO DOS DADOS

Após a delimitação do recorte da pesquisa, foi solicitado ao Comitê Nacional do ALiB autorização para utilização dos dados de caráter inédito coletados pela equipe de inquiridores e disponíveis no banco de dados do Projeto. Assim, mediante a concessão da autorização e de posse dos áudios, foi realizada a coleta dos dados. Essa fase permitiu o melhor acesso à intencionalidade dos falantes e todo o contexto comunicativo, o que auxiliou no processo de definição das unidades da língua.

De acordo Paiva (2003, p. 135), transcrever os dados extraídos dos eventos de fala é “[...] transpor o discurso falado, de forma mais fiel possível, para registros gráficos mais permanentes, necessidade decorre do fato de que não conseguimos estudar o oral através do próprio oral”.

No que concerne à língua falada, em trabalhos realizados na perspectiva sincrônica, mormente no campo da lexicografia histórico-variacional, as transcrições devem privilegiar grafematicamente as alterações fônicas, sobretudo, metaplásmicas dessas unidades. De tal modo, ao estabelecer métodos que destoam dos postulados tradicionais da lexicografia contemporânea, revisita-se o conceito de variante lexical, já que

quando se definem variantes lexicais a questão tem apresentado outros contornos, como se ao léxico só importassem causas de ordem morfológica ou provenientes de fenômenos referentes a um estágio superior na hierarquia taxionômica dos níveis de análise (MACHADO FILHO, 2014, p. 271).

Nesse esteio, é mister registrar os diversos aspectos do léxico (fônico, morfológico, sintático etc) de modo integrado. Assim, as decisões tomadas na construção de cada verbete devem nortear-se pelo intuito de registrar as unidades existentes no *corpus* e suas remissões.

Interessa à pesquisa a resposta dessa variação lexical, conquanto se reconheça que nem todos os eventos de norma podem ser registrados o que significa dizer que alguns critérios devem servir de baliza para a composição da nomenclatura – conjunto de verbetes de uma obra dicionarística – pretendida. Dessa forma, optou-se por inventariar as variantes decorrentes de alguns metaplasmos presentes na língua portuguesa, tais como:

- i) prótese (acrescentamento de um fonema em início de vocábulo);
- ii) epêntese (acrescentamento de um fonema em interior de palavra);
- iii) paragoge (acrescentamento de um fonema no final de palavra);

- iv) aférese (supressão do fonema no início de vocábulo);
- v) síncope (supressão do fonema no interior de palavra);
- vi) apócope (supressão de um fonema em final de palavra);
- vii) metátese (mudança de um fonema para outro lugar da sílaba).

Seguindo tal pressuposto, Machado Filho (2010, p. 66) aponta que:

Convém aqui se fazer um alerta de que, enquanto em um dicionário geral da língua – "le serviteur de la tradition" 16 (CATACH et al., 1971, p. 167) por excelência – não pareça haver espaço para a inclusão de variantes que fujam ao *status quo* linguístico, pelas também óbvias razões de economia e insuficiência de dados, um dicionário dialetal, ao contrário, deve abarcar toda a instabilidade gráfica que os usos reais da fala possam em si fomentar, mesmo que esses itens não venham a constituir um cabeça de verbete na nomenclatura principal, senão lemas secundários na sua microestrutura, além de elementos integrantes do índice de palavras[...].

Observe-se que, apesar das ocorrências, não foram registrados processos fônicos como monotongação e ditongação, já que não é possível mensurar com precisão o material fônico por conta de circunstâncias como a própria qualidade das gravações.

Em um segundo momento, após a transcrição, esses dados, independentemente da frequência⁹, foram distribuídos em quadros resumptivos no *Word*, organizados com o número da questão, localidade investigada e identificação do entrevistado¹⁰ (conforme o quadro 3):

⁹ Diferentemente da lexicografia contemporânea, que tem a frequência como critério de seleção das unidades que integrarão o dicionário, a lexicografia histórico-variacional privilegia itens que ocorram apenas uma única vez, o *hapax legomena*.

¹⁰ Info é a abreviatura utilizada para informante.

Quadro 2 – Distribuição dos dados para a resposta-padrão *igarapé*

□

Manaus

| Info 1 | Info 2 | Info 3 | Info 4 | Info 5 | Info 6 | Info 7 | Info 8 |
|---------|---------|--------|---------|---------|---------|---------|---------|
| Igarapé | Igarapé | riacho | Igarapé | Igarapé | Igarapé | Igarapé | Igarapé |

Belém

| Info 1 | Info 2 | Info 3 | Info 4 | Info 5 | Info 6 | Info 7 | Info 8 |
|---------|--------|---------|---------|---------|--------|---------|--------|
| Igarapé | ----- | córrego | Igarapé | Igarapé | riacho | Igarapé | riacho |
| | | | | braço | | | |

Porto Velho

| Info 1 | Info 2 | Info 3 | Info 4 | Info 5 | Info 6 | Info 7 | Info 8 |
|---------|---------|---------|--------|---------|--------|---------|---------|
| Igarapé | Igarapé | Igarapé | Riacho | Igarapé | ----- | Igarapé | Igarapé |

Boa Vista

| Info 1 | Info 2 | Info 3 | Info 4 | Info 5 | Info 6 | Info 7 | Info 8 |
|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|
| Igarapé | Igarapé | Igarapé | Igarapé | Igarapé | Igarapé | Igarapé | Igarapé |
| | | | córrego | | | | |

Fonte: Elaborado pela autora

Contabilizaram-se, inicialmente, todas as ocorrências documentadas, na ordem em que foram mencionadas pelos informantes. Após a validação das respostas, foram descartadas as respostas “não obtidas” (*não sabe/não lembra/não tem certeza*), e respostas retóricas, como o caso do informante jovem de sexo masculino do ponto 02 para a questão 87: “*O bichinho é tapuru né, moça?*”.

Após a distribuição e melhor visualização dos dados, procedeu-se à seleção das variantes e posterior lematização para a composição da nomenclatura do vocabulário.

3.3 COMPOSIÇÃO DOS VERBETES

O *Vocabulário Dialeto da Região Norte do Brasil* obedece às bases metodológicas do *Projeto Dicionário Dialeto Brasileiro*. Coadunando, com alguns ajustes, com a proposta do *Vocabulário Dialeto Baiano*, de autoria de Neiva, e, também, filiado ao DDB, a macroestrutura – projeto dicionarístico – visa a permitir ao consulente uma investigação objetiva e eficaz, sem prejuízo à consulta.

Para tal, a nomenclatura do vocabulário compõe-se de todas as variantes encontradas, conforme critérios expostos, obedecendo ao sistema de alfabetação, com

estrutura em ninho, isto é, respeitando-se a ordem alfabética no interverbetes, mas permitindo que as variantes arroladas como lemas secundários ou múltiplos quebrem, eventualmente, a ordem verticalmente ou horizontalmente.

A Figura 4, na sequência, é exemplo desse sistema, já que *chirna* e *tirna*, horizontalmente e verticalmente.

- i) **página:** orientação vertical, em duas colunas, tamanho A4, margens conforme a ABNT;
- ii) **verbetes:** entradas deslocadas à esquerda e texto com recuo de 10; justificado, espaçamento simples; fonte Times New Roman, tamanho 10, com negritos e itálicos, obedecendo aos critérios estabelecidos na microestrutura. Os verbetes apresentam duas tipologias distintas: os verbetes plenos, estes nominal ou verbal, em que o lema principal serve de base para outras entradas remissivas; e os verbetes remissivos, cujas entradas se advêm de lemas secundários ou múltiplos adjuntos a um lema principal.

No que se refere à microestrutura do verbete, foram utilizados os seguintes itens e indicadores tipográficos e não-tipográficos:

Quadro 3 – Microestrutura do VDN

| ITENS | INDICADORES | |
|--------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------|
| | TIPOGRÁFICOS | NÃO TIPOGRÁFICOS |
| lema principal | redondo, letra minúscula, negrito | seguido de traço (–) |
| lema secundário | em letra minúscula e negrito, em redondo quando a forma for dicionarizada, em itálico quando for variante não dicionarizada | precedido(s) de til (~), sendo a última variante encerrada por traço (–) |
| lema múltiplo | em letra minúscula e negrito, em redondo quando a forma for dicionarizada, em itálico quando for variante não dicionarizada | precedido(s) ≈ (duplo til) |
| classificação gramatical | redondo, minúsculo, conforme lista de abreviaturas | seguida de ponto (.) |

| | | |
|-------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| étimo ou processo de formação | étimo ou processo formativo em itálico | entre parênteses, encerrado(a) por ponto, precedido(a) do sinal <, sigla convencionada para língua de origem (para o étimo), processos formativos de composto marcados com sinal + |
| fonte etimológica | redondo, minúsculo, conforme lista de abreviaturas | sobrescrito, seguido de ponto (.) |
| definição | em minúscula, redondo | entre aspas simples, encerrada por ponto (.) |
| número da questão no QSL | redondo, minúsculo, itálico | encerrado por dois pontos (:) |
| formulação da questão no QSL | redondo, minúsculo, itálico | encerrado por interrogação (?) |
| remissões lexicais | em minúscula, em redondo quando a forma for dicionarizada, em itálico quando for variante não dicionarizada | precedidas do sinal → e encerradas por ponto (.) |
| abonação | redondo, minúsculo, negrito | encerrado por ponto (.) |
| morfologia falsa | redondo, minúsculo, negrito | morfema entre colchetes [] |
| legenda geolinguística | indicada por numerais cardinais referentes aos pontos selecionados, com hachura, indicando a ocorrência do item | distribuída em quadrados com suas divisões |

Fonte: Adaptado de Neiva (2017)

A microestrutura adotada para os verbetes plenos é constituída, pois, dos seguintes itens essenciais: lema principal; lema secundário e (ou) lema múltiplo; classificação gramatical; registro etimológico ou do processo formativo; definição lexicográfica; área temática do QSL e número da pergunta; a abonação, em verbete com forma verbal, e a legenda geolinguística. Cada item é apresentado por indicadores tipográficos (itálico, negrito, sublinhado etc) e não-tipográficos (sinais, símbolos, parênteses etc) específicos (ver quadro 4), conforme o exemplo a seguir:

Figura 4 – Excerto do vocabulário

tisna ~ chirna ~ tirna – sf. (< regress. de *tisnar* ‘enegrecer’)^a → fuligem. ‘pó negro e pegajoso resultante da queima de combustíveis’. *QSL 171: Como se chama aquilo, preto, que se forma na chaminé, na parede ou no teto da cozinha, acima do fogão a lenha?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

Os verbetes com formas verbais apresentam algumas especificidades, como a indicação do modo e tempo verbal, o indicativo e o pretérito perfeito (IPP)¹¹, respectivamente, sendo as únicas formas encontradas no *corpus*; a presença da abonação e em alguns casos a entrada falsa.

Figura 5 – Excerto do vocabulário

abort[ar] – v. (< lat. *abortare*)^a → perd[er]. ‘interrupção da gravidez’. //IPP3 **abortou**. *QSL 127: Quando a mulher fica grávida e, por algum motivo, não chega a ter a criança, se diz que ela _____?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

¹¹ Ao lado desse código consta o algarismo 3, assinalando a pessoa referente à forma destacada na abonação.

No que tange ao tratamento dos verbos, quando não identificada a forma infinitiva, utiliza-se, como ferramenta metodológica no processo de lematização, a chamada falsa entrada:

a nomenclatura deveria idealmente comportar não apenas toda a variação detectada nos *corpora*, mas, também, fomentar uma estratégia de "falsas entradas" em português moderno – somente quando estritamente necessárias – devidamente sinalizadas, contudo, com indicadores estruturais, tipográficos e não-tipográficos, como elementos facilitadores de consulta, isto é, nos casos especiais em que a alfabetização pudesse ser comprometida (MACHADO FILHO, 2012, 384).

Isto é, como o item só consta no *corpus* no formato flexionado, busca-se com essa estratégia morfológica permitir a canonização da unidade, utilizando-se indicadores não tipográficos para marcar exclusivamente o infinitivo verbal, além de permitir a rápida identificação do consulente em sua necessidade de pesquisa. Como exemplos de falsa entrada morfológica, têm-se:

abort[ar] → abortou.

perd[er] → perdeu.

Significa que o verbo *abortar* não ocorre no infinitivo mas no pretérito do perfeito indicativo. A entrada, entretanto, é representada pela raiz + [ar] indicação do infinitivo verbal entre colchetes.

Para ilustrar como de fato a forma verbal ocorre no *corpus*, optou-se pela indicação da abonação – negrito e redondo –, mesmo que com ocorrência monovocabular, como em *abortou*.

No caso do verbete abaixo, não houve a necessidade da entrada falsa morfológica, pois a unidade já aparece na fala dos informantes na forma nominal infinitiva.

Figura 6 – Excerto do vocabulário

baldear – v. (< *bald(e) + ear*)² → provocar. → vomitar. 'pequena afecção no bordo das pálpebras'. *QSL 112: Se uma pessoa come muito e se sente que vai pôr/botar para fora o que comeu, se diz que vai o quê?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

No que concerne à microestrutura adotada para os verbetes remissivos, eles são compostos por 3 itens obrigatórios: lema principal; remissão e a legenda geolinguística.

Figura 7 – Excerto do vocabulário

bage → *vage*.

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

Esclarece-se que o termo legenda geolinguística afilia-se à figura ao lado direito da entrada, que tem o intuito de possibilitar a visualização espacial das informações de cunho dialetal, com base nos dados cartográficos da Região Norte e é composta por números/pontos que representam as capitais estudadas. Os campos preenchidos representam as localidades em que a unidade léxica foi documentada, no caso acima, a variante *bage* foi registrada em todas as localidades, exceto em Rio Branco.

3.3.1 Critérios para a seleção do lema principal

Para a eleição da unidade lexical integrante do lema principal, adotou-se como primeiro critério de seleção o atendimento à resposta-padrão do *QSL*. Em caso de não ocorrência da variante(s) esperada(s), registrou-se a de maior frequência. Nos demais casos, em que houve a mesma frequência para unidades distintas ou casos de palatalização ou rotacismo, foi registrada a forma representativa da norma-padrão.

3.3.2 Definição

Dentre os elementos que compõem o projeto dicionarístico, um dos itens mais procurados pelo consulente é a definição lexicográfica, sendo o eixo central do verbete. De tal modo, é preciso ter precisão em relação as estratégias de definição, afinal é fundamental “[...] dar al usuario una instrucción que le permita interpretar correctamente signos léxicos según su papel de emisor lingüístico, receptor lingüístico o traductor”¹² (WERNER, 1982, p. 271).

Quanto à questão da definição para este trabalho, “na impossibilidade de uma solução mais adequada para a codificação da informação semântica” (MACHADO FILHO, 2003, p. 21), optou-se por adotar a estratégia das paráfrases lexicográficas.

¹² “[...] Dar ao usuário uma instrução que lhe permita interpretar corretamente signos léxicos segundo seu papel de emissor linguístico, receptor linguístico ou tradutor.”

3.3.3 Sistema remissivo

A integração das formas variantes, a remissão, configura-se como um sistema

[...] de alguma forma perdulário, que possa arcar com grande parte da exuberância gráfica existente, evitando com isso que não se deixe de permitir ao público-alvo uma consulta rápida e eficaz às unidades léxicas de seu interesse. [...] (MACHADO FILHO, 2012, p. 382)

Essa organização permite que o consulente tenha acesso a unidades lexicais que por razões diversas não fazem mais parte do *standard* linguístico ou nunca chegaram a ocupar tal categoria. Assim, permite-se que o consulente conheça a história do léxico do português ao longo do eixo temporal, além permitir “a visualização cartográfica integrada de uma determinada ocorrência lexical, em todos os pontos geográficos em que esta ocorra” (MACHADO FILHO, 2010, p. 58).

Assim, buscou-se elaborar um produto lexicográfico de caráter dialetal que possa representar a norma linguística dos boa-vistenses, manauenses, macapaenses, belenenses, rio-branquenses e porto-velhenses com base nos preceitos da lexicografia histórico-variacional, bem como utilizando os conhecimentos da dialetologia e seu método de investigação, a geolinguística.

4 VOCABULÁRIO DIALETAL DA REGIÃO NORTE DO BRASIL

4.1 LISTA DE ABREVIATURAS

Quadro 4 – Abreviaturas utilizadas no vocabulário

| | | | |
|---------------|----------------|-----------------|-------------------------------|
| adj. | Adjetivo | IPP (**) | Indicativo pretérito perfeito |
| adv. | Advérbio | lat. | Latim |
| alt. | Alteração | mit. | Mitologia |
| ant. | Antigo | part. | Particípio |
| cast. | Castelhano | pass. | Passado |
| célt. | Celta, céltico | port. | Português |
| dim. | Diminutivo | pl. | Plural |
| ecles. | Eclesiástico | prov. | Provavelmente |
| esp. | Espanhol | quimb. | Quimbundo |
| fem. | Feminino | rad. | Radical |
| fr. | Francês | regress. | Regressivo |
| germ. | Germânico | sf. | Substantivo feminino |
| hebr. | Hebraico | sm. | Substantivo masculino |
| hisp. | Hispânico | s2g | Substantivo de dois gêneros |
| infl. | Influência | tar. | Tardio |
| ing. | Inglês | top. | Topônimo |
| it. | Italiano | voc. | Vocábulo |
| INF | Infinitivo | vulg. | Vulgar |

(**) Ao lado desta abreviatura, aparece um algarismo de 1 a 6, indicando a pessoa referente à forma abonada.

4.2 DICIONÁRIOS ETIMOLÓGICOS CONSULTADOS

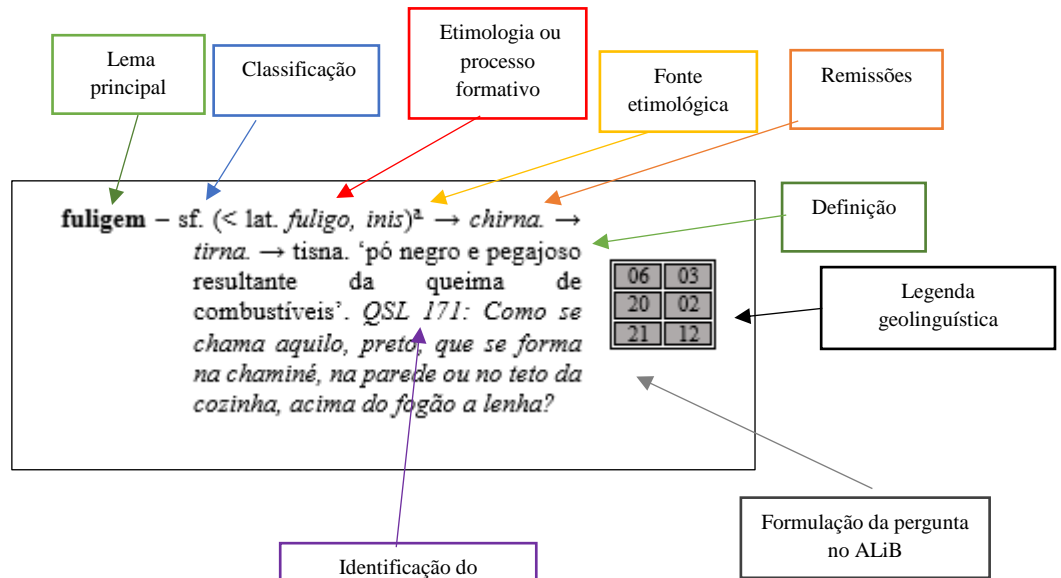
Quadro 5 – Relação de autores consultados para a pesquisa etimológica

| | | |
|-----------|------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| a. | AULETE, Caldas. | Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011. |
| c. | CUNHA, Antônio Geraldo da. | Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. |
| h. | HOUAISS, Antônio; VILAR, Mauro de Salles | Dicionário Houaiss da língua portuguesa. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. |
| m. | MACHADO, José Pedro | Dicionário etimológico da língua portuguesa: com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muito vocábulos estudados. 6 ed. Lisboa: Livros Horizonte, 5v, 2003. |

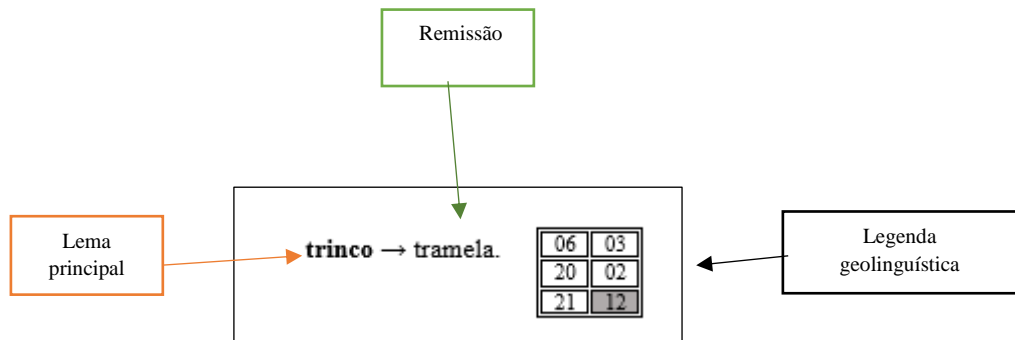
4.3 CHAVES DE CONSULTA

Para permitir a maior inteligibilidade do verbete, elaboraram-se as chaves de consulta abaixo:

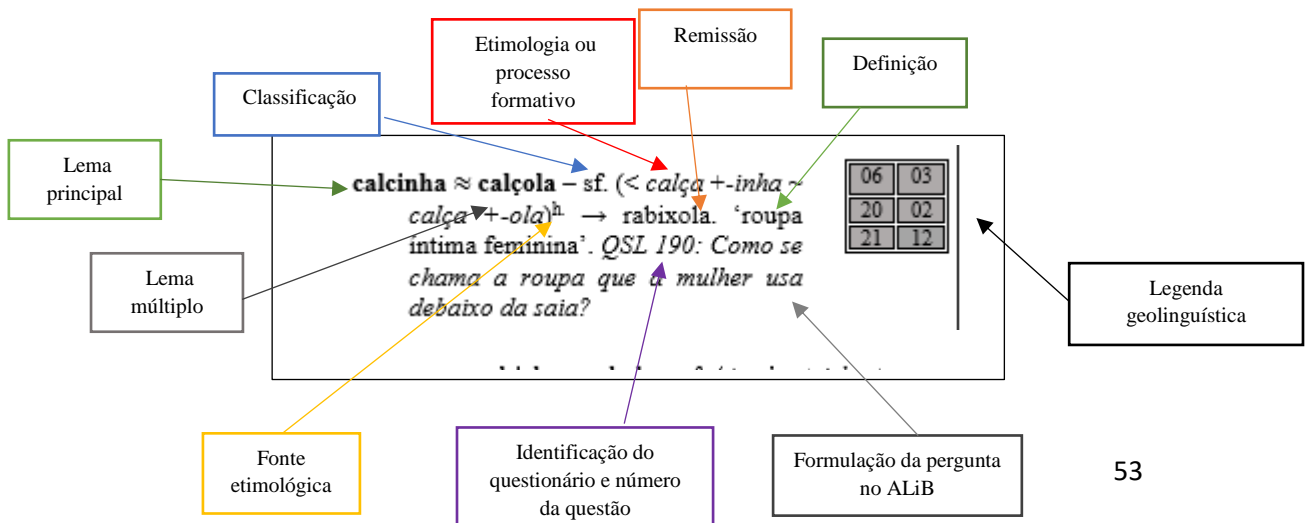
Verbete-padrão



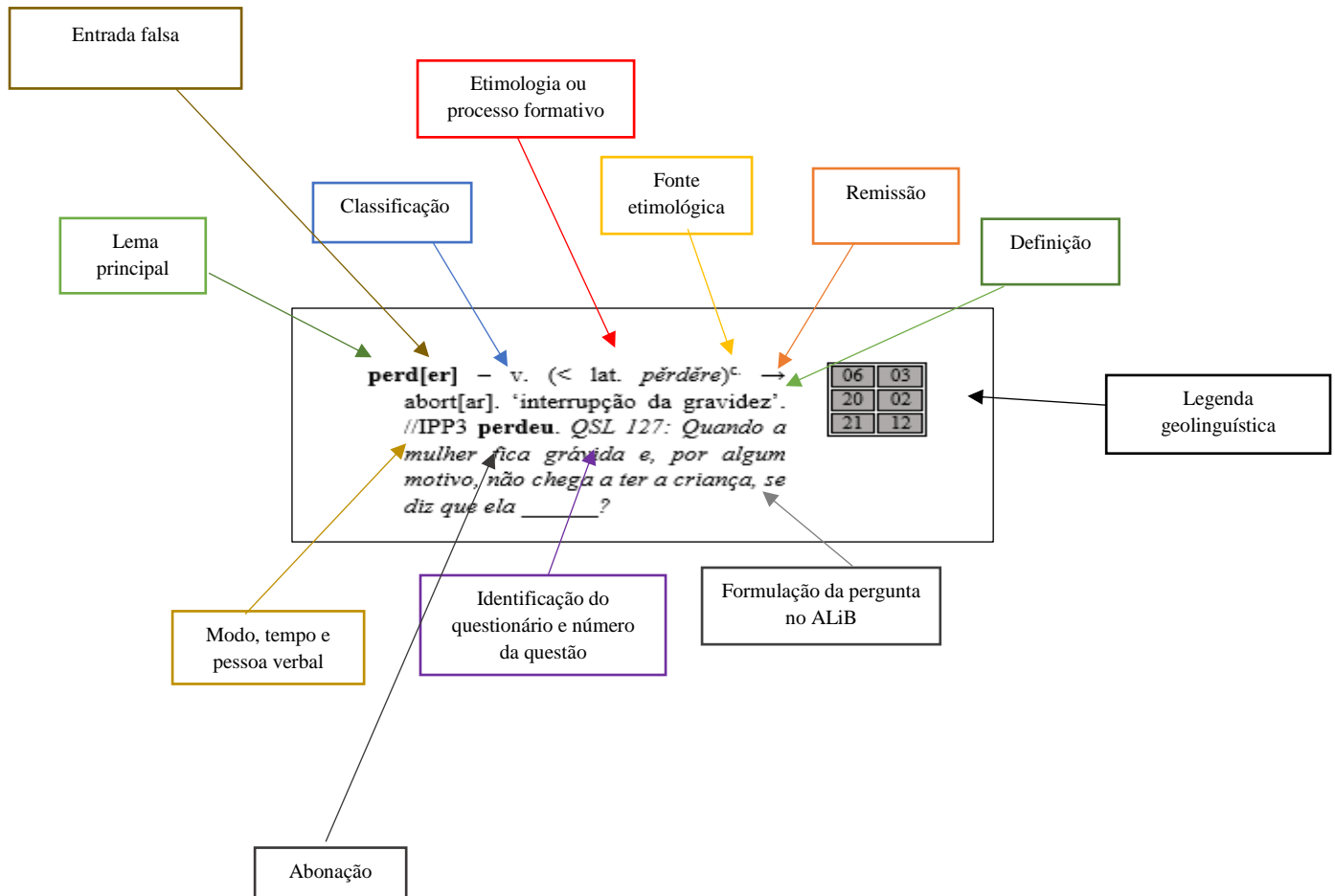
Verbete remissivo



Verbete com lema múltiplo



Verbetes com forma verbal



4.4 VERBETES

A partir da motivação de corroborar para a salvaguarda de uma parte da história da língua, a que é dado a este Vocabulário parcialmente registrar, apresentam-se, neste capítulo, os itens lexicais extraídos de *corpus* de fala documentados pelo *Projeto Atlas Linguístico do Brasil* (Projeto ALiB) em 6 localidades da Região Norte. Inserem-se, pois, unidades que, provavelmente, nunca estariam documentadas devido ao estigma social que possam ter.

Este Vocabulário constitui-se, pois, de 581 verbetes e obedece às bases metodológicas do *Dicionário Dialectal Brasileiro* (DDB), cuja macroestrutura objetiva permitir que o consulente, especializado ou leigo em linguística, reconheça a variação lexical.

B

banzeiro – sm. (< prov. *banzé* ‘agitação’ + *-eiro*)^a → onda². ‘elevação da água do rio em virtude dos ventos e das marés’. *QSL 06: Como se chama o movimento da água do rio?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

boca do rio – sf. (< *boca* [este, lat. *buccam*] + *de* [este, lat. *de*] + *rio* [este, lat. vulg. *rivus, i*])^a → encontro das águas. → foz. ‘ponto onde um rio deságua no outro’. *QSL 03: Como se chama o lugar onde o rio termina ou encontra com outro rio?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

braço – sm. (< lat. *brac(c)hium*)^a → canal. → córrego. → igarapé. → riacho. ‘rio pequeno’. *QSL 01: Como se chama um rio pequeno, de uns dois metros de largura?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

C

canal – sf. (< *canalis, e*)^a → braço. → córrego. → igarapé. → riacho. ‘rio pequeno’. *QSL 01: Como se chama um rio pequeno, de uns dois metros de largura?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

córrego – sm. (< lat. *corrugus, i*)^a → braço. → canal. → igarapé. → riacho. ‘rio pequeno’. *QSL 01: Como se chama um rio pequeno, de uns dois metros de largura?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

E

encontro das águas – sm. (< regress. *encontrar* [este, lat. **incōntrāre*] + *das* [este, *de* + *as*] + *água* [este lat. *āqua*])^c → boca do rio. → foz. ‘ponto onde um rio deságua no outro’. *QSL 03: Como se chama o lugar onde o rio termina ou encontra com outro rio?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

F

foz – sf. (< lat. vulg. *fox, focis*)^a → boca do rio. → encontro das águas. ‘ponto onde um rio deságua em outro curso de água’. *QSL 03: Como se chama o lugar onde o rio termina ou encontra com outro rio?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

funil – sm. (< lat. *fundibulum, i*, pelo provençal *fonilh*)^a → rebojo. → redemoinho¹. ‘movimento rotativo em espiral da água’. *QSL 04: Muitas vezes, num rio, a água começa a girar, formando um buraco, na água, que puxa para baixo. Como se chama isto?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

I

igarapé – sm. (< tupi **iara’pe*)^c → braço. → canal. → córrego. → riacho. ‘rio pequeno’. *QSL 01: Como se chama um rio pequeno, de uns dois metros de largura?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

M

marola – sf. (< *mar* + *-ola*)^a → onda¹. → remanso. ‘elevação da água do mar em virtude dos ventos e das marés’. *QSL 05: Como se chama o movimento da água do mar?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

O

onda¹ – sm. (< lat. *ũnda -ae*)^c → marola. → remanso. ‘elevação da água do mar em virtude dos ventos e das marés’. *QSL 05: Como se chama o movimento da água do mar?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

onda² ~ **onda de rio** – sm. (< lat. *ũnda -ae*)^c → banzeiro. ‘elevação da água do rio em virtude dos ventos e das marés’. *QSL 06: Como se chama o movimento da água do rio?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

onda de rio → **onda**².

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

P

pinguela – sf. (< prov. de *pingar*)^a → ponte. ‘construção que liga dois lugares separados por curso de água’. *QSL 02: Como se chama um tronco, pedaço de pau ou tábua que serve para passar por cima de um córrego?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

ponte – sm. (< lat. *pōns, pontis*)^c → pinguela. ‘construção que liga dois lugares separados por curso de água’. *QSL 02: Como se chama um tronco, pedaço de pau ou tábua que serve para passar por cima de um córrego?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

R

rebojo – sm. (origem obscura) → funil. → redemoinho¹. ‘movimento rotativo em espiral

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

da água’. *QSL 04: Muitas vezes, num rio, a água começa a girar, formando um buraco, na água, que puxa para baixo. Como se chama isto?*

redemoinho¹ ≈ **redemunho**

≈ **remoinho** – sm. (< *remoinho* [este, regress. *remoinhar*] com infl. do voc. *roda*)^h → funil. → rebojo. ‘movimento rotativo em espiral da água’. *QSL 04: Muitas vezes, num rio, a água começa a girar, formando um buraco, na água, que puxa para baixo. Como se chama isto?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

redemunho → redemoinho¹.

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

remanso – sm. (< esp. *remanso*)^a → marola. → **onda**¹. ‘elevação da água do mar em virtude dos ventos e das marés’. *QSL 05: Como se chama o movimento da água do mar?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

remoinho → redemoinho¹.

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

riacho – sm. (< *rio* + *-acho*)^a → braço. → canal. → córrego. → igarapé. ‘rio pequeno’. *QSL 01: Como se chama um rio pequeno, de uns dois metros de largura?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

A

arco-íris – sm. (< arco [este, lat. *arcus*] + *íris* [este, mit. *Íris*])^c: ‘fenômeno resultante da dispersão da luz solar em gotículas de água, e em circunferência, com as cores do espectro solar’. *QSL 17: Quase sempre, depois de uma chuva, aparece no céu uma faixa com listras coloridas e curvas. Que nome dão a essa faixa?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

C

cerração – sf. (< *cerra(r)* + *-ação*)^a. → cerração. → neblina. → neve. → nevoeiro. ‘névoa densa e baixa’. *QSL 21: Muitas vezes, principalmente de manhã cedo, quase não se pode enxergar por causa de uma coisa parecida com fumaça, que cobre tudo. Como chamam isso?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

chuva de gelo – sf. (< *chuva* [este, lat. *plūvia*] + *de* [este, lat. *de*] + *gelo* [este, lat. *gelus*])^a. → chuva de granizo. ‘precipitação que consiste na queda de pequenos pedaços de gelo’. *QSL 15: Durante uma chuva, podem cair bolinhas de gelo. Como chamam essa chuva?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

chuva de granizo – sf. (< *chuva* [este, lat. *plūvia*] + *de* [este, lat. *de*] + *granizo* [este, esp. *granizo*])^a. → chuva de gelo. ‘precipitação que consiste na queda de pequenos pedaços de gelo’. *QSL 15: Durante uma chuva, podem cair bolinhas de gelo. Como chamam essa chuva?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

chuva de molhar besta – sf. (< *chuva* [este, lat. *plūvia*] + *de* [este, lat. *de*] + *molhar* [este, lat. vulg. *moliare*] + *besta* [este, lat. *bestia*])^a. → chuva fina. → chuvisco. → garoa. → sereno.¹ ‘chuva miúda e

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

contínua’. *QSL 18: Como se chama uma chuva bem fininha?*

chuva fina – sf. (< *chuva* [este, lat. *plūvia*] + *fina*)^a. → chuva de molhar besta. → chuvisco. → garoa. → sereno.¹ ‘chuva miúda e contínua’. *QSL 18: Como se chama uma chuva bem fininha?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

chuva forte – sf. (< *chuva* [este, lat. *plūvia*] + *forte* [este, lat. *fórtis*])^c. → chuva grossa. → chuvaral. → dilúvio. → pampeiro de água. → toró.² ‘chuva intensa e duradoura’. *QSL 14: Como se chama uma chuva forte e contínua?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

chuva grossa – sf. (< *chuva* [este, lat. *plūvia*] + *grossa*)^a. → chuva forte. → chuvaral. → dilúvio. → pampeiro de água. → toró.² ‘chuva intensa e duradoura’. *QSL 14: Como se chama uma chuva forte e contínua?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

chuva passageira – sf. (< *chuva* [este, lat. *plūvia*] + *passageira* [este, fr. *passager*])^c: ‘chuva rápida e intensa’. *QSL 13: Como se chama uma chuva de pouca duração, muito forte e pesada?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

chuvaral – sm. (< *chuva* + *-ral*) → chuva forte. → chuva grossa. → dilúvio. → pampeiro de água. → toró.² ‘chuva intensa e duradoura’. *QSL 14: Como se chama uma chuva forte e contínua?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

chuvisco – sm. (< *chuva* + *-isco*)^a. → garoa. → chuva de molhar besta. → chuva fina. → sereno.¹ ‘chuva miúda e contínua’. *QSL 18: Como se chama uma chuva bem fininha?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

D

dilúvio – sm. (< lat. *diluvium*)^a. → chuva forte. → chuva grossa. → chuvaral. → pampeiro de água. → toró.² ‘chuva intensa e duradoura’. *QSL 14: Como se chama uma chuva forte e contínua?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

E

estiar – v. (< lat. *aestivālis -e*)^c → limpar o tempo. ‘cessar de chover’. *QSL 16: Como dizem aqui quando termina a chuva e o sol começa a aparecer?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

G

garoa – sf. (origem obscura) → chuva de molhar besta. → chuva fina. → chuvisco. → sereno.¹ ‘chuva miúda e contínua’. *QSL 18: Como se chama uma chuva bem fininha?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

L

limpar o tempo – v. (< *limpar + o + tempo* [este, lat. *tempus*])^a → estiar. ‘cessar de chover’. // INF *QSL 16: Como dizem aqui quando termina a chuva e o sol começa a aparecer?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

N

neblina – sf. (< cast. *neblina*)^c → cerração. → neve. → nevoeiro. ‘névoa densa e baixa’. *QSL 21: Muitas vezes, principalmente de manhã cedo, quase não se pode enxergar por causa de uma coisa parecida com fumaça, que cobre tudo. Como chamam isso?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

neve – sf. (< lat. *nevem*)^a → cerração. → neblina. → nevoeiro. ‘névoa densa e baixa’. *QSL 21: Muitas vezes, principalmente de manhã cedo, quase não se pode enxergar por causa de uma coisa parecida com fumaça, que cobre tudo. Como chamam isso?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

nevoeiro – sm. (< *névoa + -eiro*)^a → cerração. → neblina. → neve. ‘névoa densa e baixa’. *QSL 21: Muitas vezes, principalmente de manhã cedo, quase não se pode enxergar por causa de uma coisa parecida com fumaça, que cobre tudo. Como chamam isso?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

O

orvalho – sm. (origem obscura) → sereno². ‘vapor das nuvens’. *QSL 20: De manhã cedo, a grama geralmente está molhada. Como chamam aquilo que molha a grama?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

P

pampeiro de água – sm (< *pampeiro* [este, *pam(p) + -eiro*] + *de* [este, lat. *de*] + *água*)^a → chuva forte. → chuva grossa. → chuvaral. → dilúvio. → toró.² ‘chuva intensa e duradoura’. *QSL 14: Como se chama uma chuva forte e contínua?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

R

raio – sm. (< lat. *radiūs*)^c ‘descarga elétrica no espaço’. *QSL 9: Como se chama uma luz forte e rápida que sai das nuvens, podendo queimar uma árvore, matar pessoas e animais, em dias de mau tempo?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

redemoinho – sm. (< *remoinho* com infl. do voc. *roda*)^h. ‘ação ou resultado de redemoinhar, de adquirir movimento rotativo em espiral’. *QSL 07: Como se chama o vento que vai virando em roda e levanta poeira, folhas e outras coisas leves?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

relâmpago – sm. (< *re- + lâmpado*)^m. ‘clarão forte e rápido resultante de descarga elétrica entre as nuvens’. *QSL 08: Como se chama um clarão que surge no céu em dias de chuva?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

S

sereno¹ – sm. (< lat. *serenus*)^a → chuva de molhar besta. → chuva fina. → chuvisco. → garoa. ‘chuva miúda e contínua’. *QSL 18: Como se chama uma chuva bem fininha?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

sereno² – sm. (< lat. *serenus*)^a → orvalho. ‘vapor das nuvens’. *QSL 20: De manhã cedo, a grama geralmente está molhada. Como chamam aquilo que molha a grama?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

T

tempestade – sf. (< lat. *tēmpēstas -ātis*)^c → temporal.¹ → toró.¹ → vendaval.¹ ‘chuva forte’. *QSL 11: Como se chama uma chuva com vento forte que vem de repente?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

temporal¹ – sm. (< *temporālis -e*)^c → tempestade.¹ → toró.¹ → vendaval.¹ ‘chuva forte’. *QSL 11: Como se chama uma chuva com vento forte que vem de repente?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

temporal² – sm. (< *temporālis -e*)^c → vendaval.² ‘chuva forte’. *QSL 12: Existem outros nomes para _____?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

toró¹ – sm. (origem obscura) → tempestade. → temporal.¹ → vendaval.¹ ‘chuva forte’. *QSL 11: Como se chama uma chuva com vento forte que vem de repente?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

toró² – sm. (origem obscura) → chuva forte. → chuva grossa. → chuvaral. → dilúvio. → pampeiro de água. ‘chuva intensa e duradoura’. *QSL 14: Como se chama uma chuva forte e contínua?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

trovão – sm. (origem obscura) ‘estrondo que geralmente acompanha um relâmpago’. *QSL 10: Como se chama o barulho forte que se escuta logo depois de um _____?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

U

úmida – adj. (< lat. (*h*)*ūmīdus*)^c ‘levemente molhado’. *QSL 19: Depois de uma chuva bem fininha, quando a terra não fica nem seca, nem molhada, como é que se diz que a terra fica?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

V

vendaval¹ – sf. (< fr. *vent d’aval*)^a → tempestade. → temporal.¹ → toró.¹ ‘chuva forte’. *QSL 11: Como se chama uma chuva com vento forte que vem de repente?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

vendaval² – sm. (< fr. *vent d’aval*)^a → temporal.² ‘chuva forte’. *QSL 12: Existem outros nomes para _____?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

A

alvorada – sf. (< *alvo* [este, *albor*, *oris*] + *-ada*)^h. → aurora. ‘nascer do sol’. *QSL 24: Como se chama a claridade avermelhada no céu ante de ____?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

amanhecer – v. (< lat. hisp. *admanescēre*)^c. ‘surgir a manhã’. *QSL 22: Como se chama a parte do dia quando se começa a clarear?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

anoitecer – v. (< *noite* + *-ecer*)^h. → boca da noite. ‘começar a noite’. *QSL 28: Como se chama o começo da noite?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

anteontem ≈ *antonte* – adv. (< *ante* + *ontem*)^h. → antes de ontem. ‘dia anterior ao dia passado’. *QSL 37: Como se chama o dia que foi antes desse dia? [E um dia para trás?]*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

antes de ontem – adv. (< *antes* [este, lat. *ante*, com *-s* adverbial] + *de* [este, lat. *de*] + *ontem* [este, lat. *ad noctem*]) → anteontem. ‘dia anterior ao de ontem’. *QSL 37: Como se chama o dia que foi antes desse dia? [E um dia para trás?]*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

antes de ontem de ontem – adv. (< *antes* [este, lat. *ante*, com *-s* adverbial] + *de* [este, lat. *de*] + *ontem* [este, lat. *ad noctem*] + *de* [este, lat. *de*] + *ontem* [este, lat. *ad noctem*]) → ternanteontem. ‘antes do dia anterior’. *QSL 38: Como se chama o dia que foi antes de ____? [E mais um dia para trás?]*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

antonte → anteontem.

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

aurora – sf. (< lat. *aurora*)^a. → alvorada. ‘nascer do sol’. *QSL 24: Como se chama a claridade avermelhada no céu antes de ____?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

B

boca da noite – sf. (*boca* [este, lat. *buccam*] + *da* [este, *de* + *a*] + *noite* [este, do lat. *nocte(m)*]) → anoitecer. ‘começar a noite’. *QSL 28: Como se chama o começo da noite?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

C

cair – v. (< lat. *cadēre*)^c. → correr. → mudar. ‘ir ao chão’. // INF *QSL 32: E quando se vê uma ____, como é que se diz?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

cair do sol – sm. (< *cair* [este, lat. *cadēre*] + *do* [este, *de* + *o*] + *sol* [este, lat. *sōl*, *sōlis*])^c. → pôr do sol. ‘momento em que o sol se oculta no horizonte na direção oeste’. *QSL 25: E o que acontece no céu no final da tarde?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

cometa – sm. (< lat. *cometa*)^a. → estrela cadente. ‘astro errante’. *QSL 31: De noite, muitas vezes pode-se observar uma estrela que se desloca no céu, assim, e faz um risco de luz. Como chamam isso?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

constelação – sf. (< lat. tard. *cōnstellātīō -ōnis*)^c. → via láctea. ‘grupo de estrelas’. *QSL 33: Numa noite bem estrelada, aparece uma banda ou faixa que fica no céu de fora a fora, onde tem muitas estrelas muito perto uma das outras. Como chamam esta banda ou faixa?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

correr – v. (< lat. *currere*)^a. → cair. → mudar. ‘ir ao chão’. // INF *QSL 32: E quando se vê uma ____, como é que se diz?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

crepúsculo – sm. (< lat. *crepuscŭlum* - *ŭ*)^c ‘claridade no céu no período de transição entre o dia e a noite’. *QSL 26: Como se chama a claridade avermelhada que fica no céu depois do ___?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

desaparecer. Como chamam esta estrela?

E

entardecer – sm. (< *en* + *tarde* [este, lat. *tarde*] + *-cer*)^c → fim da tarde. → tardinha. ‘cair da tarde’. *QSL 27: E quando o sol se põe?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

estrela cadente – sf. (< *estrela* [este, lat. *stĕlla -ae*] + *cadente* [este, lat. *cadens -ēntis*])^c → cometa. ‘astro errante que deixa um rastro luminoso por onde passa’. *QSL 31: De noite, muitas vezes pode-se observar uma estrela que se desloca no céu, assim, e faz um risco de luz. Como chamam isso?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

estrela d’alva – sf. (< *estrela* [este, lat. *stĕlla -ae*] + *de* [este, lat. *de*] + *alva*)^a → estrela da manhã. → estrela matutina. → vênus. ‘estrela que aparece durante a manhã e é a última a desaparecer no céu’. *QSL 29: De manhã cedo, uma estrela brilha mais e é a última a desaparecer. Como chamam esta estrela?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

estrela da manhã – sf. (< *estrela* [este, lat. *stĕlla -ae*] + *da* [este, *de* + *a*] + *manhã* [este, lat. *maneána*])^a → estrela d’alva. → estrela d’alva. → estrela matutina. → vênus. ‘estrela que aparece durante a manhã e é a última a desaparecer no céu’. *QSL 29: De manhã cedo, uma estrela brilha mais e é a última a desaparecer. Como chamam esta estrela?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

estrela matutina – sf. (< *estrela* [este, lat. *stĕlla -ae*] + *matutina*)^a → estrela d’alva. → estrela da manhã. → vênus. ‘estrela que aparece durante a manhã e é a última a desaparecer no céu’. *QSL 29: De manhã cedo, uma estrela brilha mais e é a última a*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

F

fim da tarde – sm. (*fim* [este, lat. *finis*] + *da* [este, lat. *de* + *a*] + *tarde* [este, lat. *tarde*])^a → entardecer. → tardinha. ‘cair da tarde’. *QSL 27: E quando o sol se põe?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

M

mudar – v. (< lat. *mutare*)^a → cair. → correr. ‘ir ao chão’. // INF *QSL 32: E quando se vê uma ___, como é que se diz?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

N

nascido do sol – sm. (< *nascido* [este, lat. vulg. *nascēre*] + *do* [este, *de* + *o*] + *sol* [este, lat. *sōl*])^c ‘momento em que o sol aparece no horizonte’. *QSL 23: Como se chama a parte do dia quando se começa a clarear?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

O

ontem – adv. (< lat. *ad noctem*)^c ‘dia anterior ao que se está’. *QSL 36: Hoje é segunda-feira. E domingo, que dia foi?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

P

pôr do sol – sm. (< *pôr* [este, lat. *pōnēre*] + *do* [este, *de* + *o*] + *sol* [este, lat. *sōl*])^c → cair do sol. ‘momento em que o sol se oculta no horizonte na direção oeste’. *QSL 25: E o que acontece no céu no final da tarde?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

via láctea – sf. (< *via* [este, lat. *via*] + *láctea* [este, lat. *lacteus a, um*])^a → constelação. ‘grupo de estrelas’. *QSL 33: Numa noite bem estrelada, aparece uma banda ou faixa que fica no céu de fora a fora, onde tem muitas estrelas muito perto uma das outras. Como chamam esta banda ou faixa?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

T

tardinha – sf. (< *tarde* + *-inha*) → entardecer. fim da tarde. ‘cair da tarde’. *QSL 27: E quando o sol se põe?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

ternanteontem ~ **tresantonte** – adv. (origem obscura) → antes de ontem de ontem. ‘antes do dia anterior’. *QSL 38: Como se chama o dia que foi antes de ___? [E mais um dia para trás?]*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

tresantonte → **ternanteontem**.

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

V

vênus – sm. (< lat. *vēnus*)^a → estrela’ alva. → estrela da manhã. → estrela matutina. ‘estrela que aparece durante a manhã e é a última a desaparecer no céu’. *QSL 29: De manhã cedo, uma estrela brilha mais e é a última a desaparecer. Como chamam esta estrela?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

A

abort[ar] – v. (< lat. *abortare*)^a → perd[er] a cria. ‘interrupção da gestação, ocorrendo a morte do feto’. //IPP3 **abortou** *QSL 60: Como se diz quando a fêmea de um animal perde a cria?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

aipim – sf. (< tupi *ai'pi*)^c → macaxeira.¹ → mandioca.¹ ‘tubérculo comestível usado para fazer farinha’. *QSL 50: Como se chama aquela raiz branca por dentro, coberta por uma casca marrom, que se cozinha para comer?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

amendoim – sm. (< tupi *manu'ui*)^c ‘fruta oleaginosa da mesma família das castanhas, das nozes e das avelãs’. *QSL 40: Como se chama o grão coberto por uma casquinha dura, que se come assado, cozido, torrado ou moído?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

bananas gêmeas – sf. pl. (< *bananas* + *gêmeas*) → bananas casadas. → bananas irmãs. ‘bananas que estão grudadas uma na outra’. *QSL 43: Como se chamam duas bananas que nascem grudadas?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

bage → vage.

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

bolsa – sf. (< lat. *bŭrsa*)^c ‘recipiente em forma de saco, feito de couro’. *QSL 58: E quando se usam objetos de couro, com tampa, para levar farinha, no lombo do cavalo ou do burro?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

borrego – sm. (< lat. *borro* + *-ego*) → carneirinho. → filhote. ‘carneiro até um ano de idade’. *QSL 59: Como se chama a cria da ovelha logo que nasce? E até que idade se dá esse nome?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

braço – sm. (< lat. *brac(c)hium*)^a ‘parte final de algo’ → cabo. *QSL 53: Como se chamam as duas partes em que a pessoa segura para empurrar a (a)___?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

B

bananas casadas – sf. pl. (< *bananas* + *casadas*) → bananas gêmeas. → bananas irmãs. ‘bananas que estão grudadas uma na outra’. *QSL 43: Como se chamam duas bananas que nascem grudadas?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

bananas irmãs – sf. pl. (< *bananas* + *irmãs*) → bananas casadas. → bananas gêmeas. ‘bananas que estão grudadas uma na outra’. *QSL 43: Como se chamam duas bananas que nascem grudadas?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

C

cabo – sm. (< lat. *capŭt*)^c ‘parte final de algo’ → braço. *QSL 53: Como se chamam as duas partes em que a pessoa segura para empurrar a (a)___?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

cacho – sm. (< prov. *cacculus*)^a → palma. → penca. ‘conjunto de frutos ou flores preso a uma única haste’. *QSL 42: Como se chama cada parte que se corta do cacho da bananeira para pôr para madurar/amadurecer?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

caminho¹ – sm. (< lat. vulg. *cammīnus*)^h → picada. → pique. → trilha.¹ ‘caminho aberto mecanicamente em mata fechada’. *QSL 62: O que é que se*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

abre com o facão, a foice para passar por um mato fechado?

caminho² – sm. (< lat. vulg. *camminus*)^c → trilha.² → varadouro. → vereda. ‘faixa de terreno por onde passam ou podem caminhar pessoas ou animais’. *QSL 63: Como se chama o caminho, no pasto, onde não cresce mais grama, de tanto o animal ou o homem passarem por ali?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

camomila – sf. (< lat. tar. *camomilla*)^c ‘planta aromática usada para chá’. *QSL 41: Como se chamam umas florezinhas brancas com miolo amarelinho, ou florezinhas secas que se compram na farmácia ou no supermercado e servem para fazer um chá amarelinho, cheiroso, bom para dor de barriga de nenê/bebê e até de adulto e também para acalmar?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

canga¹ – sf. (< célt. *cambica*)^c → cangalha.¹ → forquilha. ‘armação de madeira que junta dois bois pelo pescoço e os liga a carro ou arado’. *QSL 54: Como se chama a armação de madeira, que se coloca no pescoço de animais (porco, terneiro/bezerro, carneiro, vaca), para não atravessarem a cerca?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

canga² – sf. (< célt. *cambica*)^c ‘armação de madeira que junta dois bois pelo pescoço e os liga a carro ou arado’. *QSL 56: Como se chama a peça de madeira que vai no pescoço do boi, para puxar o carro ou o arado?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

cangalha¹ – sf. (< *canga* + *-alha*) → canga¹. → forquilha. ‘armação de madeira que junta dois bois pelo pescoço e os liga a carro ou arado’. *QSL 54: Como se chama a armação de madeira, que se coloca no pescoço de animais (porco, terneiro/bezerro, carneiro, vaca), para não atravessarem a cerca?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

cangalha² – sf. (< célt. *cambica*)^c ‘armação que se coloca em lombo de animais com recipientes

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

laterais para alojar cargas’. *QSL 55: Como se chama a armação de madeira que se coloca no lombo do cavalo ou do burro para levar cestos ou cargas?*

carneirinho – sm. (< *carneiro* [este, lat. *carnariu*] + *-inho*)^a → borrego. → filhote. ‘carneiro até um ano de idade’. *QSL 59: Como se chama a cria da ovelha logo que nasce? E até que idade se dá esse nome?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

carrinho de mão – sm. (< *carro* [este, lat. *carrus*] + *-inho* + *de* [este, lat. *de*] + *mão* [este, lat. *mānus -us*])^c ‘pequeno veículo movido a energia humana usado para transportar pequenas cargas’. *QSL 52: Como se chama um veículo de uma roda, empurrado por uma pessoa, para pequenas cargas em trechos curtos?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

cesto – sm. (< lat. *caestus -ūs*)^c → paneiro. ‘espécie de recipiente de vime com alças’. *QSL 57: Como se chamam aqueles objetos de vime, de taquara, de cipós trançado(s), para levar batatas (mandioca, macaxeira, aipim, etc.) no lombo do cavalo ou do burro?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

D

diarista – s2g. (< *diária* + *-ista*) ‘que presta serviço e recebe por dia trabalhado’. *QSL 61: Como se chama o homem que é contratado para trabalhar na roça do outro, que recebe por dia de trabalho?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

E

espiga – sf. (< lat. *spīca, -ae*)^c ‘haste terminal de algumas gramíneas onde se situam os grãos’. *QSL 45: Quando se vai colher o milho, o que é que se tira do pé? [Quando*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

se vai à feira comprar milho, compra-se o quê?]

F

filhote – sm. (< *filho* [este, lat. *filius*] + *-ote*)^a. → borrego. → carneirinho. ‘carneiro até um ano de idade’. *QSL 59: Como se chama a cria da ovelha logo que nasce? E até que idade se dá esse nome?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

flor da bananeira – sf. (< *flor* [este, *flos -oris*] + *da* [este, *de + a*] + *bananeira* [este, *banana + -eira*])^c. → mangará. ‘ponta terminal da inflorescência da bananeira’. *QSL 44: Como se chama a ponta roxa no cacho da banana?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

forquiha – sf. (< cast. *horquilla*)^a. → canga¹. → cangalha.¹ ‘armação de madeira que junta dois bois pelo pescoço e os liga a carro ou arado’. *QSL 54: Como se chama a armação de madeira, que se coloca no pescoço de animais (porco, terneiro/bezerro, carneiro, vaca), para não atravessarem a cerca?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

G

girassol – sf. (< *gira + -sol*) ‘planta cuja flor se volta para o sol’. *QSL 48: Como se chama flor grande, amarela, redonda, com uma rodela de sementes no meio?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

M

macaxeira¹ – sf. (< tupi *maka'šera*)^c. → aipim. → mandioca.¹ ‘tubérculo comestível usado para fazer farinha’. *QSL 50: Como se*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

chama aquela raiz branca por dentro, coberta por uma casca marrom, que se cozinha para comer?

macaxeira² – sf. (< tupi *maka'šera*)^c. → mandioca.² ‘tubérculo comestível usado para fazer farinha’. *QSL 51: Como se chama uma raiz parecida com ___ que não serve para comer e se rala para fazer farinha (polvinho, goma)?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

mandioca¹ – sf. (< tupi *manioka'i*)^c. → aipim. → macaxeira¹. ‘tubérculo comestível usado para fazer farinha’. *QSL 50: Como se chama aquela raiz branca por dentro, coberta por uma casca marrom, que se cozinha para comer?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

mandioca² – sf. (< tupi *manioka'i*)^c. → macaxeira.² ‘tubérculo da planta lactescente’. *QSL 51: Como se chama uma raiz parecida com ___ que não serve para comer e se rala para fazer farinha (polvinho, goma)?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

mangará – sf. (< tupi *mana'ra*)^c. → flor da bananeira. ‘ponta terminal da inflorescência da bananeira’. *QSL 44: Como se chama a ponta roxa no cacho da banana?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

mexerica – sf. (< regress. *mexerica*)^a. → pocã. → tangerina. ‘fruta cítrica, pouco ácida, cuja casca se solta facilmente dos gomos’. *QSL 39: Como se chamam as frutas menores que a laranja, que se descascam com a mão, e, normalmente, deixam um cheiro na mão? Como elas são?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

P

palma – sf. (< lat. *palma, ae*)^g → cacho. → penca. ‘conjunto de frutos ou flores preso a uma única haste’. *QSL 42: Como se chama cada parte que se corta do cacho da bananeira para pôr para madurar/amadurecer?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

paneiro – sm. (< *pan + -eiro*) → cesto. ‘espécie de recipiente de vime com alças’. *QSL 57: Como se chamam aqueles objetos de vime, de taquara, de cipós trançado(s), para levar batatas (mandioca, macaxeira, aipim, etc.) no lombo do cavalo ou do burro?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

penca – sf. (origem obscura) → cacho. → palma. ‘conjunto de frutos ou flores preso a uma única haste’. *QSL 42: Como se chama cada parte que se corta do cacho da bananeira para pôr para madurar/amadurecer?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

perd[er] a cria – v. (< *perder* [este, lat. *perdere*] + *a* [este, lat. *illam*] + *cria* [este, regress. *criar*])^a → abort[ar]. ‘interrupção da gestação, ocorrendo a morte do feto’. //IPP3 **perdeu** *QSL 60: Como se diz quando a fêmea de um animal perde a cria?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

picada – sf. (< *pique + -ada*) → caminho.¹ → pique. → trilha.¹ ‘caminho aberto mecanicamente em mata fechada’. *QSL 62: O que é que se abre com o facão, a foice para passar por um mato fechado?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

pique – sm. (< regress. *picar*)^a → caminho.¹ → picada. → pique. → trilha.¹ ‘caminho aberto mecanicamente em mata fechada’. *QSL 62: O que é que se abre com o facão, a foice para passar por um mato fechado?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

S

sabugo – sm. (< lat. *sabūcus, -ī*)^c ‘espiga de milho sem os grãos’. *QSL 46: Quando se tira da todos os grãos do milho, o que sobra?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

T

talo – sm. (< lat. *thallus, -i*)^c → toco. → touceira. ‘caule’. *QSL 47: Depois que se corta o pé de arroz ou de fumo, ainda fica uma pequena parte no chão. Como se chama essa parte?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

tangerina – sf. (< top. *Tânger*) → mexerica. → pocã. ‘fruta cítrica, pouco ácida, cuja casca se solta facilmente dos gomos’. *QSL 39: Como se chamam as frutas menores que a laranja, que se descascam com a mão, e, normalmente, deixam um cheiro na mão? Como elas são?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

toco – sm. (origem obscura) → talo. → touceira. ‘caule’. *QSL 47: Depois que se corta o pé de arroz ou de fumo, ainda fica uma pequena parte no chão. Como se chama essa parte?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

touceira – sf. (< *touça + -eira*)^a → talo. → toco. ‘caule’. *QSL 47: Depois que se corta o pé de arroz ou de fumo, ainda fica uma pequena parte no chão. Como se chama essa parte?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

trilha¹ – sf. (regress. *trilhar*)^a → caminho.¹ → picada. → pique. ‘caminho aberto mecanicamente em mata fechada’. *QSL 62: O que é que se abre com o facão, a foice para passar por um mato fechado?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

trilha² – sf. (regress. *trilhar*)^a. → caminho². → varadouro. → vereda. ‘faixa de terreno por onde passam ou podem caminhar pessoas ou animais’. *QSL 63: Como se chama o caminho, no pasto, onde não cresce mais grama, de tanto o animal ou o homem passarem por ali?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

V

varadouro – sm. (< *vara*(r) + -*douro*)^a. → caminho.² → trilha² → vereda. ‘faixa de terreno por onde passam ou podem caminhar pessoas ou animais’. *QSL 63: Como se chama o caminho, no pasto, onde não cresce mais grama, de tanto o animal ou o homem passarem por ali?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

vagem ~ *bage* ~ *vage* – sf. (< lat. *vagina*)^a. ‘fruto do feijoeiro’. *QSL 49: Onde é que ficam os grãos do feijão, no pé, antes de serem colhidos?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

vage → *vagem*.

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

vereda – sf. (< lat. *vereda*)^a. → caminho². → trilha.² → varadouro. ‘faixa de terreno por onde passam ou podem caminhar pessoas ou animais’. *QSL 63: Como se chama o caminho, no pasto, onde não cresce mais grama, de tanto o animal ou o homem passarem por ali?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

A

aleijado – adj. (< regress. *aleijar*)^a → capenga. → coxo. → manco. → perneta. ‘que tem uma das pernas mais curta que a outra e/ou alguma deficiência nos pés que impede a locomoção plena’. *QSL 82: Como se chama o animal que tem uma perna mais curta e que puxa de uma perna?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

anca – sf. (< lat. *hancha*)^a → bunda. → garupa. → quartos. → traseira. ‘par de nádegas’. *QSL 76: Como se chama a parte larga atrás do ____?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

B

beija-flor – sm. (< *beija* + *flor* [este, lat. *flos -oris*])^a → colibri. ‘ave de asas compridas e bico longo e fino, com o qual suga o néctar das flores’. *QSL 65: Como se chama o passarinho bem pequeno, que bate muito rápido as asas, tem o bico comprido e fica parado no ar?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

bicho da fruta – sm. (*bicho* [este, lat. *bestia*] + *da* [este, lat. *de +a*] + *fruta* [este, lat. *fructa*])^a → bicho de goiaba. → tapuru.² ‘larva que dá em alimentos’. *QSL 86: Como se chama aquele bichinho branco, enrugadinho, que dá em goiaba, coco?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

bicho de goiaba – sm. (*bicho* [este, lat. *bestia*] + *de* [este, lat. *de*] + *goiaba* [este, esp. *guayaba*])^a → bicho da fruta. → tapuru.² ‘larva

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

que dá em alimentos’. *QSL 86: Como se chama aquele bichinho branco, enrugadinho, que dá em goiaba, coco?*

bicó¹ – adj. (origem obscura) → cotó.¹ → sura. ‘animal que tem o rabo cortado’. *QSL 69: Como se chama uma galinha sem rabo?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

bicó² – adj. (origem obscura) → cotó.². ‘animal que tem o rabo cortado’. *QSL 70: Como se chama um cachorro de rabo cortado?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

bunda – sf. (< quimb. *mbunda*)^a → anca. → garupa. → quartos. → traseira. ‘par de nádegas’. *QSL 76: Como se chama a parte larga atrás do ____?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

C

capenga – adj. (origem obscura) → aleijado. → coxo. → manco. → perneta. ‘que tem uma das pernas mais curta que a outra e/ou alguma deficiência nos pés que impede a locomoção plena’. *QSL 82: Como se chama o animal que tem uma perna mais curta e que puxa de uma perna?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

capote – sm. (< fr. *capot*, de *cape*)^m → galinha d’angola. → picote. → tô fraco. ‘ave de plumagem acinzentada com pintas brancas, originária da África’. *QSL 67: Como se chama a ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

carapanã – sm. (< tupi *karapa’na*)^c → mosquito. → muriçoca. → pernilongo. ‘espécie de inseto hematófago’. *QSL 88: Como se chama aquele inseto pequeno, de*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

pernas compridas, que canta no ouvido das pessoas, de noite?

cauda – sm. (< lat. *cauda*)^a → rabo². ‘prolongamento da coluna vertebral de alguns animais’. *QSL 74: Como se chama o cabelo comprido na traseira do cavalo?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

chamechuga – sf. (→ sanguessuga) → sanguessuga. ‘vermes sugadores de sangue de animais vertebrados’. *QSL 84: Como se chama um bichinho que se gruda nas pernas das pessoas quando elas entram num córrego ou banhado?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

chifre – sm. (< cast. *chifre*)^c. ‘cada um dos apêndices ósseos da cabeça de um animal’. *QSL 77: O que o boi tem na cabeça?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

cavalo d’água – sf. (*cavalo* [este, lat. *caballus*] + *de* [este, lat. *de*] + *água*)^a → cavalo do cão. → helicóptero. → jacinta. → lavadeira. → libélula. ‘inseto de quatro asas longas e transparentes, com abdômen estreito e comprido’. *QSL 85: Como se chama o inseto de corpo comprido e fino, com quatro asas bem transparentes, que voa e bate a parte traseira na água?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

cavalo do cão – sf. (*cavalo* [este, lat. *caballus*] + *do* [este, lat. *de* + *o*] + *cão* [este, lat. *cane(m)*])^a → cavalo d’água. → helicóptero. → jacinta. → lavadeira. → libélula. ‘inseto de quatro asas longas e transparentes, com abdômen estreito e comprido’. *QSL 85: Como se chama o inseto de corpo comprido e fino, com quatro asas bem transparentes, que voa e bate a parte traseira na água?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

colibri – sm. (< fr. *colibri*)^a → beija-flor. ‘ave de asas compridas e bico longo e fino, com o qual suga o néctar das flores’. *QSL 65: Como se chama o passarinho bem pequeno, que bate muito rápido*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

as asas, tem o bico comprido e fica parado no ar?

costas – sf. pl. (< lat. *cōsta*)^c → dorso. → lombo. ‘parte posterior do corpo que se estende do pescoço à bacia’. *QSL 75: Como se chama a parte do cavalo onde se vai a sela?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

cotó¹ – adj. (< lat. *cūbitus* - *ī*)^c → bicó.¹ → sura. ‘animal que tem o rabo cortado’. *QSL 69: Como se chama uma galinha sem rabo?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

cotó² – adj. (< lat. *cūbitus* - *ī*)^c → bicó.² ‘animal que tem o rabo cortado’. *QSL 70: Como se chama um cachorro de rabo cortado?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

coxo – adj. (< lat. *coxus*)^c → aleijado. → capenga. → manco. → pernetta. ‘que tem uma das pernas mais curta que a outra e/ou alguma deficiência nos pés que impede a locomoção plena’. *QSL 82: Como se chama o animal que tem uma perna mais curta e que puxa de uma perna?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

crina – sf. (< lat. *crīnis is*)^c. ‘pelo comprido do pescoço do cavalo’. *QSL 73: Como se chama o cabelo em cima do pescoço do cavalo?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

D

dorso – sm. (< lat. *dorsum*, *i*)^c → costa. → lombo. ‘parte posterior do corpo que se estende do pescoço à bacia’. *QSL 75: Como se chama a parte do cavalo onde se vai a sela?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

G

galinha d'angola – sf. (< *galinha* [este, lat. *gallina, ae*] + *de* [este, lat. *de*] + *angola* [este, top. *Angola*])^a → capote. → picote. → tô fraco. ‘ave de plumagem acinzentada com pintas brancas, originária da África’. *QSL 67: Como se chama a ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

L

gambá – sm. (< tupi *gã bá*)^h. → mucura. ‘marsupial que solta um cheiro fétido quando se sente ameaçado’. *QSL 71: Como se chama o bicho que solta um cheiro ruim quando se sente ameaçado?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

garupa – sf. (< frâncico *kruppa*)^a → anca. → bunda. → quartos. → traseira. ‘par de nádegas’. *QSL 76: Como se chama a parte larga atrás do ____?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

J

jacinta – sf. (< fr. *jacinthe*)^c. → cavalo d'água. → cavalo do cão. → helicóptero. → lavadeira. → libélula. ‘inseto de quatro asas longas e transparentes, com abdômen estreito e comprido’. *QSL 85: Como se chama o inseto de corpo comprido e fino, com quatro asas bem transparentes, que voa e bate a parte traseira na água?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

joão-de-barro – sm. (< *joão* [este, hebr. *Iehohanán*] + lat. *de* [este, lat. *de*] + *barro* [este, prov. de uma base pré-romana *barrum*])^h. ‘pequena ave conhecida por seu ninho de barro’. *QSL 66: Como se chama a ave que faz a casa com terra, nos postes, nas árvores a até nos cantos da casa?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

lavadeira – sf. (< *lava(r)* + *-eira*) → cavalo d'água. → cavalo do cão. → helicóptero. → jacinta. → libélula. ‘inseto de quatro asas longas e transparentes, com abdômen estreito e comprido’. *QSL 85: Como se chama o inseto de corpo comprido e fino, com quatro asas bem transparentes, que voa e bate a parte traseira na água?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

libélula – sf. (< fr. *libellule*)^a. → cavalo d'água. → cavalo do cão. → helicóptero. → jacinta. → lavadeira. ‘inseto de quatro asas longas e transparentes, com abdômen estreito e comprido’. *QSL 85: Como se chama o inseto de corpo comprido e fino, com quatro asas bem transparentes, que voa e bate a parte traseira na água?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

lombo – sm. (< lat. *lombus, i*)^a. → costas. → dorso. ‘parte posterior do corpo que se estende do pescoço à bacia’. *QSL 75: Como se chama a parte do cavalo onde se vai a sela?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

M

manco – adj. (< lat. *mancus*)^c. → aleijado. → capenga. → coxo. → pernetta. ‘que tem uma das pernas mais curta que a outra e/ou alguma deficiência nos pés que impede a locomoção plena’. *QSL 82: Como se chama o animal que tem uma perna mais curta e que puxa de uma perna?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

mocho¹ – sm. (< cast. *mocho*)^c. ‘que tem falta de algum membro’. *QSL 78: Como se chama o boi sem ____?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

mocho² – sm. (< cast. *mocho*)^c. ‘que tem falta de algum membro’. *QSL 79: Como se chama a cabra que não tem ____?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

mosquito – sm. (origem obscura) → carapanã. → muriçoca. → pernilongo. ‘espécie de inseto hematófago’. *QSL 88: Como se chama aquele inseto pequeno, de pernas compridas, que canta no ouvido das pessoas, de noite?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

mucura – sf. (< tupi *muku'ra*) → gambá. ‘marsupial que solta um cheiro fétido quando se sente ameaçado’. *QSL 71: Como se chama o bicho que solta um cheiro ruim quando se sente ameaçado?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

muriçoca – sf. (< tupi *muri'soka*) → carapanã. → mosquito. → pernilongo. ‘espécie de inseto hematófago’. *QSL 88: Como se chama aquele inseto pequeno, de pernas compridas, que canta no ouvido das pessoas, de noite?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

mutuca – sf. (< tupi *mu'tuka*)^a. → varejeira. ‘espécie de mosca’. *QSL 83: Como se chama um tipo de mosca grande, esverdeada, que faz um barulhão quando voa?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

P

patas dianteiras – sf. (< *pata* [este, do lat. vulg. *patta*] + *dianeira* [este, fem. *dianeiro*])^h. ‘patas da frente de um animal’. *QSL 72: Como se chama as patas dianteiras do cavalo?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

peito – sm. (< lat. *pēctus, -ōris*)^c. → teta. → úbere. ‘parte do tronco que vai do pescoço ao abdômen’. *QSL 80: Em que parte da vaca fica o leite?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

perneta – adj. (*perna* + *-eta*)^a. → aleijado. → capenga. → coxo. → manco. ‘que tem uma das pernas mais curtas que a outra e/ou alguma deficiência nos pés que impede a locomoção plena’. *QSL 82: Como se chama o animal que tem uma perna mais curta e que puxa de uma perna?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

pernilongo – sm. (*pern(i)* + *-longo*)^a. → carapanã. → mosquito. → muriçoca. ‘espécie de inseto hematófago’. *QSL 88: Como se chama aquele inseto pequeno, de pernas compridas, que canta no ouvido das pessoas, de noite?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

picota → picote.

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

picote ~ picota – sm. (< *pico* + *-ote*)^a. → capote. → galinha d'angola. → tô fraco. ‘ave de plumagem acinzentada com pintas brancas, originária da África’. *QSL 67: Como se chama a ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

Q

quartos – sm. (< lat. *quartus, a, um*)^a. → anca. → bunda. → garupa. → traseira. ‘par de nádegas’. *QSL 76: Como se chama a parte larga atrás do ____?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

R

rabo¹ – sm. (< lat. *rāpum -ī*)^c ‘prolongamento da coluna vertebral de alguns animais’. *QSL 81: Como se chama a parte que o boi espanta as moscas?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

rabo² – sm. (< lat. *rāpum -ī*)^c → cauda. ‘prolongamento da coluna vertebral de alguns animais’. *QSL 74: Como se chama o cabelo comprido na traseira do cavalo?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

S

sanguessuga – sf. (< lat. *sanguisūga -ae*)^c → *chamechuga*. ‘vermes sugadores de sangue de animais vertebrados’. *QSL 84: Como se chama um bichinho que se gruda nas pernas das pessoas quando elas entram num córrego ou banhado?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

sura ~ suru – adj. (origem obscura) → *bicó*.¹ → *cotó*.¹ ‘animal que tem o rabo cortado’. *QSL 69: Como se chama uma galinha sem rabo?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

suru → sura.

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

T

tapuru¹ – sm. (< tupi *tapu'ru*)^h ‘larva de mosca’. *QSL 87: Como se chama aquele bicho preto que dá em esterco, em pau podre?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

tapuru² – sm. (< tupi *tapu'ru*)^h → bicho da fruta. → bicho de goiaba. ‘larva que dá em alimentos’. *QSL 86: Como se chama aquele bichinho branco, enrugadinho, que dá em goiaba, coco?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

teta – sf. (< parônimo *teta*)^a → peito. → úbere. ‘parte do tronco que vai do pescoço ao abdômen’. *QSL 80: Em que parte da vaca fica o leite?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

tô fraco – sm. (< *tô + fraco* [este, lat. *flaccus*])^a → capote. → galinha d’angola. → picote. ‘ave de plumagem acinzentada com pintas brancas, originária da África’. *QSL 67: Como se chama a ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

traseira – sf. (< *trás + -eira*) → anca. → bunda. → garupa. → quartos. ‘par de nádegas’. *QSL 76: Como se chama a parte larga atrás do _____?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

U

úbere – sm. (< lat. *uber, eris*)^c → peito. ‘parte do tronco que vai do pescoço ao abdômen’. *QSL 80: Em que parte da vaca fica o leite?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

urubu – sm. (< tupi *uru'uu*)^c ‘ave que possui cabeça e pescoço nus e se alimenta de carniça’. *QSL 64: Como se chama a ave preta que come animal morto, podre?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

V

varejeira – sf. (< varejo, de varejar)^m → mutuca. ‘espécie de mosca’. *QSL 83: Como se chama um tipo de mosca grande, esverdeada, que faz um barulhão quando voa?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

A

aleijado – sm. (< regress. *aleijar*)^a
→ manco. → puxa da perna. → zambeta. ‘pessoa que puxa de uma perna’. *QSL 115: Como se chama a pessoa que puxa de uma perna?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

axila – sf. (< lat. *axilla*)^c → suvaco. ‘cavidade na parte interna da junção do braço com o ombro’. *QSL 108: Como se chama esta parte aqui?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

B

baldear – v. (< *bald(e) + ear*)^a → provocar. → vomitar. ‘pequena afecção no bordo das pálpebras’. // INF *QSL 112: Se uma pessoa come muito e se sente que vai pôr/botar para fora o que comeu, se diz que vai o quê?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

banguela – adj. (< top. *Benguela*)^c → desdentada. ‘que não tem dentes’. *QSL 100: Como se chama a pessoa que não tem dentes?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

bolacha do joelho – sf. (< *bolacha* [este, lat. *bolo + -acha*] + *do* [este, de + *o*] + *joelho* [este, lat. *genuculu*])^a → patela. → rótula. ‘osso arredondado móvel localizado acima da articulação do fêmur com a tíbia’. *QSL 117: Como se chama o osso arredondado que fica na frente do joelho?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

bustela – sf. (origem obscura) → calaca. → cataraca. → meleca. → mustela. ‘secreção produzida no nariz’. *QSL 102: Como se chama a sujeirinha dura que se tira do nariz com o dedo?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

C

calaca – sf. (origem obscura) → bustela. → calaca. → cataraca. → meleca. → mustela. ‘secreção produzida no nariz’. *QSL 102: Como se chama a sujeirinha dura que se tira do nariz com o dedo?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

calcanhar – sf. (< lat. *calcaneāre*)^c → tendão. ‘a parte posterior do pé, de forma arredondada’. *QSL 119: Como se chama isto?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

cambota – sf. (< *camba + -ota*)^h → catroca. → garrincha. → perna de alicate. → perna torta. ‘indivíduo de pernas tortas’. *QSL 116: Como se chama a pessoa de pernas curvas?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

cangote – sm. (< infl. *canga*)^a → nuca. ‘região posterior do pescoço’. *QSL 104: Como se chama isto?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

canhoto – adj. (< *canho + -oto*)^h ‘que é mais hábil com a mão esquerda e/ou a perna esquerda’. *QSL 110: Como se chama a pessoa que come com a mão esquerda, faz tudo com essa mão?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

caninos – sm. pl. (< lat. *caninus*)^c ‘cada um dos quatro dentes pontudos, situados entre os incisivos e os pré-molares, próprios para lacerar alimentos’. *QSL 97c: Como se chamam esses dois dentes pontudos?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

caolho – adj. (< quimb. *ka + olho*)^h
→ cego de um olho. ‘que só enxerga com um dos olhos’. *QSL 91: Como se chama a pessoa que só enxerga com um olho?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

carne crescida – sf. (< *carne* [este, lat. *caro, carnis*] + *crescida* [este, part. *crescer*])^a → catarata. ‘perda de transparência do cristalino’. *QSL 96: Como se chama aquela parte branca no olho que dá em pessoas mais idosas?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

cataraca – sf. (origem obscura) → bustela. → calaca. → cataraca. → meleca. → mustela. ‘secreção produzida no nariz’. *QSL 102: Como se chama a sujeirinha dura que se tira do nariz com o dedo?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

catarata – sf. (< lat. *cataracta*)^c → carne crescida. ‘perda de transparência do cristalino’. *QSL 96: Como se chama aquela parte branca no olho que dá em pessoas mais idosas?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

catinga – sm. (origem obscura) → catinga. → cecê. → inhaca. → sovaqueira. ‘mau cheiro nas axilas’. *QSL 109: Como se chama o mau cheiro embaixo dos braços?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

catroca – sf. (origem obscura) → cambota → garrincha. → perna de alicate. → perna torta. ‘indivíduo de pernas tortas’. *QSL 116: Como se chama a pessoa de pernas curvas?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

cecê – sm. (origem obscura) → catinga. → inhaca. → sovaqueira. ‘mau cheiro nas axilas’. *QSL 109: Como se chama o mau cheiro embaixo dos braços?*

cego de um olho – adj. (< *cego + de + um + olho*) → caolho. ‘que só enxerga com um dos olhos’. *QSL 91: Como se chama a pessoa que só enxerga com um olho?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

cegueta – adj. (< *cego + -eta*) → curto da vista. → míope. ‘que não enxerga bem por causa da miopia’. *QSL 93: Como se chama a pessoa que não enxerga de longe, e tem que usar óculos?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

cisco – sm. (< dim. de *cinis, cinisculum*)^m. ‘partícula de poeira que entra no olho’. *QSL 90: Como se chama alguma coisinha que cai no olho e fica incomodando?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

clavícula – sf. (< lat. *clavīcula*)^c. ‘osso ântero-superior do tórax’. *QSL 106: Como se chama o osso que vai do pescoço até o ombro?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

cócegas ~ cosca ~ cosquinha – sf. (< v. *cocegar*, lat. *coctiare*)^m. ‘toques ou fricções leves e muito repetidas nalguns pontos da superfície da pele que provocam risos compulsivos’. *QSL 120: Que sente uma criança quando se passa o dedo na sola do pé?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

conjuntivite – sf. (< fr. *conjunctivite*)^c → dor d’olhos. ‘inflamação da conjuntiva’. *QSL 95: Como se chama a inflamação no olho que faz com que o olho fique vermelho e amanheça grudado?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

corcunda – adj. (< alt. *corcova*)^m. ‘protuberância deforme nas costas’. *QSL 107: Como se chama a pessoa que tem um calombo grande nas costas?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

cosca – sf. (origem obscura) → cócegas. → cosquinha. ‘toques ou fricções leves e muito repetidas nalguns pontos da superfície da pele que provocam risos compulsivos’. *QSL 120: Que sente uma criança quando se passa o dedo na sola do pé?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

cosquinha – sf. (< *cosca + -inha*) → cócegas. → cosca. ‘toques ou fricções leves e muito repetidas nalguns pontos da superfície da pele que provocam risos compulsivos’. *QSL 120: Que*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

sente uma criança quando se passa o dedo na sola do pé?

curto da vista – adj. (< *curto* + *da* + *vista*) → cegueta. → míope. ‘que não enxerga bem por causa da miopia’. *QSL 93: Como se chama a pessoa que não enxerga de longe, e tem que usar óculos?*

D

dente do juízo – sm. (< *dente* [este, lat. *dens*, *-entis*] + *do* [este, *de* + *o*] + *juízo* [este, lat. *jūdicium*])^c → queiro. → siso. ‘últimos dentes molares’. *QSL 98: Como se chamam os últimos dentes, que nascem depois de todos os outros, em geral quando a pessoa já é adulta?*

desdentada – sm. (< *des* + *dente* [este, lat. *dens*, *-entis*] + *-ada*) → banguela. ‘que não tem dentes’. *QSL 100: Como se chama a pessoa que não tem dentes?*

dor d’olhos – sf. (< *dor* [este, lat. *dolor*] + *de* [este, lat. *de*] + *olhos* [este, lat. *oculus*])^a → conjuntivite. ‘inflamação da conjuntiva’. *QSL 95: Como se chama a inflamação no olho que faz com que o olho fique vermelho e amarelo grudado?*

E

estrábico – adj. (< *estrab(o)* + *-ico*)^a → tralhota. → vesgo. → vesgueta. → zarolho. ‘que não tem ambos os olhos direcionados para o foco do olhar’. *QSL 92: Como se chama a pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

F

fanhoso ~ fanho ~ fonfom – adj. (< *fanha* + *-oso*)^h ‘que fala com a voz anasalada, como que passando pelo nariz’. *QSL 101: Como se chama a pessoa que parece falar pelo nariz?*

fanho – adj. (origem obscura) → fanhoso. ‘que fala com a voz anasalada, como que passando pelo nariz’. *QSL 101: Como se chama a pessoa que parece falar pelo nariz?*

fonfom – adj. (origem obscura) → fanhoso. ‘que fala com a voz anasalada, como que passando pelo nariz’. *QSL 101: Como se chama a pessoa que parece falar pelo nariz?*

G

garrincha – adj. (origem obscura) → cambota. → catroca. → perna de alicate. → perna torta. ‘indivíduo de pernas tortas’. *QSL 116: Como se chama a pessoa de pernas curvas?*

gogó – sm. (origem obscura) → nó da goela. → nó na garganta. → pomo de adão. ‘saliência da cartilagem tireóide’. *QSL 105: Como se chama esta parte alta do pescoço do homem?*

I

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

inhaca – sm. (< tupi *yakwa*)^a → catinga. → cecê. → sovaqueira. ‘mau cheiro nas axilas’. *QSL 109: Como se chama o mau cheiro embaixo dos braços?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

N

M

mama – sf. (< lat. *mamma, ae*)^a → peito. → seios. ‘parte do corpo da mulher que gera leite’. *QSL 111: Como se chama a parte do corpo da mulher que amamenta os filhos?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

manco – sm. (< lat. *mancus*)^c → aleijado. → puxa da perna. → zambeta. ‘pessoa que puxa de uma perna’. *QSL 115: Como se chama a pessoa que puxa de uma perna?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

meleca – sf. (< lat. *melleus*)^c → bustela. → calaca. → cataraca. → mustela. ‘secreção produzida no nariz’. *QSL 102: Como se chama a sujeirinha dura que se tira do nariz com o dedo?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

míope – adj. (< fr. *myope*)^c → cegueta. → curto da vista. ‘que não enxerga bem por causa da miopia’. *QSL 93: Como se chama a pessoa que não enxerga de longe, e tem que usar óculos?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

molares – sm. (< lat. *molāris*)^c → queixais. ‘dentes situados nas extremidades das arcadas dentárias’. *QSL 99: Como se chamam esses dentes grandes no fundo da boca, vizinhos dos ___.*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

mustela – sf. (origem obscura) → bustela. → calaca. → cataraca. → meleca. → mustela. ‘secreção produzida no nariz’. *QSL 102: Como se chama a sujeirinha dura que se tira do nariz com o dedo?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

nó da goela – sm. (*nó + da + goela*) → gogó. → nó na garganta. → pomo de adão. ‘saliência da cartilagem tireóide’. *QSL 105: Como se chama esta parte alta do pescoço do homem?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

nó na garganta – sm. (*nó + na + garganta*) → gogó. → nó da goela. → pomo de adão. ‘saliência da cartilagem tireóide’. *QSL 105: Como se chama esta parte alta do pescoço do homem?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

nuca – sf. (< lat. *nucha*)^c → cangote. ‘região posterior do pescoço’. *QSL 104: Como se chama isto?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

P

pálpebras – sf. (< lat. *palpēbra -ae*)^c → pestana. ‘membrana que cobre os olhos’. *QSL 89: Como se chama esta parte que cobre o olho?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

patela – sf. (origem obscura) → bolacha do joelho. → rótula. ‘osso arredondado móvel localizado acima da articulação do fêmur com a tíbia’. *QSL 117: Como se chama o osso arredondado que fica na frente do joelho?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

peito – sf. (< lat. *pēctus -ōris*)^c → mama. → seios. ‘parte do corpo da mulher que gera leite’. *QSL 111: Como se chama a parte do corpo da mulher que amamenta os filhos?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

perna de alicate – adj. (*perna* [este, lat. *perna, ae*] + *de* [este, lat, *de*] + *alicate* [este, ár. *al-laqqat*])^a →

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

cambota. → catroca. → garrincha. → perna torta. ‘indivíduo de pernas tortas’. *QSL 116: Como se chama a pessoa de pernas curvas?*

perna torta – adj. (*perna* [este, lat. *perna, ae*] + *torta*) → cambota. → catroca. → garrincha. → perna de alicate. ‘indivíduo de pernas tortas’. *QSL 116: Como se chama a pessoa de pernas curvas?*

perneta – adj. (< lat. *vulg. expernicare*)^c. ‘pessoa que não tem uma das pernas’. *QSL 114: Como se chama a pessoa que não tem uma perna?*

pestanda – sf. (< esp. *pestanã*)^a. → pálpebras. ‘membrana que cobre os olhos’. *QSL 89: Como se chama esta parte que cobre o olho?*

pomo de adão – sm. (< *pomo* [este, lat. *pōmum, -ī*] + *de* [este, lat. *de*] + *Adão* [este, lat. *Ādām*])^c. → gogó. → nó da goela. → nó na garganta. ‘saliência da cartilagem tireóide’. *QSL 105: Como se chama esta parte alta do pescoço do homem?*

presas – sf. pl. (origem obscura) → caninos. ‘cada um dos quatro dentes pontudos, situados entre os incisivos e os pré-molares, próprios para lacerar alimentos’. *QSL 97: Como se chamam esses dois dentes pontudos?*

provocar – v. (< lat. *provocare*)^a. → baldear. → vomitar. ‘pequena afecção no bordo das pálpebras’. *QSL 112: Se uma pessoa come muito e se sente que vai pôr/botar para fora o que comeu, se diz que vai o quê?*

puxa da perna – adj. (< *puxa + da + perna*) → aleijado. → manco. → zambeta. ‘pessoa que puxa de uma perna’. *QSL 115: Como se chama a pessoa que puxa de uma perna?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

Q

queiro – sm. (origem obscura) → → dente do juízo. ‘últimos dentes molares’. *QSL 98: Como se chamam os últimos dentes, que nascem depois de todos os outros, em geral quando a pessoa já é adulta?*

queixais – sm. (< *queixo + -ais*) → molares. ‘dentes situados nas extremidades das arcadas dentárias’. *QSL 99: Como se chamam esses dentes grandes no fundo da boca, vizinhos dos ____.*

R

rótula – sf. (< lat. *rotūla -ae*)^c. → bolacha do joelho. → patela. ‘osso arredondado móvel localizado acima da articulação do fêmur com a tíbia’. *QSL 117: Como se chama o osso arredondado que fica na frente do joelho?*

S

seios – sf. pl. (< lat. *sinus, us*)^a. → peito. ‘parte do corpo da mulher que gera leite’. *QSL 111: Como se chama a parte do corpo da mulher que amamenta os filhos?*

siso – sm. (< lat. *sensus*)^a. → dente do juízo. ‘últimos dentes molares’. *QSL 98: Como se chamam os últimos dentes, que nascem depois de todos os outros, em*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

geral quando a pessoa já é adulta?

solução – sm. (< lat. vulg *suggluttium*)^c: ‘contração do diafragma que produz um ruído característico ao passar o ar pela glote’. *QSL 103: Como se chama este barulhinho que se faz?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

suvaco – sm. (origem obscura) → axilas. ‘cavidade na parte interna da junção do braço com o ombro’. *QSL 108: Como se chama esta parte aqui?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

sovaqueira – sf. (< *suvaco* + *-q* + *-eira*) → catinga. → cecê. → inhaca. ‘mau cheiro nas axilas’. *QSL 109: Como se chama o mau cheiro embaixo dos braços?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

T

tendão – sm. (< lat. *tendo, inis*)^a: → calcanhar. ‘a parte posterior do pé, de forma arredondada’. *QSL 119: Como se chama isto?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

terçol – sm. (origem obscura) → *três sol*. ‘pequena afecção no bordo das pálpebras’. *QSL 94: Como se chama a bolinha que nasce na _____, fica vermelha e incha?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

tornozelo – sm. (origem obscura) ‘saliência óssea na articulação do pé com a perna’. *QSL 118: Como se chama isto?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

tralhota – adj. (origem obscura) → estrábico. → vesgo. → vesgueta. → zarolho. ‘que não tem ambos os olhos direcionados para o foco do olhar’. *QSL 92: Como se chama a pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

três sol – sm. (< *três* [este, lat. *três*] + *sol* [este, lat. *sol*])^a: → terçol. ‘pequena afecção no bordo das pálpebras’. *QSL 94: Como se chama a bolinha que nasce na _____, fica vermelha e incha?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

U

útero – sf. (< fr. *utérus*)^c: → ventre. ‘órgão do aparelho feminino no qual é gerado o feto dos mamíferos’. *QSL 113: Como se chama a parte do corpo da mãe onde fica o nenê/bebê antes de nascer?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

V

ventre – sm. (< lat. *venter*)^a: → útero. ‘órgão do aparelho feminino no qual é gerado o feto dos mamíferos’. *QSL 113: Como se chama a parte do corpo da mãe onde fica o nenê/bebê antes de nascer*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

vesgo – adj. (< esp. *bisgo/bizco*)^h: → estrábico. → tralhota. → vesgueta. → zarolho. ‘que não tem ambos os olhos direcionados para o foco do olhar’. *QSL 92: Como se chama a pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

vesgueta – adj (origem obscura) → estrábico. → tralhota. → vesgo. → zarolho. ‘que não tem ambos os olhos direcionados para o foco do olhar’. *QSL 92: Como se chama a pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

vomitar – v. (< lat. *vomitāre*)^c → baldear. → provocar. ‘pequena afecção no bordo das pálpebras’. *QSL 112: Se uma pessoa come muito e se sente que vai pôr/botar para fora o que comeu, se diz que vai o quê?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

Z

zambeta – sm. (< *zambo* + *-eta*) → manco. → aleijado. → puxa da perna. ‘pessoa que puxa de uma perna’. *QSL 115: Como se chama a pessoa que puxa de uma perna?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

zanoi → zarolho.

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

zarolho ~ **zanoi** – adj. (origem obscura) → vesgo. → estrábico. → tralhota. → vesgueta. ‘que não tem ambos os olhos direcionados para o foco do olhar’. *QSL 92: Como se chama a pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

A

aborto – sm. (< lat. *abortare*)^a. ‘interrupção da gravidez, propositalmente ou não’. *QSL 126: Quando a mulher grávida perde o filho, se diz que ela teve _____.*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

abort[ar] – v. (< lat. *abortare*)^a. → perd[er]. ‘interrupção da gravidez’. //IPP3 **abortou**. *QSL 127: Quando a mulher fica grávida e, por algum motivo, não chega a ter a criança, se diz que ela _____?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

ama de leite – sf. (< *ama* [este, lat. *amma*] + *de* [este, lat. *de*] + *leite* [este, lat. *lacte lactis*)^a. → mãe de leite. ‘a mulher que amamenta o filho de outra’. *QSL 128: Quando a mãe não tem leite e outra mulher amamenta a criança, como chamam essa mulher?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

aparaideira – sf. (< *aparar* + *-deira*)^c. → parteira. ‘mulher que ajuda no parto e presta os primeiros socorros às parturientes’. *QSL 123: Como se chama a mulher que ajuda a criança a nascer?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

B

bandeira vermelha – sf. (< *bandeira* [este, cast. *bandera*] + *vermelha* [este, lat. *vermiculus*)^a. → bode. → regra. → menstruação. → sinal vermelho. ‘perda de sangue que ocorre todos os meses nas mulheres não grávidas e em idade fértil’. *QSL 121: As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

bode – sm. (origem obscura) → bandeira vermelha. → regra. → menstruação. → sinal vermelho. ‘perda de sangue que ocorre todos os meses nas mulheres não grávidas e em idade fértil’. *QSL 121: As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

C

caçula – sm. (< quim. *ka'zuli*)^c. → derradeiro. → final de rama. → filho mais novo. ‘filho mais jovem’. *QSL 131: Como se chama o filho que nasce por último?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

cunhatã – sf. (< tupi *kuña' tai*)^a. → curuminha. → garota. → guria. → menina. → mocinha. → moleca. → pirralha. ‘criança do sexo feminino’. *QSL 133: E se for do sexo feminino, como se chama?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

curumim – sm. (< tupi *kuru' mi*)^a. → curumim. → garoto. → guri. → menino. → moleque. → pirralho. → rapaizinho. ‘criança do sexo masculino’. *QSL 132: Criança pequenininha, a gente diz que é bebê. E quando ela tem de 5 a 10 anos, do sexo masculino?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

curuminha – sf. (< *curumim* + *-inha*) → cunhatã. → garota. → guria. → menina. → mocinha. → moleca. → pirralha. ‘criança do sexo feminino’. *QSL 133: E se for do sexo feminino, como se chama?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

D

dar à luz – v. (< *dar* [este, lat. *dāre*] + à + *lux* [este, lat. *lux*)^c. → ganhar neném. → parir. → ter neném. ‘prover o nascimento de uma

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

criança'. *QSL 124: Chama-se a ____ quando a mulher está para ____.*

defunto – sm. (< lat. *defunctus*)^a → falecido. → finado. → saudoso. 'aquele que morreu'. *QSL 135: Numa conversa, para falar de uma pessoa que já morreu, geralmente as pessoas não a tratam pelo nome que tinha em vida. Como é que se referem a ela?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

derradeiro – sm. (< lat. *der(r)etarius*)^a → caçula. → final de rama. → filho mais novo. 'filho mais jovem'. *QSL 131: Como se chama o filho que nasce por último?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

F

falecido – sm. (< part. *falecer*)^a → defunto. → finado. → saudoso. 'aquele que morreu'. *QSL 135: Numa conversa, para falar de uma pessoa que já morreu, geralmente as pessoas não a tratam pelo nome que tinha em vida. Como é que se referem a ela?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

filho adotivo – sm. (< *filho* [este, lat. *filīus, filīa*] + *adotivo* [este, lat. *adoptīvus*])^c → filho de criação. 'que foi adotado'. *QSL 130: Como se chama a criança que não é filho verdadeiro do casal, mas que é criada como se fosse?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

filho de criação – sm. (< *filho* [este, lat. *filīus filīa*] + *de* [este, lat. *de*] + *criação* [este, lat. *creatio, onis*])^c → filho adotivo. 'que foi adotado'. *QSL 130: Como se chama a criança que não é filho verdadeiro do casal, mas que é criada como se fosse?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

final de rama – sm. (< *final* [este, lat. *finatis, e*] + *de* [este, lat. *de*] + *rama*)^a → caçula. → derradeiro. → filho mais novo. 'filho mais jovem'. *QSL 131: Como se chama o filho que nasce por último?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

filho mais novo – sm. (< *filho* [este, lat. *filīus filīa*] + *mais* + *novo* [este, lat. *novus*])^a → caçula. → derradeiro. → final de rama. 'filho mais jovem'. *QSL 131: Como se chama o filho que nasce por último?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

finado – sm. (< part. de *finar*)^h → defunto. → falecido. → saudoso. 'aquele que morreu'. *QSL 135: Numa conversa, para falar de uma pessoa que já morreu, geralmente as pessoas não a tratam pelo nome que tinha em vida. Como é que se referem a ela?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

G

ganhar neném – v. (< *ganhar* + *neném*)^a → dar à luz. → parir → ter neném. 'prover o nascimento de uma criança'. *QSL 124: Chama-se a ____ quando a mulher está para ____.*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

garota – sf. (< fem. *garoto*)^a → cunhatã. → curuminha. → guria. → menina. → mocinha. → moleca. → pirralha. 'criança do sexo feminino'. *QSL 133: E se for do sexo feminino, como se chama?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

garoto – sm. (origem obscura) → curumim. → guri. → menino. → moleque. → pirralho. → rapaizinho. 'criança do sexo masculino'. *QSL 132: Criança pequenininha, a gente diz que é bebê. E quando ela tem de 5 a 10 anos, do sexo masculino?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

gêmeos – sm. (< lat. *gemīnus*)^c 'irmãos gerados em um mesmo momento'. *QSL 125: Como se chama duas crianças que nasceram no mesmo parto?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

guri – sm. (< tupi *gwi'ri*)^a → curumim. → garoto. → menino. → moleque. → pirralho. → rapaizinho. 'criança do sexo masculino'. *QSL 132: Criança pequenininha, a gente diz que é bebê. E quando ela tem de 5 a 10 anos, do sexo masculino?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

guria – sf. (< fem. *guri*)^a → cunhatã. → curuminha. → garota. → menina. → mocinha. → moleca. → pirralha. ‘criança do sexo feminino’. *QSL 133: E se for do sexo feminino, como se chama?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

menino – sm. (origem obscura) → curumim. → garoto. → guri. → moleque. → pirralho. → rapaizinho. ‘criança do sexo masculino’. *QSL 132: Criança pequenininha, a gente diz que é bebê. E quando ela tem de 5 a 10 anos, do sexo masculino?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

I

irmão de leite – sm. (*irmão* [este, lat. *germānus*] + *de* [este, lat. *de*] + *leite* [este, *lacte*])^c. ‘crianças amamentadas pela mesma mulher’. *QSL 129: O próprio filho da ___ e a criança que ela amamenta são o quê um do outro?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

menopausa – sf. (< *men(o)-* + *pausa*)^h. ‘supressão da menstruação’. *QSL 122: Numa certa idade acaba a/o___. Quando isso acontece, se diz que a mulher ___.*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

menstruação – sf. (< *menstruar* + *-ção*)^h. → bandeira vermelha. → bode. → regra. → sinal vermelho. ‘perda de sangue que ocorre todos os meses nas mulheres não grávidas e em idade fértil’. *QSL 121: As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

M

madrasta – sf. (< lat. *matrasta*)^c. ‘mulher casada com o pai de uma pessoa, sem ser sua mãe’. *QSL 134: quando um homem fica viúvo e casa de novo, o que a segunda mulher é dos filhos que ele já tinha?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

mocinha – sf. (< *moça* + *-inha*) → cunhatã. → curuminha. → garota. → guria. → menina. → moleca. → pirralha. ‘criança do sexo feminino’. *QSL 133: E se for do sexo feminino, como se chama?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

mãe de leite – sf. (< *mãe* [este, lat. *mater -tris*] + *de* [este, lat. *de*] + *leite* [este, lat. *lacte, lactis*])^c. → ama de leite. ‘a mulher que amamenta o filho de outra’. *QSL 128: Quando a mãe não tem leite e outra mulher amamenta a criança, como chamam essa mulher?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

moleque – sm. (quimb. *muleke*)^a. → curumim. → garoto. → guri. → menino. → pirralho. → rapaizinho. – ‘criança do sexo masculino’. *QSL 132: Criança pequenininha, a gente diz que é bebê. E quando ela tem de 5 a 10 anos, do sexo masculino?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

P

menina ~ menina moça – sf. (origem obscura) → cunhatã. → curuminha. → garota. → guria. → mocinha. → moleca. → pirralha. ‘criança do sexo feminino’. *QSL 133: E se for do sexo feminino, como se chama?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

parir – v. (< lat. *parere*)^a. → dar à luz. → ganhar neném. → ter neném. ‘prover o nascimento de uma criança’. //INF *QSL 124: Chama-se a ___ quando a mulher está para___.*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

menina moça → menina.

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

parteira – sf. (< *parto* + *-eira*) → aparadeira. ‘mulher que ajuda no parto e presta os primeiros socorros às parturientes’. *QSL 123: Como se chama a mulher que ajuda a criança a nascer?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

perd[er] – v. (< lat. *pĕrdĕre*)^c → abort[ar]. ‘interrupção da gravidez’. //IPP3 **perdeu**. *QSL 127: Quando a mulher fica grávida e, por algum motivo, não chega a ter a criança, se diz que ela _____?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

pirralha – sf. (origem obscura) → cunhatã. → curuminha. → garota. → guria. → menina. → mocinha. → moleca. → pirralha. ‘criança do sexo feminino’. *QSL 133: E se for do sexo feminino, como se chama?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

pirralho – sm. (origem obscura) → curumim. → garoto. → guri. → menino. → moleque. → rapaizinho. – ‘criança do sexo masculino’. *QSL 132: Criança pequenininha, a gente diz que é bebê. E quando ela tem de 5 a 10 anos, do sexo masculino?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

R

rapaizinho – sm. (< *rapaz* [este, lat. *rapax, acis*] + *-inho*)^a → curumim. → garoto. → guri. → menino. → moleque. → pirralho. ‘criança do sexo masculino’. *QSL 132: Criança pequenininha, a gente diz que é bebê. E quando ela tem de 5 a 10 anos, do sexo masculino?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

regra – sf. (< lat. *regula, ae*)^a → bandeira vermelha. → bode. → menstruação. → sinal vermelho. ‘perda de sangue que ocorre todos os meses nas mulheres não grávidas e em idade fértil’. *QSL 121: As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

S

saudoso – adj. (< *saudade* [este, lat. *solitate(m)*] + *-oso*)^a → defunto. → falecido. → finado. ‘aquele que morreu’. *QSL 135: Numa conversa, para falar de uma pessoa que já morreu, geralmente as pessoas não a tratam pelo nome que tinha em vida. Como é que se referem a ela?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

sinal vermelho – sm. (*sinal* [este, lat. *signalis*] + *vermelho* [este, lat. *vermiculus, i*])^a → bandeira vermelha. → bode. → menstruação. → regra. ‘perda de sangue que ocorre todos os meses nas mulheres não grávidas e em idade fértil’. *QSL 121: As mulheres perdem sangue todos os meses. Como se chama isso?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

T

ter neném – v. (< *ter* [este, lat. *tenere*] + *neném*)^a → dar à luz. → ganhar neném. → parir. ‘prover o nascimento de uma criança’. //INF *QSL 124: Chama-se a ___ quando a mulher está para ___.*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

A

alcoólatra – sm. (< álcool + -latra)^a → bêbado. → beberrão. → bebo. → bebum. → cachaceiro. → chapado. → embiritado. → embriagado. → mamado. → papudinho. → pau de cana. → pé de cana. → pé inchado. → pingunço. ‘aquele que ingeriu muita bebida alcoólica’. *QSL 144: Que nomes dão a uma pessoa que bebeu demais?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

assassino – sm. (< it. *assassino*)^a → matador de aluguel. → pistoleiro. ‘pessoa que mata por dinheiro’. *QSL 140: Como se chama a pessoa que é paga para matar alguém?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

avarento – sm. (< *ava* + -rento)^a → canguinha. → jarena. → mão de neném. → mão de vaca. → mão-fechada. → mão-presas. → miserável. → mesquinho. → muquinha. → muquirana. → pão duro. → seguro. → sovina. → travoso → unha de fome. ‘indivíduo que não gosta de gastar dinheiro’. *QSL 138: Como se chama a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldade para não gastar?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

B

bagana – sf. (origem obscura) → beata. → bituca. → cortiça. → ponta. → postiça do cigarro. ‘sobra de um cigarro depois de fumado’. *QSL 146: Como se*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

chama o resto do cigarro que se joga fora?

beata – sf. (origem obscura) → bagana. → bituca. → cortiça. → ponta. → postiça do cigarro. ‘sobra de um cigarro depois de fumado’. *QSL 146: Como se chama o resto do cigarro que se joga fora?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

bêbado ~ bebo ~ bebum – sm. (< lat. *bibītus, a, um*)^h → alcoólatra. → beberrão. → cachaceiro. → chapado. → embiritado. → embriagado. → mamado. → papudinho. → pau de cana. → pé de cana. → pé inchado. → pingunço. ‘aquele que ingeriu muita bebida alcoólica’. *QSL 144: Que nomes dão a uma pessoa que bebeu demais?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

beberrão – sm. (< *beber* + -rão)^a → bêbado. → alcoólatra. → bêbado. → cachaceiro. → chapado. → embiritado. → embriagado. → mamado. → papudinho. → pau de cana. → pé de cana. → pé inchado. → pingunço. ‘aquele que ingeriu muita bebida alcoólica’. *QSL 144: Que nomes dão a uma pessoa que bebeu demais?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

bebo → bêbado.

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

bebum → bêbado.

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

bituca – sf. (origem obscura) → bagana. → beata. → cortiça. → ponta → postiça do cigarro. (origem obscura) ‘sobra de um cigarro depois de fumado’. *QSL 146: Como se chama o resto do cigarro que se joga fora?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

boi – sm. (< lat. *bovem*)^a → corno. → chifrudo.¹ → galhudo. → marido enganado. → traído.

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

‘marido traído’. *QSL 141: Como se chama o marido que a mulher passa para trás com outro homem?*

burro – adj. (< lat. *burrus*)^c → rude. *QSL 137: Como se chama a pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas?*

C

caceteira – sf. (< *cacete* + *-eira*) → garota de programa. → meretriz. → mulher da vida. → mulher de programa. → mulher de vida fácil. → piranha. → prima. → prostituta. → puta. → rampeira. → rapariga. → vadia. → vagabunda. ‘mulher que faz sexo em troca de dinheiro’. *QSL 142: Como se chama a mulher que se vende para qualquer homem?*

cachaceiro – sm. (< *cachaça* + *-eiro*)^a → alcoólatra. → bêbado. → beberrão. → bebo. → chapado. → embiritado. → embriagado. → mamado. → papudinho. → pau de cana. → pé de cana. → pé inchado. → pingunço. ‘aquele que ingeriu muita bebida alcoólica’. *QSL 144: Que nomes dão a uma pessoa que bebeu demais?*

caloteiro – sm. (< *calote* + *-eiro*)^h → enrolado. → mau pagador. → velhaco. ‘pessoa que não paga suas dívidas’. *QSL 139: Como se chama a pessoa que deixa suas contas penduradas?*

canguinha – sf. (< *canga* + *-inha*) → avarento. → jarena. → mão de neném. → mão de vaca. → mão-fechada. → mão-presa. → miserável → mesquinho. → muquinha. → muquirana. → pão duro. → travoso. → seguro. → sovina. → unha de fome. ‘indivíduo que não gosta de gastar dinheiro’. *QSL 138: Como se*

chama a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldade para não gastar.

chifrudo – adj. (< *chifre* + *-udo*) → boi. → chifrudo. → corno. → galhudo. → marido enganado. → traído. ‘marido traído’. *QSL 141: Como se chama o marido que a mulher passa para trás com outro homem?*

cigarro de fumo – sm. (< *cigarro* [este, esp. *cigarro*] + *de* [este, lat. *de*] + *fumo* [este, lat. *fumus*])^a → cigarro de palha. → cigarro de papel. → porronca. → tabaco. ‘cigarro feito com tabaco’. *QSL 145: Que nomes dão ao cigarro que as pessoas faziam antigamente?*

cigarro de palha – sm. (< *cigarro* [este, esp. *cigarro*] + *de* [este, lat. *de*] + *palha* [este, lat. *palea -ae*])^a → cigarro de fumo. → cigarro de papel. → porronca. → tabaco. ‘cigarro feito com tabaco’. *QSL 145: Que nomes dão ao cigarro que as pessoas faziam antigamente?*

cigarro de papel – sm. (< *cigarro* [este, esp. *cigarro*] + *de* [este, lat. *de*] + *papel* [este, catalão *paper*])^a → cigarro de fumo. → cigarro de palha. → porronca. → tabaco. ‘cigarro feito com tabaco’. *QSL 145: Que nomes dão ao cigarro que as pessoas faziam antigamente?*

corno – sm. (< lat. *cornu, us*)^h → boi. → chifrudo. → galhudo. → marido enganado. → traído. ‘marido traído’. *QSL 141: Como se chama o marido que a mulher passa para trás com outro homem?*

cortiça – sf. (< lat. *corticea*)^a → bagana. → beata. → bituca. → cortiça. → ponta. → postiça do cigarro. ‘sobra de um cigarro depois de fumado’. *QSL 146:*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

Como se chama o resto do cigarro que se joga fora?

E

embiritado – adj. (origem obscura) → alcoólatra. → bêbado. → beberrão. → cachaceiro. → chapado. → embriagado. → mamado. → papudinho. → pau de cana. → pé de cana. → pé inchado. → pingunço. ‘aquele que ingeriu muita bebida alcoólica’. *QSL 144: Que nomes dão a uma pessoa que bebeu demais?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

embriagado – adj. (< regress. *embriagar*)^a → alcoólatra. → bêbado. → beberrão. → cachaceiro. → chapado. → embiritado. → mamado. → papudinho. → pau de cana. → pé de cana. → pé inchado. → pingunço. ‘aquele que ingeriu muita bebida alcoólica’. *QSL 144: Que nomes dão a uma pessoa que bebeu demais?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

enrolado – adj. (< regress. *enrolar*)^a → caloteiro. → mau pagador. → velhaco. ‘pessoa que não paga suas dívidas’. *QSL 139: Como se chama a pessoa que deixa suas contas penduradas?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

F

falador – adj. (< *falar* + *-dor*)^a → linguarudo. → língua de trapo. → língua solta. → matraca. → tagarela. → zuadento. *QSL 136: Como se chama a pessoa que fala demais?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

G

galhudo – adj. (< *galho* + *-udo*) → boi. → chifrudo. → corno. → marido enganado. → traído. ‘marido traído’. *QSL 141: Como se chama o marido que a mulher passa para trás com outro homem?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

garota de programa – sf. (*garota* + *de* [este, lat. *de*] + *programa*) → caceteira. → meretriz. → mulher da vida. → mulher de programa. → mulher de vida fácil. → piranha. → prima. → prostituta. → puta. → rampeira. → rapariga. → vadia. → vagabunda. ‘mulher que faz sexo em troca de dinheiro’. *QSL 142: Como se chama a mulher que se vende para qualquer homem?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

J

jarena – adj. (origem obscura) → avarento. → canguinha. → jarena. → mão de neném. → mão de vaca. → mão-fechada. → mão-presa. → miserável. → mesquinho. → muquinha. → muquirana. → pão duro. → seguro. → sovina. → travoso → unha de fome. ‘indivíduo que não gosta de gastar dinheiro’. *QSL 138: Como se chama a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldade para não gastar?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

L

linguarudo – adj. (< *língua* [este, lat. *língua*] + *-r* + *-udo*)^a → falador. → língua de trapo. → língua solta. → matraca. → tagarela. → zuadento. *QSL 136: Como se chama a pessoa que fala demais?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

língua de trapo – adj. (< *língua* [este, lat. *língua*] + *de* [este, lat. *de*] + *trapo*)^a → falador. → linguarudo. → língua solta. → matraca. → tagarela. → zuadento. *QSL 136: Como se chama a pessoa que fala demais?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

língua solta – adj. (< *língua* [este, lat. *língua*] + *solta*)^a → falador. → linguarudo. → língua de trapo. → matraca. → tagarela. → zuadento. *QSL 136: Como se chama a pessoa que fala demais?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

M

mão de neném – adj. (< *mão* [este, lat. *mānus*] + *de* [este, lat. *de*] + *neném*)^a → avarento. → canguinha. → jarena. → mão de neném. → mão de vaca. → mão-fechada. → mão-presa. → miserável. → mesquinho. → muquinha. → muquirana. → pão duro. → travoso. → seguro. → sovina. → unha de fome. ‘indivíduo que não gosta de gastar dinheiro’. *QSL 138: Como se chama a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldade para não gastar?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

mão de vaca – adj. (< *mão* [este, lat. *mānus*] + *de* [este, lat. *de*] + *vaca* [este, lat. *vacca*)^c → avarento. → canguinha. → jarena. → mão de neném. → mão-fechada. → mão-presa. → miserável. → mesquinho. → muquinha. → muquirana. → pão duro. → travoso. → seguro. → sovina. → unha de fome. ‘indivíduo que não gosta de gastar dinheiro’. *QSL*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

138: Como se chama a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldade para não gastar?

mão-fechada – adj. (< *mão* [este, lat. *mānus*] + *fechada*)^c → avarento. → canguinha. → jarena. → mão de neném. → mão-presa. → miserável. → mesquinho. → muquinha. → muquirana. → pão duro. → travoso. → seguro. → sovina. → unha de fome. ‘indivíduo que não gosta de gastar dinheiro’. *QSL 138: Como se chama a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldade para não gastar?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

mão-presa – adj. (< *mão* [este, lat. *mānus*] + *presa*)^a → avarento. → canguinha. → jarena. → mão de neném. → mão de vaca. → mão-fechada. → miserável. → mesquinho. → muquinha. → muquirana. → pão duro. → travoso. → seguro. → sovina. → unha de fome. ‘indivíduo que não gosta de gastar dinheiro’. *QSL 138: Como se chama a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldade para não gastar?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

marido enganado – sm. (< *marido* [este, lat. *maritus*] + *enganado*) → boi. → chifrudo. → corno. → galhudo. → traído. ‘marido traído’. *QSL 141: Como se chama o marido que a mulher passa para trás com outro homem?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

matador de aluguel – sm. (< *matador* + *de* + *aluguel*) → assassino. → pistoleiro. ‘pessoa que mata por dinheiro’. *QSL 140: Como se chama a pessoa que é paga para matar alguém?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

matraca – adj. (< árabe *mitragâ*)^a → falador. → linguarudo. → língua de trapo. → língua solta. → tagarela. → zuadento. *QSL 136: Como se chama a pessoa que fala demais?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

mau pagador – adj. (< *mau* [lat. *malus*] + *pagador*)^a → caloteiro. → enrolado. → velhaco. ‘pessoa que não paga suas dívidas’. *QSL 139: Como se chama a pessoa que deixa suas contas penduradas?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

meretriz – adj. (< lat. *meretrix*)^a → caceteira. → garota de programa. → mulher da vida. → mulher de vida fácil. → piranha. → prima. → prostituta. → puta. → rampeira. → rapariga. → vadia. → vagabunda. ‘mulher que faz sexo em troca de dinheiro’. *QSL 142: Como se chama a mulher que se vende para qualquer homem?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

mesquinho – adj. (< árabe *misikin* + *-inho*)^a → avarento. → canguinha. → jarena. → mão de neném. → mão de vaca. → mão-fechada. → mão-presa. → miserável. → muquinha. → muquirana. → pão duro. → travoso. → seguro. → sovina. → unha de fome. ‘indivíduo que não gosta de gastar dinheiro’. *QSL 138: Como se chama a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldade para não gastar?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

miserável ~ **miseravi** – adj. (< lat. *miserabilis*)^a → avarento. → canguinha. → jarena. → mão de neném. → mão de vaca. → mão-fechada. → mão-presa. → mesquinho. → muquinha. → muquirana. → pão duro. → travoso. → seguro. → sovina. → unha de fome. ‘indivíduo que não gosta de gastar dinheiro’. *QSL 138: Como se chama a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldade para não gastar?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

miseravi → miserável.

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

mulher da vida – sf. (*mulher* [este, lat. *mulier*] + *da* [este, *de* + *a*] + *vida* [este, lat. *vita*])^a → caceteira. → garota de programa. → meretriz. → mulher de vida fácil. → piranha. → prima. → prostituta. → puta. → rampeira. → rapariga. → vadia. → vagabunda. ‘mulher que faz sexo em troca de dinheiro’. *QSL 142: Como se chama a mulher que se vende para qualquer homem?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

mulher de programa – sf. (*mulher* [este, lat. *mulier*] + *de* [este, lat. *de*] + *programa* [este, lat. *programma*])^a → caceteira. → garota de programa. → meretriz. → mulher da vida. → mulher de vida fácil. → piranha. → prima. → prostituta. → puta. → rampeira. → rapariga. → vadia. → vagabunda. ‘mulher que faz sexo em troca de dinheiro’. *QSL 142: Como se chama a mulher que se vende para qualquer homem?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

mulher de vida fácil – sf. (*mulher* [este, lat. *mulier*] + *de* [este, lat. *de*] + *vida* [este, lat. *vita*] + *fácil* [este, lat. *facilis*])^a → caceteira. → garota de programa. → meretriz. → mulher da vida. → mulher de programa. → piranha. → prima. → prostituta. → puta. → rampeira. → rapariga. → vadia. → vagabunda. ‘mulher que faz sexo em troca de dinheiro’. *QSL 142: Como se chama a mulher que se vende para qualquer homem?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

muquinha – adj. (origem obscura) → avarento. → canguinha. → jarena. → mão de neném. → mão de vaca. → mão-fechada. → mão-presa. → miserável. → mesquinho. → muquirana. → pão duro. → travoso. → seguro. → sovina. → unha de fome. ‘indivíduo que não gosta de gastar dinheiro’. *QSL 138: Como se chama a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes,*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

até passa dificuldade para não gastar?

muquirana – adj. (< tupi *moki'rana*)^a → avarento. → canguinha. → jarena. → mão de neném. → mão de vaca. → mão-fechada. → mão-presa. → miserável → mesquinho. → muquinha. → pão duro. → travoso. → seguro. → sovina. → unha de fome. ‘indivíduo que não gosta de gastar dinheiro’. *QSL 138: Como se chama a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldade para não gastar?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

P

pão-duro – adj. (< *pão* [este, lat. *panis*] + *duro* [este, lat. *durus*])^a → avarento. → canguinha. → jarena. → mão de neném. → mão de vaca. → mão-fechada. → mão-presa. → miserável → mesquinho. → muquirana. → travoso. → seguro. → sovina. → unha de fome. ‘indivíduo que não gosta de gastar dinheiro’. *QSL 138: Como se chama a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldade para não gastar?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

papagaio – sf. (origem obscura) → falador. → linguarudo. → língua de trapo. → língua solta. → matraca. → tagarela. → zuadento. ‘pessoa que fala muito’. *QSL 136: Como se chama a pessoa que fala demais?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

papudinho – sm. (< *papudo* + *-inho*) → alcoólatra. → bêbado. → beberrão. → cachaceiro. → chapado. → embiritado. → embriagado. → mamado. → pau de cana. → pé de cana. → pé inchado. → pinguço. ‘aquele que ingeriu muita bebida alcoólica’.

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

QSL 144: Que nomes dão a uma pessoa que bebeu demais?

pau de cana – sm. (< *pau* [este, lat. *pallus*] + *de* [este, lat. *de*] + *cana* [este, lat. *canna*])^a → bêbado. → alcoólatra. → bêbado. → cachaceiro. → chapado. → embiritado. → embriagado. → mamado. → papudinho. → pé de cana. → pé inchado. → pinguço. ‘aquele que ingeriu muita bebida alcoólica’. *QSL 144: Que nomes dão a uma pessoa que bebeu demais?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

pé de cana – sm. (< *pé* + *de* [este, lat. *de*] + *cana* [este, lat. *canna*])^a → bêbado. → alcoólatra. → bêbado. → beberrão. → cachaceiro. → chapado. → embiritado. → embriagado. → mamado. → papudinho. → pau de cana. → pé de cana. → pinguço. ‘aquele que ingeriu muita bebida alcoólica’. *QSL 144: Que nomes dão a uma pessoa que bebeu demais?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

pé inchado – sm. (< *pé* + *inchado*) → bêbado. → alcoólatra. → bêbado. → beberrão. → cachaceiro. → chapado. → embiritado. → embriagado. → mamado. → papudinho. → pau de cana. → pé de cana. → pinguço. ‘aquele que ingeriu muita bebida alcoólica’. *QSL 144: Que nomes dão a uma pessoa que bebeu demais?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

pinguço – sm. (origem obscura) → bêbado. → alcoólatra. → bêbado. → beberrão. → cachaceiro. → chapado. → embiritado. → embriagado. → mamado. → papudinho. → pau de cana. → pé de cana. → pé inchado. ‘aquele que ingeriu muita bebida alcoólica’. *QSL 144: Que nomes dão a uma pessoa que bebeu demais?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

piranha – sf. (< tupi *pi'ra* + *ãia*)^a → caceteira. → garota de programa. → meretriz. → mulher da vida. → mulher de programa. → mulher de vida fácil. → prima. →

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

prostituta. → puta. → rampeira.
→ rapariga. → vadia. →
vagabunda. ‘mulher que faz sexo
em troca de dinheiro’. *QSL 142:*
*Como se chama a mulher que se
vende para qualquer homem?*

pistoleiro – sm. (< cast. *pistolero*)^a
→ assassino. → matador de
aluguel. ‘pessoa que mata por
dinheiro’. *QSL 140: Como se
chama a pessoa que é paga para
matar alguém?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

ponta – sf. (< lat. *puncta*)^a →
bagana. → beata. → bituca. →
cortiça. → postiça do cigarro.
‘sobra de um cigarro depois de
fumado’. *QSL 146: Como se
chama o resto do cigarro que se
joga fora?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

porronca – sf. (origem obscura) →
cigarro de fumo. → cigarro de
palha. → cigarro de papel. →
tabaco. ‘cigarro feito com
tabaco’. *QSL 145: Que nomes dão
ao cigarro que as pessoas faziam
antigamente?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

postiça do cigarro – sf. (*postiça + do*
[este, *de + o*] + *cigarro* [este, lat.
cigarro])^a → bagana. → beata.
→ bituca. → cortiça. → ponta. →
postiça do cigarro. ‘sobra de um
cigarro depois de fumado’. *QSL*
*146: Como se chama o resto do
cigarro que se joga fora?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

prima – sf. (origem obscura) →
caceteira. → garota de programa.
→ meretriz. → mulher da vida. →
mulher de programa. → mulher
de vida fácil. → piranha. →
prostituta. → puta. → rampeira.
→ rapariga. → vadia. →
vagabunda. ‘mulher que faz sexo
em troca de dinheiro’. *QSL 142:*
*Como se chama a mulher que se
vende para qualquer homem?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

prostituta – sf. (< *prōstitūtīō -ōnis*)^c
→ caceteira. → garota de
programa. → meretriz. → mulher
da vida. → mulher de programa.
→ mulher de vida fácil. →

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

piranha. → prima. → puta. →
rampeira. → rapariga. → vadia.
→ vagabunda. ‘mulher que faz
sexo em troca de dinheiro’. *QSL*
*142: Como se chama a mulher
que se vende para qualquer
homem?*

puta – sf. (origem obscura) →
caceteira. → garota de programa.
→ meretriz. → mulher da vida →
mulher de programa. → mulher
de vida fácil. → piranha. →
prima. → prostituta. → rampeira.
→ rapariga. → vadia. →
vagabunda. ‘mulher que faz sexo
em troca de dinheiro’. *QSL 142:*
*Como se chama a mulher que se
vende para qualquer homem?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

R

rampeira – sf. (< *rampa + -eira*)^a →
caceteira. → garota de programa.
→ meretriz. → mulher da vida →
mulher de programa. → mulher
de vida fácil. → piranha. →
prima. → prostituta. → puta. →
rapariga. → vadia. → vagabunda.
‘mulher que faz sexo em troca de
dinheiro’. *QSL 142: Como se
chama a mulher que se vende
para qualquer homem?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

rapariga – sf. (< *raparigo*)^a →
caceteira. → garota de programa.
→ meretriz. → mulher da vida. →
mulher de programa. → mulher
de vida fácil. → piranha. →
prima. → prostituta. → puta. →
rampeira. → vadia. →
vagabunda. ‘mulher que faz sexo
em troca de dinheiro’. *QSL 142:*
*Como se chama a mulher que se
vende para qualquer homem?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

rude – adj. (< lat. *rudis*)^a → burro.
*QSL 137: Como se chama a
pessoa que tem dificuldade de
aprender as coisas?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

S

seguro – adj. (< lat. *securus*)^a → avarento. → canguinha. → jarena. → mão de neném. → mão de vaca. → mão-fechada. → mão-presa. → miserável. → mesquinho. → muquinha. → muquirana. → pão duro. → travoso. → sovina. → unha de fome. ‘indivíduo que não gosta de gastar dinheiro’. *QSL 138: Como se chama a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldade para não gastar?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

sovina – adj. (origem obscura) → avarento. → canguinha. → jarena. → mão de neném. → mão de vaca. → mão-fechada. → mão-presa. → miserável. → mesquinho. → muquinha. → muquirana. → pão duro. → travoso. → seguro. → unha de fome. ‘indivíduo que não gosta de gastar dinheiro’. *QSL 138: Como se chama a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldade para não gastar?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

T

tabaco – sm. (origem obscura) → cigarro de fumo. → cigarro de palha. → cigarro de papel. → porronca. ‘cigarro feito com tabaco’. *QSL 145: Que nomes dão ao cigarro que as pessoas faziam antigamente?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

tagarela – adj. (< árabe ant. *tagarel*)^m → falador. → linguarudo. → língua de trapo. → língua solta. → matraca. →

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

zuadento. *QSL 136: Como se chama a pessoa que fala demais?*

traído – sm. (< lat. *traditus*)^a → boi. → chifrudo. → corno. → galhudo. → marido enganado. ‘marido traído’. *QSL 141: Como se chama o marido que a mulher passa para trás com outro homem?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

travoso – adj. (< *trav(o)* + *-oso*)^a → avarento. → canguinha. → jarena. → mão de neném. → mão de vaca. → mão-fechada. → mão-presa. → miserável. → mesquinho. → muquinha. → muquirana. → pão duro. → seguro. → sovina. → unha de fome. ‘indivíduo que não gosta de gastar dinheiro’. *QSL 138: Como se chama a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldade para não gastar?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

U

unha de fome – adj. (*unha* [este, lat. *ungula*] + *de* [este, lat. *de*] + *fome* [este, lat. *fames*])^a → avarento. → canguinha. → jarena. → mão de neném. → mão de vaca. → mão-fechada. → mão-presa. → miserável. → mesquinho. → muquinha. → muquirana. → pão duro. → seguro. → sovina. ‘indivíduo que não gosta de gastar dinheiro’. *QSL 138: Como se chama a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldade para não gastar?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

V

vadia – sf. (< fem. *vadio*)^a → caceteira. → garota de programa. → meretriz. → mulher da vida. → mulher de programa. → mulher de vida fácil. → piranha. → prima. → prostituta. → puta. → rampeira. → rapariga. → vagabunda. ‘mulher que faz sexo em troca de dinheiro’. *QSL 142: Como se chama a mulher que se vende para qualquer homem?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

xarapinha → xarapa.

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

Z

vagabunda – sf. (< fem. *vagabundo*)^a → caceteira. → garota de programa. → meretriz. → mulher da vida. → mulher de programa. → mulher de vida fácil. → piranha. → prima. → prostituta. → puta. → rampeira. → rapariga. → vadia. ‘mulher que faz sexo em troca de dinheiro’. *QSL 142: Como se chama a mulher que se vende para qualquer homem?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

zuadento – adj. (*zuada* + *-ento*) → tagarela. → falador. → linguarudo. → língua de trapo. → língua solta. → matraca. ‘pessoa que fala muito’. *QSL 136: Como se chama a pessoa que fala demais?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

veaco → velhaco.

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

velhaco ~ **veaco** – sm. (< *velho* + *-aco*)^a → caloteiro. → enrolado. → mau pagador. ‘pessoa que não paga suas dívidas’. *QSL 139: Como se chama a pessoa que deixa suas contas penduradas?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

X

xará – sm. (< tupi **sa'ra*)^c → xarapa. ‘pessoa que tem o mesmo nome que outra’. *QSL 143: Como se chama a pessoa que tem o mesmo nome da gente?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

xarapa ≈ **xarapinha** – sm (< alt. de *xará*)^a → xará. ‘pessoa que tem o mesmo nome que outra’. *QSL 143: Como se chama a pessoa que tem o mesmo nome da gente?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

A

alma → alma penada.

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

alma penada ~ **alma** – sf. (< *alma* [este, lat. *anima*] + *penada* [este, *pena* + *-ada*])^a → assombração. → fantasma. → espírito. → visão. → visagem. ‘aparicação de fenômeno sobrenatural’. *QSL 148: O que algumas pessoas dizem já ter visto, à noite, em cemitérios ou em casas, que se diz que é de outro mundo?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

amuleto – sm. (< lat. *amulētum -i*)^c ‘objeto que se usa ou guarda por acreditar em seu poder mágico’. *QSL 150: o objeto que algumas pessoas usam para dar sorte ou afastar males?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

armadilha – sf. (< esp. *armadilla*)^a → armadilha. → bruxaria. → despacho. → feitiço. → macumba. → mandinga. → trabalho. ‘denominação dada aos cultos afro-brasileiros e aos seus rituais’. *QSL 149: O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

assombração – sf. (< *assombrar* + *-ção*)^a → alma penada. → assombração. → fantasma. → espírito. → visão. → visagem. ‘aparicação de fenômeno sobrenatural’. *QSL 148: O que algumas pessoas dizem já ter visto, à noite, em cemitérios ou em casas, que se diz que é de outro mundo?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

B

besta – sf. (< lat. *bestia*)^a → bicho feio. → cão. → capeta. → capiroto. → chifrudo. → coisa ruim. → demônio. → diabo. → inimigo. → Lúcifer. → rabudo. → satanás. → tinhoso. ‘espírito do mal’. *QSL 147: Deus está no céu e no inferno está_____.*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

bicho feio – sm. (< *bicho* + *feio* [este, lat. *foedus*])^a → besta. → cão. → capeta. → capiroto. → chifrudo. → coisa ruim. → demônio. → diabo. → inimigo. → Lúcifer. → rabudo. → satanás. → tinhoso. ‘espírito do mal’. *QSL 147: Deus está no céu e no inferno está_____.*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

bruxaria – sf. (< *bruxa* + *-aria*)^a → armadilha. → despacho. → feitiço. → macumba. → mandinga. → trabalho. ‘denominação dada aos cultos afro-brasileiros e aos seus rituais’. *QSL 149: O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

C

cão – sm. (< lat. *cane*)^a → besta. → bicho feio. → capeta. → capiroto. → chifrudo. → coisa ruim. → demônio. → diabo. → inimigo. → Lúcifer. → rabudo. → satanás. → tinhoso. ‘espírito do mal’. *QSL 147: Deus está no céu e no inferno está_____.*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

capeta – sm. (< *capa* + *-eta*)^a → besta. → bicho feio. → cão. → capiroto. → chifrudo. → coisa ruim. → diabo. → demônio. → inimigo. → Lúcifer. → rabudo. → satanás. → tihoso. ‘espírito do mal’. *QSL 147: Deus está no céu e no inferno está_____.*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

capiroto – sm. (origem obscura) → besta. → bicho feio. → cão. → capeta. → chifrudo. → coisa ruim. → diabo. → demônio. → inimigo. → Lúcifer. → rabudo. → satanás. → tihoso. ‘espírito do mal’. *QSL 147: Deus está no céu e no inferno está_____.*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

chifrudo – sm. (< *chifre* + *-udo*)^a → besta. → bicho feio. → cão. → capeta. → capiroto. → coisa ruim. → diabo. → demônio. → inimigo. → Lúcifer. → rabudo. → satanás. → tihoso. ‘espírito do mal’. *QSL 147: Deus está no céu e no inferno está_____.*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

coisa ruim – sm. (< *coisa* [< lat. *causa, ae*] + *ruim*) → besta. → bicho feio. → cão. → capeta. → capiroto. → chifrudo. → diabo. → demônio. → inimigo. → Lúcifer. → rabudo. → satanás. → tihoso. ‘espírito do mal’. *QSL 147: Deus está no céu e no inferno está_____.*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

curandeiro – sm. (< lat. *curand(u)*)^c → curador. → pai de santo. ‘aquele que cura os males por meio de rezas’. *QSL 152: Como se chama a pessoa que trata de doenças através de ervas e plantas?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

curador – sm. (< lat. *curator*)^a → curandeiro. → pai de santo. ‘aquele que cura os males por meio de rezas’. *QSL 152: Como se chama a pessoa que trata de doenças através de ervas e plantas*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

D

demo → diabo.

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

demônio – sm. (< lat. *daemonium*)^a → besta. → bicho feio. → cão. → capeta. → capiroto. → chifrudo. → coisa ruim. → demônio. → diabo. → inimigo. → Lúcifer. → rabudo. → satanás. → tihoso. ‘espírito do mal’. *QSL 147: Deus está no céu e no inferno está_____.*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

despacho – sm. (< regress. *despachar*)^a → armadilha. → bruxaria. → despacho. → feitiço. → macumba. → mandinga. → trabalho. ‘denominação dada aos cultos afro-brasileiros e aos seus rituais’. *QSL 149: O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

diabo – sm. (< lat. ecles. *dǎbōlus*)^c → besta. → bicho feio. → cão. → capeta. → capiroto. → chifrudo. → coisa ruim. → demônio. → inimigo. → Lúcifer. → rabudo. → satanás. → tihoso. ‘espírito do mal’. *QSL 147: Deus está no céu e no inferno está_____.*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

E

espírito – sm. (< lat. *spiritus*)^a → alma penada. → assombração. → fantasma. → visão. → visagem. *QSL 148: O que algumas pessoas dizem já ter visto, à noite, em cemitérios ou em casas, que se diz que é de outro mundo?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

F

fantasma – sf. (< lat. *phantasma*)^a → alma penada. → assombração. → fantasma. → espírito. → visão. → visagem. *QSL 148: O que algumas pessoas dizem já ter visto, à noite, em cemitérios ou em casas, que se diz que é de outro mundo?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

feitiço – sm. (< lat. *facticus*)^a → armadilha. → bruxaria. → despacho. → macumba. → mandinga. → trabalho. ‘denominação dada aos cultos afro-brasileiros e aos seus rituais’. *QSL 149: O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

I

inimigo – sm. (< lat. *inimicus*)^a → besta. → bicho feio. → cão. → capeta. → capiroto. → chifrudo. → coisa ruim. → demônio. → diabo. → Lúcifer. → rabudo. → satanás. → tinoso. ‘espírito do mal’. *QSL 147: Deus está no céu e no inferno está _____.*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

L

lapinha – sf. (< lapa + *-inha*) → presépio. ‘representação em maquete do estábulo em que nasceu Jesus’. *QSL 154: No Natal, monta-se um grupo de figuras representando o nascimento do Menino Jesus. Como se chama isso?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

lúcifer – sm. (< lat. *lucifer*)^a → besta. → bicho feio. → cão. → capeta. → capiroto. → chifrudo. → coisa ruim. → demônio. → diabo. → inimigo. → Lúcifer. → rabudo. → satanás. → tinoso. ‘espírito do mal’. *QSL 147: Deus está no céu e no inferno está _____.*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

M

macumba – sf. (origem obscura) → armadilha. → bruxaria. → despacho. → feitiço. → mandinga. → trabalho. ‘denominação dada aos cultos afro-brasileiros e aos seus rituais’. *QSL 149: O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

mandinga – sf. (< top. *Mandinga*)^a → armadilha. → bruxaria. → despacho. → feitiço. → macumba. → trabalho. ‘denominação dada aos cultos afro-brasileiros e aos seus rituais’. *QSL 149: O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

medalha – sf. (< it. *medaglia*)^c → pingente. ‘pequena peça de metal com desenho de santo presa a uma corrente’. *QSL 153: Como se chama a chapinha de metal com um desenho de santo que as pessoas usam, geralmente no pescoço, presa numa corrente?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

P

pai de santo – sm. (< *pai* [este, lat. *pater*] + *de* [este, lat. *de*] + *santo* [este, lat. *sanctus*])^a → curador. → curandeiro. ‘aquele que cura os males por meio de rezas’. *QSL 152: Como se chama a pessoa que trata de doenças através de ervas e plantas?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

pingente – sm. (< *pingar* + *-nte*)^a → medalha. ‘pequena peça de metal com desenho de santo presa a uma corrente’. *QSL 153: Como se chama a chapinha de metal com um desenho de santo que as pessoas usam, geralmente no pescoço, presa numa corrente?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

presépio – sm. (< lat. *praesaepe - is*)^c → lapinha. ‘representação em maquete do estábulo em que nasceu Jesus’. *QSL 154: No Natal, monta-se um grupo de figuras representando o nascimento do Menino Jesus. Como se chama isso?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

R

rezadeira – sf. (< *rezado* + *-eira*)^h. ‘a mulher que faz rezas para afastar os males’. *QSL 151: Como se chama uma mulher que tira o mau-olhado com rezas, geralmente com galho de planta?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

S

satã → satanás.

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

satanás ≈ **satã** – sm. (< lat. *satanás*)^a → diabo. → besta. → bicho feio. → cão. → capeta. → capiroto. → chifrudo. → coisa ruim. → demônio. → diabo. → inimigo. → Lúcifer. → rabudo. → satanás. → tihoso. ‘espírito do mal’. *QSL 147: Deus está no céu e no inferno está_____.*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

T

tihoso – sm. (origem obscura) → diabo. → besta. → bicho feio. → cão. → capeta. → capiroto. → chifrudo. → coisa ruim. → demônio. → diabo. → inimigo. → Lúcifer. → rabudo. → satanás. ‘espírito do mal’. *QSL 147: Deus está no céu e no inferno está_____.*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

trabalho – sm. (< regress. *traballar*)^a → macumba. → armadilha. → bruxaria. → despacho. → feitiço. → macumba. → mandinga. ‘denominação dada aos cultos afro-brasileiros e aos seus rituais’. *QSL 149: O que certas pessoas fazem para prejudicar alguém e botam, por exemplo, nas encruzilhadas?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

V

visagem ~ **visage** – sf. (< fr. *visage*)^c → alma. → alma penada. → assombração. → fantasma. → espírito. → visão. ‘aparição de fenômeno sobrenatural’. *QSL 148: O que algumas pessoas dizem já ter visto, à noite, em cemitérios ou em casas, que se diz que é de outro mundo?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

visage → visagem.

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

visão – sf. (< lat. *visio, onis*)^a. →
alma. → alma penada. →
assombração. → fantasma. →
espírito. → visagem. ‘aparição de
fenômeno sobrenatural’. *QSL*
*148: O que algumas pessoas
dizem já ter visto, à noite, em
cemitérios ou em casas, que se diz
que é de outro mundo?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

A

amarelinha – sf. (< *amarela* [este, lat. hisp. *amarellus*] + *-inha*)^c → macaca. ‘jogo infantil que consiste em pular, num pé só, uma série de casas riscadas no chão’. *QSL 167: Como se chama a brincadeira em que crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha e vão pulando com uma perna só?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

prancha firmada numa base central de ajustamento oscilante, de modo que duas crianças podem sentar-se em cada uma das extremidades’. *QSL 165: Como se chama uma tábua apoiada no meio, cujas pontas sentam duas crianças e quando uma sobe, a outra desce?*

bate-bunda – sm. (< *bate* + *bunda* [este, quimb. *mbunda*])^a → balanço.² → gangorra. ‘brinquedo constituído de uma prancha firmada numa base central de ajustamento oscilante, de modo que duas crianças podem sentar-se em cada uma das extremidades’. *QSL 165: Como se chama uma tábua apoiada no meio, cujas pontas sentam duas crianças e quando uma sobe, a outra desce?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

B

baladeira – sf. (< rad. part. *balado* + *-eira*)^h → botoca. → estilingue. ‘instrumento composto por uma forquilha de madeira na qual se amarra uma tira elástica para arremessar objetos a distância’. *QSL 157: Como se chama o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha, que os meninos usam para matar passarinho?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

bola de gude → bolinha de gude.

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

balanço¹ – sm. (< ant. it. *balancio*)^c ‘brinquedo que consiste em um assento suspenso por cordas ou correntes presas a um suporte no alto, em que a criança se senta, e que oscila com o impulso do corpo’. *QSL 166: Como se chama uma tábua, pendurada por meio de cordas, onde uma criança se senta e se move para frente e para trás?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

bolinha de gude ~ bola de gude – sf. (< *bola* [este, lat. *bŭlla, ae*] + *-inha* + *de* [este, lat. *de*] + *gude* [este, provincialismo minhoto *godê*])^h → peteca. ‘jogo infantil que consiste em entrechocar bolinhas de vidro e encaixá-las em pequenos buracos’. *QSL 156: Como se chama as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

balanço² – sm. (< ant. it. *balancio*)^c → bate-bunda. → gangorra. ‘brinquedo constituído de uma

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

botoca – sf. (origem obscura) → baladeira. → estilingue. ‘instrumento composto por uma forquilha de madeira na qual se amarra uma tira elástica para arremessar objetos a distância’. *QSL 157: Como se chama o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha, que os meninos usam para matar passarinho?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

buzugão – sm. (origem obscura) → carrapeta.² → cuica. → curica. → morcego. → papagaio.² → pipa.² ‘variedade de papagaio de papel’. *QSL 159: E um brinquedo, também feito de papel, mas sem varetas, que se empina ao vento por meio de uma linha?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

C

cabra-cega – sf. (< *cabra* [este, lat. *capra*] + *cega*)^a → cobra-cega. → pata-cega. ‘jogo infantil em que um dos participantes, de olhos vendados, procura adivinhar e agarrar os outros. Aquele que for agarrado, passará a ficar com os olhos vendados’. *QSL 161: Como se chama a brincadeira em que uma criança com os olhos vendados, tenta pegar as outras?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

calabiola – sf. (origem obscura) → cambalhota. → calhambota. → cambota. → carambela. → carambola. ‘movimento em que se gira o corpo sobre a própria cabeça’. *QSL 155: Como se chama a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

cobra-cega – sf. (< *cobra* [este, lat. *colubra, ae*] + *cega*)^a → cabra-cega. → pata-cega. ‘jogo infantil em que um dos participantes, de olhos vendados, procura adivinhar e agarrar os outros. Aquele que for agarrado, passará a ficar com os olhos vendados’. *QSL 161: Como se chama a brincadeira em que uma criança com os olhos vendados, tenta pegar as outras?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

calhambota – sf. (origem obscura) → cambalhota. → calabiola. → calhambota. → cambota. →

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

carambela. → carambola. ‘movimento em que se gira o corpo sobre a própria cabeça’. *QSL 155: Como se chama a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado?*

cambalhota – sf. (origem obscura) → calabiola. → calhambota. → cambota. → carambela. → carambola. ‘movimento em que se gira o corpo sobre a própria cabeça’. *QSL 155: Como se chama a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

cambota – sf. (origem obscura) → calabiola. → calhambota. → cambalhota. → carambela. → carambola. ‘movimento em que se gira o corpo sobre a própria cabeça’. *QSL 155: Como se chama a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

carambela – sf. (origem obscura) → calabiola. → calhambota. → cambalhota. → cambota. → carambola. ‘movimento em que se gira o corpo sobre a própria cabeça’. *QSL 155: Como se chama a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

carambola – sf. (< *karambal*)^a → calabiola. → calhambota. → cambalhota. → cambota. → carambela. ‘movimento em que se gira o corpo sobre a própria cabeça’. *QSL 155: Como se chama a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

carrapeta – sf. (origem obscura) → papagaio.¹ → pepeta. → pipa.¹ → rabiola. ‘brinquedo constituído de uma armação de finas varetas, sobre a qual se prende, com cola, uma folha de papel fino, e que, por meio de uma linha, e com auxílio do vento, se faz flutuar no

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

ar'. *QSL 158: Como se chama o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha?*

cuica – sf. (< tupi *ku'ika*) → buzugão. → carrapeta.² → curica. → morcego. → papagaio.² → pipa.² 'variedade de papagaio de papel'. *QSL 159: E um brinquedo, também feito de papel, mas sem varetas, que se empina ao vento por meio de uma linha?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

curica – sf. (< tupi *ku'ruka*)^c) → buzugão. → carrapeta.² → cuica. → morcego. → papagaio.² → pipa.² 'variedade de papagaio de papel'. *QSL 159: E um brinquedo, também feito de papel, mas sem varetas, que se empina ao vento por meio de uma linha?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

E

esconde-esconde – sm. (< *esconde* [este, lat. *abscondēre*] + *esconde* [este, lat. *abscondēre*])^c) → mande-esconde. → manja-esconde. → pique-esconde. → pira-esconde. 'brincadeira infantil em que uma criança fica de rosto encoberto por algum tempo e, depois, sai à procura das outras, que se esconderam' *QSL 160: Como se chama a brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras correm para um lugar onde não são vistas e depois essa criança que fechou os olhos vai procurar as outras?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

estilingue – sm. (< ing. *sling*)^a) → baladeira. → botoca. 'instrumento composto por uma forquilha de madeira na qual se amarra uma tira elástica para arremessar objetos a distância'. *QSL 157: Como se chama o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha, que os*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

meninos usam para matar passarinho?

G

gangorra – sm. (origem obscura) → balanço.² → bate bunda. 'brinquedo constituído de uma prancha firmada numa base central de ajustamento oscilante, de modo que duas crianças podem sentar-se em cada uma das extremidades'. *QSL 165: Como se chama uma tábua apoiada no meio, cujas pontas sentam duas crianças e quando uma sobe, a outra desce?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

M

macaca – sm. (< taxônimo *macaca*)^a) → amarelinha. 'jogo infantil que consiste em pular, num pé só, uma série de casas riscadas no chão'. *QSL 167: Como se chama a brincadeira em que crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha e vão pulando com uma perna só?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

macuchila – sf. (origem obscura) 'brincadeira infantil em que as crianças ficam em roda e após uma delas jogar um objeto atrás da outra, esta corre atrás daquela'. *QSL 164: Como se chama uma brincadeira em que as crianças ficam em círculo, enquanto uma outra vai passando com uma pedrinha, uma varinha, um lenço que deixa casir atrás de uma delas e esta pega a pedrinha, a varinha, o lenço e sai correndo para alcançar aquela que deixou cair?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

mande-esconde – sm. (< *mande* + *esconde* [este, lat. *abscondēre*])^c → esconde-esconde. → mande-esconde. → manja-esconde. → pique-esconde. → pira-esconde. ‘brincadeira infantil em que uma criança fica de rosto encoberto por algum tempo e, depois, sai à procura das outras, que se esconderam’ *QSL 160: Como se chama a brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras correm para um lugar onde não são vistas e depois essa criança que fechou os olhos vai procurar as outras?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

manja → manja-pegar.

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

manja-esconde – sm. (< *manja* + *esconde* [este, lat. *abscondēre*])^c → esconde-esconde. → mande-esconde. → pique-esconde. → pira-esconde. ‘brincadeira infantil em que uma criança fica de rosto encoberto por algum tempo e, depois, sai à procura das outras, que se esconderam’ *QSL 160: Como se chama a brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras correm para um lugar onde não são vistas e depois essa criança que fechou os olhos vai procurar as outras?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

manja pega ~ manja – sm. (< *manja* + *pega*) → pega-pega. → pique pega. → pira cola. → pira mãe. → pira pega. jogo infantil em que as crianças correm e uma delas deve tocar no colega’. *QSL 162: Como se chama uma brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas, antes que alcance um ponto combinado?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

morcego – sm. (< lat. *muris* + *cego*)^a → buzugão. → carrapeta.² → cuica. → curica. → papagaio.² → pipa.² ‘variedade de papagaio de papel’. *QSL 159: E um brinquedo, também feito de papel,*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

mas sem varetas, que se empina ao vento por meio de uma linha?

P

papagaio¹ – sm. (< provençal *papagai*)^m → carrapeta. → pepeta. → pipa.¹ → rabiola. ‘brinquedo constituído de uma armação de finas varetas, sobre a qual se prende, com cola, uma folha de papel fino, e que, por meio de uma linha, e com auxílio do vento, se faz flutuar no ar’. *QSL 158: Como se chama o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

papagaio² – sm. (< provençal *papagai*)^m → buzugão. → carrapeta.² → cuica. → curica. → morcego. → papagaio.² → pipa.² ‘variedade de papagaio de papel’. *QSL 159: E um brinquedo, também feito de papel, mas sem varetas, que se empina ao vento por meio de uma linha?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

pata-cega – sf. (< *pata* [este, lat. vulg. *patta*] + *cego*)^h → cabra-cega. → cobra-cega. ‘jogo infantil em que um dos participantes, de olhos vendados, procura adivinhar e agarrar os outros. Aquele que for agarrado, passará a ficar com os olhos vendados.’ *QSL 161: Como se chama a brincadeira em que uma criança com os olhos vendados, tenta pegar as outras?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

pega-pega – sm. (< *pega* + *pega*) → manja pega. → pique pega. → pira cola. → pira mãe. → pira pega. ‘jogo infantil em que as crianças correm e uma delas deve tocar no colega’. *QSL 162: Como se chama uma brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas,*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

antes que alcance um ponto combinado?

peteca – sf. (< tupi *pe'teka*)^a → bolinha de gude. 'jogo infantil que consiste em entrechocar bolinhas de vidro e encaixá-las em pequenos buracos'. *QSL 156: Como se chama as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

pepeta – sf. (origem obscura) → papagaio. → carrapeta. → pepeta. → pipa.¹ → rabiola. 'brinquedo constituído de uma armação de finas varetas, sobre a qual se prende, com cola, uma folha de papel fino, e que, por meio de uma linha, e com auxílio do vento, se faz flutuar no ar'. *QSL 158: Como se chama o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

pipa¹ – sf. (< lat. *pipa*)^a → carrapeta. → pepeta. → papagaio.¹. → rabiola. 'brinquedo constituído de uma armação de finas varetas, sobre a qual se prende, com cola, uma folha de papel fino, e que, por meio de uma linha, e com auxílio do vento, se faz flutuar no ar'. *QSL 158: Como se chama o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

pipa² – sf. (< lat. *pipa*)^a → buzugão. → carrapeta.² → cuica. → curica. → morcego. → papagaio.² 'variedade de papagaio de papel'. *QSL 159: E um brinquedo, também feito de papel, mas sem varetas, que se empina ao vento por meio de uma linha?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

pique-esconde – sm. (< *pique* + *esconde* [este, lat. *abscondēre*])^a → esconde-esconde. → mande-esconde. → manja-esconde. → pira-esconde. 'brincadeira infantil em que uma criança fica de rosto encoberto por algum tempo e, depois, sai à procura das outras,

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

que se esconderam' *QSL 160: Como se chama a brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras correm para um lugar onde não são vistas e depois essa criança que fechou os olhos vai procurar as outras?*

pique pega – sm. (< *pique* + *pega* [lat. *pīcāre*])^a → manja pega. → pega-pega. → pique pega. → pira cola. → pira mãe. → pira pega. 'jogo infantil em que as crianças correm e uma delas deve tocar no colega'. *QSL 162: Como se chama uma brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas, antes que alcance um ponto combinado?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

pira – sf. (< lat. *pyra*)^a → manja pega. → pega-pega. → pira cola. → pique pega. → pira mãe. → pira pega. 'jogo infantil em que as crianças correm e uma delas deve tocar no colega'. *QSL 162: Como se chama uma brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas, antes que alcance um ponto combinado?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

pira cola – sf. (< *pira* [este, lat. *pyra*] + *cola*)^a → manja pega. → pega-pega. → pique pega. → pira mãe. → pira pega. 'jogo infantil em que as crianças correm e uma delas deve tocar no colega'. *QSL 162: Como se chama uma brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas, antes que alcance um ponto combinado?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

pira-esconde – sf. (< *pira* [este, lat. *pyra*] + *esconde* [este, lat. *abscondēre*])^a → esconde-esconde. → mande-esconde. → manja-esconde. → pique-esconde. 'brincadeira infantil em que uma criança fica de rosto encoberto por algum tempo e, depois, sai à procura das outras, que se esconderam' *QSL 160: Como se chama a brincadeira em*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras correm para um lugar onde não são vistas e depois essa criança que fechou os olhos vai procurar as outras?

pira-mãe – sf. (*pira* [este, lat. *pyra*] + *mãe* [este, lat. *mater*, *-tris*])^c → manja. → manja-pega. → pega-pega. → pique-pega. → pira. → pira-cola. ‘jogo infantil em que as crianças correm e uma delas deve tocar no colega’. *QSL 162: Como se chama uma brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas, antes que alcance um ponto combinado?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

pira-pega – sf. (*pira* [este, lat. *pyra*] + *pega* [este, lat. *pīcāre*])^a → manja. → manja-pega. → pega-pega. → pique-pega. → pira. → pira-cola. → pira-mãe. ‘jogo infantil em que as crianças correm e uma delas deve tocar no colega’. *QSL 162: Como se chama uma brincadeira em que uma criança corre atrás das outras para tocar numa delas, antes que alcance um ponto combinado?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

R

rabiola – sf. (*rabo* + *-i-* + *-ola*)^a → carrapeta.¹ → papagaio. → pepeta. → pipa.¹ ‘brinquedo constituído de uma armação de finas varetas, sobre a qual se prende, com cola, uma folha de papel fino, e que, por meio de uma linha, e com auxílio do vento, se faz flutuar no ar’. *QSL 158: Como se chama o brinquedo feito de varetas cobertas de papel que se empina no vento por meio de uma linha?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

B

borralho – sf. (< *borra* + *-alho*) ‘brasa em processo de extinção’. *QSL 172: a cinza quente que fica dentro do fogão a lenha?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

C

chirna → tisna.

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

D

disjuntor – sm. (< *dijunto* [este, do lat. *disjunctus*] + *-or*)^a → interruptor. ‘dispositivo que serve para ligar e desligar um circuito elétrico’. *QSL 175: Como se chama aquele objeto que fica nas paredes e serve para acender a lâmpada.?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

F

ferrolho – sm. (< lat. *veruculum*)^h → tramela. → tranca. → trinco. ‘peça de ferro com a qual se fecham portas e janelas’. *QSL 168: Como se chama aquela pecinha de madeira, que gira ao redor de um prego para fechar porta, janela?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

fuligem – sf. (< lat. *fuligo, inis*)^a → tisna. ‘pó negro e pegajoso resultante da queima de combustíveis’. *QSL 171: Como se chama aquilo, preto, que se forma na chaminé, na parede ou no teto da cozinha, acima do fogão a lenha?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

I

interruptor – sm. (< lat. *tardio interruptor -ōris*)^c → disjuntor. ‘dispositivo que serve para ligar e desligar um circuito elétrico’. *QSL 175: Como se chama aquele objeto que fica nas paredes e serve para acender a lâmpada?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

isqueiro – sm. (< *isca* + *-eiro*)^h ‘instrumento que produz chama para acender cigarros ou similares’. *QSL 173: Para acender um cigarro, se usa fósforo ou...?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

L

lanterna – sf. (< lat. *lanterna*)^c ‘utensílio portátil de iluminação a base de pilhas eletroquímicas’. *QSL 174: Como se chama aquele objeto que se usa para clarear no escuro e se leva na mão?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

P

privada – sf. (< subst. de *privado*)^a → vaso sanitário. ‘peça de porcelana ou louça, em casa de banho, que recebe

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

os dejetos humanos’. *QSL 170: Quando se vai ao banheiro, onde é que a pessoa se senta para fazer as necessidades?*

T

tirna → tisna.

tisna ~ **chirna** ~ **tirna** – sf. (< regress. de *tisnar* ‘enegrecer’)^a. → fuligem. ‘pó negro e pegajoso resultante da queima de combustíveis’. *QSL 171: Como se chama aquilo, preto, que se forma na chaminé, na parede ou no teto da cozinha, acima do fogão a lenha?*

tramela – sf. (< lat. vulgar **trabella*)^c. → ferrolho. → tranca. → trinco. ‘peça de madeira que gira em torno de um eixo preso em janela, porta ou portão para trancá-los’. *QSL 168: Como se chama aquela pecinha de madeira, que gira ao redor de um prego para fechar porta, janela?*

tranca – sf. (< origem incerta, prov. pré-romana)^a. → ferrolho. → tramela. → trinco. ‘barra de ferro ou de madeira que se prende atrás de portas e janelas para fechar’. *QSL 168: Como se chama aquela pecinha de madeira, que gira ao redor de um prego para fechar porta, janela?*

trinco – sm. (regress. de *trincar*)^a. → ferrolho. → tramela. → tranca. ‘peça de metal com a qual se fecham portas e janelas’. *QSL 168: Como se chama aquela pecinha de madeira, que gira ao redor de um prego para fechar porta, janela?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

V

vaso → vaso sanitário.

vaso sanitário ~ **vaso** – sm. (*vaso* [este, do lat. *vasum*] + *sanitarium*)^c. → privada. ‘peça de porcelana ou louça, em casa de banho, que recebe os dejetos humanos’. *QSL 170: Quando se vai ao banheiro, onde é que a pessoa se senta para fazer as necessidades?*

veneziana – sf. (< *veneza* + *-iana*) ‘acessório de lâminas de madeira ou metal utilizado para proteção do ambiente contra a luz’. *QSL 169: Quando uma janela tem duas partes, como se chama a parte de fora que é formada de tirinhas horizontais que permitem a ventilação e a claridade?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

A

aguardente – sf. (< *água* + *ardente* [este, lat. *ardens, entis*])^a → aguardente. → birita. → branquinha. → cachaça. → caninha. → pinga. ‘bebida resultante da mistura entre a cana-de-açúcar e o álcool’. *QSL 182: Como se chama a bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

B

bala – sf. (< fr. *balle*)^a → bombom. ‘pequeno doce misturado e cozido com substâncias aromáticas’. *QSL 185: Como se chama aquilo embrulhado em papel colorido que se chupa?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

birita – sf. (origem obscura) → aguardente. → birita. → branquinha. → cachaça. → caninha. → pinga. ‘bebida resultante da mistura entre a cana-de-açúcar e o álcool’. *QSL 182: Como se chama a bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

boi ralado – sf. (< *boi* [este, lat. *bovem*] + *ralado*)^a → carne moída. → picadinho. ‘carne de boi triturada’. *QSL 178: Como se chama a carne depois de triturada na máquina?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

bombom – sm. (< fr. *bonbon*)^c → bala. ‘pequeno doce misturado e cozido com substâncias aromáticas’. *QSL 185: Como se chama aquilo embrulhado em papel colorido que se chupa?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

branquinha – sf. (< *branca* + *-inha*) → aguardente. → birita. → cachaça. → caninha. → pinga. ‘bebida resultante da mistura entre a cana-de-açúcar e o álcool’. *QSL 182: Como se chama a*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar?

C

cachaça – sf. (origem obscura) → aguardente. → birita. → branquinha. → caninha. → pinga. ‘bebida resultante da mistura entre a cana-de-açúcar e o álcool’. *QSL 182: Como se chama a bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

café da manhã – sm. (< *café* [este, it. *café*] + *da* [este, *de* + *a*] + *manhã* [este, lat. vulg. *maneānā*])^c → desjejum. → quebra jejum. → segura peito. ‘primeira refeição do dia’. *QSL 176: Como se chama a primeira refeição do dia, feita pela manhã?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

caninha – sf. (< *cana* + *-inha*)^a → aguardente. → birita. → branquinha. → cachaça. → caninha. → pinga. ‘bebida resultante da mistura entre a cana-de-açúcar e o álcool’. *QSL 182: Como se chama a bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

canjica – sf. (< malaiala *kañji*)^c ‘papa cremosa feita com milho’. *QSL 179: Como se chama uma papa cremosa feita com coco e milho verde ralado, polvilhado com canela?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

carne moída – sf. (< *carne* [este, lat. *caro, carnis*] + *moída* [este, lat. *molēre*])^c → boi ralado. → picadinho. ‘carne de boi triturada’. *QSL 178: Como se chama a carne depois de triturada na máquina?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

cheio – adj. (< lat. *plēnus*)^c → empachado. → empanturrado. → empanzinado. → entupido. → lotado. → satisfeito. ‘quando não há lugar para mais nada’. *QSL 183: Quando uma pessoa acha que comeu demais ela diz: Comi tanto que estou...*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

comilona → comilão.

comilão ≈ **comilona** – adj. (< lat. *comedone*)^a → esfomeado. → exagerado. → guloso. ‘aquele que gosta muito de guloseimas’. *QSL 184: Como se chama normalmente uma pessoa que come demais?*

curau – sf. (origem obscura) ‘creme de milho verde sem coco’. *QSL 180: E essa mesma papa, com milho verde ralado, sem coco, como é que chama?*

D

desjejum – sm. (< *des* + *jejum*)^a → café da manhã. → quebra jejum. → segura peito. ‘primeira refeição do dia’. *QSL 176: Como se chama a primeira refeição do dia, feita pela manhã?*

E

empachado – adj. (< part. *empachar*)^a → cheio. → empanturrado. → empanzinado. → entupido. → lotado. → satisfeito. ‘quando não há lugar para mais nada’. *QSL 183: Quando uma pessoa acha que comeu demais ela diz: Comi tanto que estou...*

empanturrado – adj. (< part. *empanturrar*)^a → cheio. → empachado. → empanzinado. → entupido. → lotado. → satisfeito. ‘quando não há lugar para mais nada’. *QSL 183: Quando uma pessoa acha que comeu demais ela diz: Comi tanto que estou...*

empanzinado – adj. (< part. *empanzinar*) → cheio. → empachado. → empanturrado. → entupido. → lotado. → satisfeito. ‘quando não há lugar para mais nada’. *QSL 183: Quando uma pessoa*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

acha que comeu demais ela diz: Comi tanto que estou...

entupido – adj. (< part. *entupir*)^a → cheio. → empachado. → empanturrado. → empanzinado. → lotado. → satisfeito. ‘quando não há lugar para mais nada’. *QSL 183: Quando uma pessoa acha que comeu demais ela diz: Comi tanto que estou...*

esfomeado – adj. (< part. *esfomear*)^a → comilão. → comilona. → exagerado. → guloso. ‘aquele que gosta muito de guloseimas’. *QSL 184: Como se chama normalmente uma pessoa que come demais?*

exagerado – adj. (< lat. *exaggeratus*)^a → comilão. → comilona. → esfomeado. → guloso. ‘aquele que gosta muito de guloseimas’. *QSL 184: Como se chama normalmente uma pessoa que come demais?*

G

geleia – sf. (< fr. *gelée*)^c ‘preparo culinário de consistência mole, feito geralmente de frutas cozidas em calda de açúcar’. *QSL 177: Como se chama a pasta feita de frutas para passar no pão, biscoito?*

guloso – adj. (< lat. *gulōsus*)^c → comilão. → esfomeado. → exagerado. ‘aquele que gosta muito de guloseimas’. *QSL 184: Como se chama normalmente uma pessoa que come demais?*

L

lotado – adj. (< lat. *plēnus*)^c → cheio. → empachado. → empanturrado. → empanzinado. → entupido. → satisfeito. ‘quando não há lugar para mais nada’. *QSL 183: Quando uma pessoa acha que comeu demais ela diz: Comi tanto que estou...*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

M

mungunzá – sm. (< quimb. *mukunza*)^h ‘iguaria preparada com grãos de milho que se cozem inteiros em caldo açucarado’. *QSL 181 Como se chama aquele alimento feito com grãos de milho branco, coco e canela?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

P

pão baguete – sm. (< *pão* [este, lat. *pānis*, -e] + *baguete* [este, fr. *baguette*])^a → pão bengala. → pão bisnaga. → pão careca. → pão comprido. → pão de meio quilo. → pão espaguete. → pão grande. → pão manual. → pão massa grossa. ‘tipo de pão comprido e fino’. *QSL 187: Como se chama isto? (Mostrar)*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

pão bengala – sm. (< *pão* [este, lat. *pānis*, -e] + *bengala* [este, top. *Bengala*])^c → pão baguete. → pão bisnaga. → pão careca. → pão comprido. → pão de meio quilo. → pão espaguete. → pão grande. → pão manual. → pão massa grossa. ‘tipo de pão comprido e fino’. *QSL 187: Como se chama isto? (Mostrar)*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

pão bisnaga – sm. (< *pão* [este, lat. *pānis*, -e] + *bisnaga*)^c → pão baguete. → pão bengala. → pão careca. → pão comprido. → pão de meio quilo. → pão espaguete. → pão grande. → pão manual. → pão massa grossa. ‘tipo de pão comprido e fino’. *QSL 187: Como se chama isto? (Mostrar)*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

pão careca – sm. (< *pão* [este, lat. *pānis*, -e] + *careca*)^c → pão baguete. → pão bengala. → pão bisnaga. → pão comprido. → pão de meio quilo. → pão espaguete. → pão grande. → pão manual. → pão massa grossa. ‘tipo de pão comprido e fino’. *QSL 187: Como se chama isto? (Mostrar)*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

pão comprido – sm. (< *pão* [este, lat. *pānis*, -e] + *comprido*)^c → pão baguete. → pão bengala. → pão bisnaga. → pão careca. → pão de meio quilo. → pão espaguete. → pão grande. → pão manual. → pão massa grossa. ‘tipo de pão comprido e fino’. *QSL 187: Como se chama isto? (Mostrar)*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

pão de meio quilo – sm. (< *pão* [este, lat. *pānis*, -e] + *de* [este, lat. *de*] + *meio* [este, lat. *medius*] + *quilo*)^a → pão baguete. → pão bengala. → pão bisnaga. → pão careca. → pão comprido. → pão espaguete. → pão grande. → pão manual. → pão massa grossa. ‘tipo de pão comprido e fino’. *QSL 187: Como se chama isto? (Mostrar)*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

pão espaguete – sm. (< *pão* [este, lat. *pānis*, -e] + *espaguete* [este, it. *spaghetti*])^a → pão baguete. → pão bengala. → pão bisnaga. → pão careca. → pão comprido. → pão de meio quilo. → pão espaguete. → pão grande. → pão manual. → pão massa grossa. ‘tipo de pão comprido e fino’. *QSL 187: Como se chama isto? (Mostrar)*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

pão francês – sm. (< *pão* [este, lat. *pānis*, -e] + *francês* [este, fr. *franceis*])^c ‘tipo de pão com uma casca crocante’. *QSL 186: E isto? (Mostrar)*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

pão grande – sm. (< *pão* [este, lat. *pānis*, -e] + *grande* [este, lat. *grandis*])^a → pão baguete. → pão bengala. → pão bisnaga. → pão careca. → pão comprido. → pão de meio quilo. → pão espaguete. → pão manual. → pão massa grossa. ‘tipo de pão comprido e fino’. *QSL 187: Como se chama isto? (Mostrar)*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

pão manual – sm. (< *pão* [este, lat. *pānis*, -e] + *manual* [este, *manualis*, e])^a → pão baguete. → pão bengala. → pão bisnaga. → pão careca. → pão comprido. → pão de meio quilo. → pão espaguete. → pão grande. → pão massa grossa. ‘tipo de pão comprido e fino’. *QSL 187: Como se chama isto? (Mostrar)*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

pão massa grossa – sm. (< *pão* [este, lat. *pānis -e*] + *massa* [este, grego *maza*] + *grossa*)^a. → pão baguete. → pão bengala. → pão bisnaga. → pão careca. → pão comprido. → pão de meio quilo. → pão espaguete. → pão grande. → pão manual. ‘tipo de pão comprido e fino’. *QSL 187: Como se chama isto? (Mostrar)*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

segura peito – sm. (< *segura* + *peito* [este, lat. *pectus, oris*])^a. → café da manhã. → desjejum. → quebra jejum. ‘primeira refeição do dia’. *QSL 176: Como se chama a primeira refeição do dia, feita pela manhã?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

picadinho – sm. (< *picado* + *-inho*)^a. → boi ralado. → carne moída. ‘carne de boi triturada’. *QSL 178: Como se chama a carne depois de triturada na máquina?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

pinga – sf. (< regress. *pingar*)^a. → aguardente. → birita. → branquinha. → cachaça. → caninha. ‘bebida resultante da mistura entre a cana-de-açúcar e o álcool’. *QSL 182: Como se chama a bebida alcoólica feita de cana-de-açúcar?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

Q

quebra jejum – sm. (< *quebra* + *jejum* [este, lat. *jejunus a, um*])^a. → café da manhã. → desjejum. → segura peito. ‘primeira refeição do dia’. *QSL 176: Como se chama a primeira refeição do dia, feita pela manhã?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

S

satisfeito – adj. (< lat. *satisfactu(m)*)^a. → cheio. → empachado. → empanturrado. → empanzinado. → entupido. → lotado. ‘quando não há lugar para mais nada’. *QSL 183: Quando uma pessoa acha que comeu demais ela diz: Comi tanto que estou...*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

B

blush – sm. (< ing. *blâsh*)^a → ruge. ‘cosmético que se aplica no rosto para deixá-lo corado’. *QSL 191: Como se chama aquilo que as mulheres passam no rosto, nas bochechas, para ficarem rosadas?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

G

grampo – sf. (< germ. **krampa*)^c → pegador de cabelo. ‘haste metálica usada para prender o cabelo’. *QSL 192: Como se chama um objeto fino de metal, para prender o cabelo?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

C

calcinha ≈ **calçola** – sf. (< *calça* + *-inha* ~ *calça* + *-ola*)^h → rabixola. ‘roupa íntima feminina’. *QSL 190: Como se chama a roupa que a mulher usa debaixo da saia?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

calçola → calcinha.

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

cueca – sm. (< *cu* [este, lat. *cūlus*] + *-eca*)^c. ‘roupa íntima masculina’. *QSL 189: Como se chama a roupa que o homem usa debaixo da calça?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

P

pegador de cabelo – sm. (*pegador* [este, lat. *pegad(o)* + *-or*] + *de* [este, lat. *de*] + *cabelo* [este, lat. *capillum*]^a → grampo. ‘haste metálica usada para prender o cabelo’. *QSL 192: Como se chama um objeto fino de metal, para prender o cabelo?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

porta-seios – sf. (< *porta* + *seios* [este, lat. *sinus, us*])^a → sutiã. ‘peça do vestuário feminino usada para sustentar e modelar os seios’. *QSL 188: Como se chama a peça do vestuário que serve para segurar os seios?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

D

diadema – sf. (< lat. *diadema*)^a → tiara. → travessa. ‘enfeite de metal plástico ou de madeira que as mulheres usam na cabeça’. *QSL 193: Como se chama o objeto de metal ou plástico que pega de um lado ao outro da cabeça e serve para prender os cabelos?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

R

rabixola – sf. (< *rabicho* + *-ola*) → calcinha. ‘roupa íntima feminina’. *QSL 190: Como se chama a roupa que a mulher usa debaixo da saia?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

ruge – sm. (< fr. *rouge*)^h → blush. ‘cosmético que se aplica no rosto para deixá-lo corado’. *QSL*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

191: Como se chama aquilo que as mulheres passam no rosto, nas bochechas, para ficarem rosadas?

S

sutiã – sf. (< fr. *soutien*)^c → porta-seios. ‘peça do vestuário feminino usada para sustentar e modelar os seios’. *QSL 188: Como se chama a peça do vestuário que serve para segurar os seios?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

T

tiara – sf. (< lat. *tiara*)^a → diadema. → travessa. ‘enfeite de metal, plástico ou de madeira que as mulheres usam na cabeça’. *QSL 193: Como se chama o objeto de metal ou plástico que pega de um lado ao outro da cabeça e serve para prender os cabelos?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

travessa – sf. (< lat. *transversa*) → diadema. → tiara. ‘enfeite de metal, plástico ou de madeira que as mulheres usam na cabeça’. *QSL 193: Como se chama o objeto de metal ou plástico que pega de um lado ao outro da cabeça e serve para prender os cabelos?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

B

baiuca – sf. (origem obscura) ‘estabelecimento onde se vendem bebidas, cigarros, balas, e, às vezes, refeições’. *QSL 202: Como se chama um lugar pequeno, com um balcão, onde os homens costumam ir beber e onde também se pode comprar alguma outra coisa?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

bar – sm. (< ing. *bar*)^a → baiuca. → birosca. → bodega. → boteco. → botequim. → mercearia. → taberna. ‘estabelecimento onde se vendem bebidas, cigarros, balas, e, às vezes, refeições’. *QSL 202: Como se chama um lugar pequeno, com um balcão, onde os homens costumam ir beber e onde também se pode comprar alguma outra coisa?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

birosca – sf. (origem obscura) → baiuca. → bar. → bodega. → boteco. → botequim. → mercearia. → taberna. ‘estabelecimento onde se vendem bebidas, cigarros, balas, e, às vezes, refeições’. *QSL 202: Como se chama um lugar pequeno, com um balcão, onde os homens costumam ir beber e onde também se pode comprar alguma outra coisa?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

bodega – sf. (< lat. *apotheca*)^a → baiuca. → bar. → birosca. → boteco. → botequim. → mercearia. → taberna. ‘estabelecimento onde se vendem bebidas, cigarros, balas, e, às vezes, refeições’. *QSL 202: Como se chama um lugar pequeno, com um balcão, onde os homens costumam ir beber e onde*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

também se pode comprar alguma outra coisa?

bola – sf. (< fr. *bull*)^a → contorno. → encruzilhada. → redondo. → retorno. → rotatória. → trevo. ‘caminho que leva a uma pista de sentido inverso àquele no qual se segue’. *QSL 198: Como se chama aquele trecho da rua ou da estrada que é circular, que os carros têm de contornar para evitar o cruzamento direto?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

boteco – sm. (< regress. *botequim*) → baiuca. → bar. → birosca. → bodega. → botequim. → mercearia. → taberna. ‘estabelecimento onde se vendem bebidas, cigarros, balas, e, às vezes, refeições’. *QSL 202: Como se chama um lugar pequeno, com um balcão, onde os homens costumam ir beber e onde também se pode comprar alguma outra coisa?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

botequim – sm. (< it. *botthegino*)^a → baiuca. → bar. → birosca. → bodega. → boteco. → mercearia. → taberna. ‘estabelecimento onde se vendem bebidas, cigarros, balas, e, às vezes, refeições’. *QSL 202: Como se chama um lugar pequeno, com um balcão, onde os homens costumam ir beber e onde também se pode comprar alguma outra coisa?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

C

calçada – sf. (< lat. *calceāre*)^c → passeio. ‘parte da rua pavimentada e de uso exclusivo dos pedestres’. *QSL 196: Na cidade, os automóveis andam no*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

meio da rua e as pessoas nos dois lados, num caminho revestido de lajes ou ladrilhos. Como se chama este caminho?

contorno – sm. (< regress. *contornar*)^a → bola. → encruzilhada. → redondo. → retorno. → rotatória. → trevo. ‘caminho que leva a uma pista de sentido inverso àquele no qual se segue’. *QSL 198: Como se chama aquele trecho da rua ou da estrada que é circular, que os carros têm de contornar para evitar o cruzamento direto?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

M

meio-fio – sm. (< *meio* [este, lat. *mēdius*] + *fio* [este, lat. *filum -i*])^c → sarjeta. ‘**borda** que marca o desnível entre a calçada de pedestres e o pavimento onde passam os carros’. *QSL 197: Como se chama o que separa...?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

mercearia – sf. (< *mercear + ia*) → boteco. ‘estabelecimento onde se vendem bebidas, cigarros, balas, e, às vezes, refeições’. *QSL 202: Como se chama um lugar pequeno, com um balcão, onde os homens costumam ir beber e onde também se pode comprar alguma outra coisa?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

E

encruzilhada – sf. (< *en + cruz + lhada*) → bola. → contorno. → rotatória. → trevo. ‘caminho que leva a uma pista de sentido inverso àquele no qual se segue’. *QSL 198: Como se chama aquele trecho da rua ou da estrada que é circular, que os carros têm de contornar para evitar o cruzamento direto?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

O

ônibus ~ **ônibus urbano** – sm. (< lat. *omnibus*)^c ‘veículo grande usado para o transporte de passageiros’. *QSL 200: Como se chama a condução que leva mais ou menos quarenta passageiros e faz o percurso dentro da cidade?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

ônibus urbano → ônibus.

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

L

lombada – sf. (< *lombo + -ada*) → quebra-molas. ‘obstáculo de pouca altura construído nas ruas e estradas para forçar a redução de velocidade dos veículos’. *QSL 195: Como se chama aquele morrinho atravessado no asfalto para os carros diminuírem a velocidade?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

P

lote – sm. (< fr. *lot*)^a → terreno. ‘espaço de terra com dimensões variáveis’. *QSL 199: Como se chama a área que é preciso comprar se fazer uma casa na cidade?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

passoio – sm. (< regress. *passoar*)^a → calçada. ‘parte da rua pavimentada e de uso exclusivo dos pedestres’. *QSL 196: Na cidade, os automóveis andam no meio da rua e as pessoas nos dois*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

lados, num caminho revestido de lajes ou ladrilhos. Como se chama este caminho?

Q

quebra-molas – sm. (< *quebra* + *mola* [este, do lat. *molla*])^m. → lombada. ‘obstáculo de pouca altura construído nas ruas e estradas para forçar a redução de velocidade dos veículos’. *QSL 195: Como se chama aquele morrinho atravessado no asfalto para os carros diminuírem a velocidade?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

R

redondo – sm. (< lat. *rotundus, a, um*)^a. → bola. → contorno. → encruzilhada. → trevo. ‘interseção de vias’. *QSL 198: Como se chama aquele trecho da rua ou da estrada que é circular, que os carros têm de contornar para evitar o cruzamento direto?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

retorno – sm. (< regress. *retornar*)^a. → bola. → contorno. → encruzilhada. → redondo. → trevo. ‘interseção de vias’. *QSL 198: Como se chama aquele trecho da rua ou da estrada que é circular, que os carros têm de contornar para evitar o cruzamento direto?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

rotatória – sf. (< *rotar* + *-ória*) → bola. → contorno. → encruzilhada. → redondo. → retorno. → trevo. ‘interseção de vias’. *QSL 198: Como se chama aquele trecho da rua ou da estrada que é circular, que os carros têm de contornar para evitar o cruzamento direto?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

S

sarjeta – sf. (< *sarja* + *-eta*)^a. → meio-fio. ‘**borda** que marca o desnível entre a calçada de pedestres e o pavimento onde passam os carros’. *QSL 197: Como se chama o que separa...?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

semáforo – sm. (< fr. *sémaphore*)^a. → sinal. ‘recurso visual usado para transmitir avisos no trânsito’. *QSL 194: Na cidade, o que costuma ter em cruzamentos movimentados, com a luz vermelha, verde e amarela?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

sinal – sm. (< lat. *signālis, e*)^h. → semáforo. ‘recurso visual usado para transmitir avisos no trânsito’. *QSL 194: Na cidade, o que costuma ter em cruzamentos movimentados, com a luz vermelha, verde e amarela?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

T

taberna – sf. (< lat. *tabernā*)^a. → baiuca. → bar. → biosca. → bodega. → botequim. → mercearia. ‘estabelecimento onde se vendem bebidas, cigarros, balas, e, às vezes, refeições’. *QSL 202: Como se chama um lugar pequeno, com um balcão, onde os homens costumam ir beber e onde também se pode comprar alguma outra coisa?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

terreno – sm. (< lat. *terrēnum*)^c. → lote. ‘espaço de terra com dimensões variáveis’. *QSL 199: Como se chama a área que é preciso comprar se fazer uma casa na cidade?*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

trevo – sm. (< prov. do lat vulg. *trifolium*, *i*)^a → bola. → contorno. → encruzilhada. → redondo. → retorno. ‘interseção de vias’. *QSL 198: Como se chama aquele*

| | |
|----|----|
| 06 | 03 |
| 20 | 02 |
| 21 | 12 |

trecho da rua ou da estrada que é circular, que os carros têm de contornar para evitar o cruzamento direto?

5 ÍNDICE REMISSIVO

A

| | |
|-------------------------|-----|
| abortar | 82 |
| aborto | 82 |
| aguardente | 108 |
| aipim | 64 |
| alcoólatra | 86 |
| aleijado | 69 |
| alma | 95 |
| alma penada | 95 |
| alvorada | 61 |
| ama de leite | 82 |
| amanhecer | 61 |
| amarelinha | 100 |
| amendoim | 64 |
| amuleto | 95 |
| anca | 69 |
| anoitecer | 61 |
| anteontem | 61 |
| antes de ontem | 61 |
| antes de ontem de ontem | 61 |
| antonte | 61 |
| aparadeira | 82 |
| arco-íris | 58 |
| armadilha | 95 |
| assassino | 86 |
| assombração | 95 |
| aurora | 61 |
| avarento | 86 |
| axila | 75 |

B

| | |
|-------------------|-----|
| baiuca | 114 |
| bagana | 86 |
| bage | 64 |
| bala | 108 |
| baladeira | 100 |
| balanço | 100 |
| baldear | 75 |
| bananas casadas | 64 |
| bananas gêmeas | 64 |
| bananas irmãs | 64 |
| bandeira vermelha | 82 |

| | |
|-------------------|-----|
| banguela | 75 |
| banzeiro | 56 |
| bar | 114 |
| bate-bunda | 100 |
| beata | 86 |
| bêbado | 86 |
| beberrão | 86 |
| bebo | 86 |
| bebum | 86 |
| beija-flor | 69 |
| besta | 95 |
| bicho da fruta | 69 |
| bicho de goiaba | 69 |
| bicho feio | 95 |
| bicó | 69 |
| birita | 108 |
| birosca | 114 |
| bituca | 86 |
| blush | 112 |
| boca da noite | 61 |
| boca do rio | 56 |
| bode | 82 |
| bodega | 114 |
| boi | 86 |
| boi ralado | 108 |
| bola | 114 |
| bola de gude | 100 |
| bolacha do joelho | 75 |
| bolinha de gude | 100 |
| Bolsa | 64 |
| bombom | 108 |
| borralho | 106 |
| borrego | 64 |
| botoca | 100 |
| braço | 64 |
| branquinha | 108 |
| bruxaria | 95 |
| boteco | 114 |
| bunda | 69 |
| burro | 87 |
| bustela | 75 |
| buzugão | 101 |

C

| | |
|------------|-----|
| cabo | 64 |
| cabra-cega | 101 |

| | | | |
|-----------------|-----|-----------------------|-----|
| caceteira | 87 | cecê | 76 |
| cachaça | 108 | cego de um olho | 76 |
| cachaceiro | 87 | cegueta | 76 |
| cacho | 64 | cerração | 58 |
| caçula | 82 | cesto | 65 |
| café da manhã | 108 | chamechuga | 70 |
| cair | 61 | cheio | 108 |
| cair do sol | 61 | chifre | 70 |
| calabiola | 101 | chifrudo | 87 |
| calaca | 75 | chirna | 106 |
| calçada | 114 | chuva de gelo | 58 |
| calcanhar | 75 | chuva de granizo | 58 |
| calcinha | 112 | chuva de molhar besta | 58 |
| calçola | 112 | chuva fina | 58 |
| calhambota | 101 | chuva forte | 58 |
| caloteiro | 87 | chuva grossa | 58 |
| cambalhota | 101 | chuva passageira | 58 |
| cambota | 101 | chuvaral | 58 |
| caminho | 64 | chuvisco | 58 |
| camomila | 65 | cigarro de fumo | 87 |
| canal | 56 | cigarro de palha | 87 |
| canga | 65 | cigarro de papel | 87 |
| cangalha | 65 | cisco | 76 |
| cangote | 75 | clavícula | 76 |
| canguinha | 87 | cobra-cega | 101 |
| canhoto | 75 | cócegas | 76 |
| caninha | 108 | coisa ruim | 96 |
| caninos | 73 | colibri | 70 |
| canjica | 108 | cometa | 61 |
| cão | 95 | comilão | 109 |
| caolho | 76 | conjuntivite | 76 |
| capenga | 69 | constelação | 61 |
| capeta | 96 | contorno | 115 |
| capiroto | 96 | corcunda | 76 |
| capote | 69 | corno | 87 |
| carambela | 101 | córrego | 56 |
| carambola | 101 | correr | 61 |
| carapanã | 69 | cortiça | 87 |
| carne crescida | 76 | cosca | 76 |
| carneirinho | 65 | cosquinha | 76 |
| carne moída | 108 | costas | 70 |
| carrapeta | 101 | cotó | 70 |
| carrinho de mão | 65 | coxo | 70 |
| cataraca | 76 | crepúsculo | 62 |
| catarata | 76 | crina | 70 |
| catinga | 76 | cueca | 112 |
| catroca | 76 | cuica | 102 |
| cauda | 70 | cunhatã | 82 |
| cavalo d'água | 70 | curador | 96 |
| cavalo do cão | 70 | curandeiro | 96 |

| | |
|----------------|-----|
| curau | 109 |
| curica | 102 |
| curto da vista | 77 |
| curumim | 82 |
| curuminha | 82 |

D

| | |
|----------------|-----|
| dar à luz | 82 |
| defunto | 83 |
| demo | 96 |
| demônio | 96 |
| dente do juízo | 77 |
| derradeiro | 83 |
| desdentada | 77 |
| desjejum | 109 |
| despacho | 96 |
| diabo | 96 |
| diadema | 112 |
| diarista | 65 |
| dilúvio | 58 |
| disjuntor | 106 |
| dor d'olhos | 77 |
| dorso | 70 |

E

| | |
|--------------------|-----|
| embiritado | 88 |
| embriagado | 88 |
| empachado | 109 |
| empanturrado | 109 |
| empanzinado | 109 |
| encontro das águas | 56 |
| encruzilhada | 115 |
| enrolado | 88 |
| entardecer | 62 |
| entupido | 109 |
| esconde-esconde | 102 |
| esfomeado | 109 |
| espiga | 65 |
| espírito | 96 |
| estiar | 59 |
| estilingue | 102 |
| estrábico | 77 |
| estrela cadente | 62 |
| estrela d'alva | 62 |
| estrela da manhã | 62 |

| | |
|------------------|-----|
| estrela matutina | 62 |
| exagerado | 109 |

F

| | |
|-------------------|-----|
| falador | 88 |
| falecido | 83 |
| fanho | 77 |
| fanhoso | 77 |
| fantasma | 97 |
| feitiço | 97 |
| ferrolho | 106 |
| filho adotivo | 83 |
| filho de criação | 83 |
| filho mais novo | 83 |
| filhote | 66 |
| fim da tarde | 62 |
| finado | 83 |
| final de rama | 83 |
| flor da bananeira | 66 |
| fonfom | 77 |
| forquilha | 66 |
| foz | 56 |
| fuligem | 106 |
| funil | 56 |

G

| | |
|--------------------|-----|
| galhudo | 88 |
| galinha d'angola | 71 |
| gambá | 71 |
| gangorra | 102 |
| ganhar neném | 83 |
| garoa | 59 |
| garota | 83 |
| garota de programa | 88 |
| garoto | 83 |
| garrincha | 77 |
| garupa | 71 |
| geleia | 109 |
| gêmeos | 83 |
| girassol | 66 |
| gogó | 77 |
| grampo | 112 |
| guloso | 109 |
| guri | 83 |
| guria | 84 |

I

| | |
|----------------|-----|
| igarapé | 56 |
| inhaca | 78 |
| inimigo | 97 |
| interruptor | 106 |
| irmão de leite | 84 |
| isqueiro | 106 |

J

| | |
|---------------|----|
| jacinta | 71 |
| jarena | 88 |
| joão-de-barro | 71 |

L

| | |
|-----------------|-----|
| lanterna | 106 |
| lapinha | 97 |
| lavadeira | 71 |
| libélula | 71 |
| limpar o tempo | 59 |
| língua de trapo | 89 |
| linguarudo | 89 |
| língua solta | 89 |
| lombada | 115 |
| lombo | 71 |
| lotado | 109 |
| lote | 115 |
| lúcifer | 97 |

M

| | |
|---------------|-----|
| macaca | 102 |
| macaxeira | 66 |
| macuchila | 102 |
| macumba | 97 |
| madrasta | 84 |
| mãe de leite | 84 |
| mama | 78 |
| manco | 78 |
| mande-esconde | 103 |
| mandinga | 97 |
| mandioca | 66 |

| | |
|----------------------|-----|
| mangará | 66 |
| manja | 103 |
| manja-esconde | 103 |
| manja-pega | 103 |
| mão de neném | 89 |
| mão de vaca | 89 |
| mão-fechada | 89 |
| mão-presa | 89 |
| marido enganado | 89 |
| marola | 56 |
| matador de aluguel | 89 |
| matraca | 89 |
| mau pagador | 90 |
| medalha | 97 |
| meio-fio | 115 |
| meleca | 78 |
| menina | 84 |
| menina moça | 84 |
| menino | 84 |
| menopausa | 84 |
| menstruação | 84 |
| mercearia | 115 |
| meretriz | 90 |
| mesquinho | 90 |
| mexerica | 66 |
| míope | 78 |
| miserável | 90 |
| miseravi | 90 |
| mocho | 72 |
| mocinha | 84 |
| molares | 78 |
| moleque | 84 |
| morcego | 103 |
| mosquito | 72 |
| mucura | 72 |
| mudar | 62 |
| mulher da vida | 90 |
| mulher de programa | 90 |
| mulher de vida fácil | 90 |
| mungunzá | 110 |
| muquinha | 90 |
| muquirana | 91 |
| muriçoca | 72 |
| mustela | 78 |
| mutuca | 72 |

N

| | |
|---------------|----|
| nascer do sol | 62 |
|---------------|----|

| | |
|----------------|----|
| neblina | 59 |
| neve | 59 |
| nevoeiro | 59 |
| nó da goela | 78 |
| nó na garganta | 78 |
| nuca | 78 |

O

| | |
|---------------|-----|
| onda | 57 |
| onda de rio | 57 |
| ônibus | 115 |
| ônibus urbano | 115 |
| ontem | 62 |
| orvalho | 59 |

P

| | |
|-------------------|-----|
| pai de santo | 98 |
| palma | 67 |
| pálpebras | 78 |
| pampeiro de água | 59 |
| paneiro | 67 |
| pão baguete | 110 |
| pão bengala | 110 |
| pão bisnaga | 110 |
| pão careca | 110 |
| pão comprido | 110 |
| pão de meio quilo | 110 |
| pão-duro | 110 |
| pão espaguete | 110 |
| pão francês | 110 |
| pão grande | 110 |
| pão manual | 110 |
| pão massa grossa | 111 |
| papagaio | 91 |
| papudinho | 91 |
| parir | 84 |
| parteira | 84 |
| passeio | 115 |
| pata-cega | 103 |
| patas dianteiras | 72 |
| patela | 78 |
| pau de cana | 91 |
| pé de cana | 91 |
| pegador de cabelo | 112 |
| pega-pega | 103 |

| | |
|--------------------|-----|
| pé inchado | 91 |
| peito | 78 |
| penca | 67 |
| pepeta | 104 |
| perder a cria | 67 |
| perna de alicate | 78 |
| perna torta | 79 |
| pernetta | 79 |
| pernilongo | 72 |
| pestana | 79 |
| peteca | 104 |
| picada | 67 |
| picadinho | 110 |
| picota | 72 |
| picote | 72 |
| pinga | 111 |
| pingente | 98 |
| pinguço | 91 |
| pinguela | 57 |
| pipa | 104 |
| pique | 67 |
| pique-esconde | 104 |
| pique-pega | 104 |
| pira | 104 |
| pira-cola | 104 |
| pira-esconde | 104 |
| pira-mãe | 105 |
| piranha | 91 |
| pira-pega | 105 |
| pirralha | 85 |
| pirralho | 85 |
| pistoleiro | 92 |
| pomo de adão | 79 |
| ponta | 92 |
| pôr do sol | 63 |
| porronca | 92 |
| porta-seios | 112 |
| postixa do cigarro | 92 |
| presas | 79 |
| presépio | 98 |
| prima | 92 |
| privada | 106 |
| prostituta | 92 |
| provocar | 79 |
| puta | 92 |
| puxa da perna | 79 |

Q

| | |
|--------------|-----|
| quartos | 72 |
| quebra jejum | 111 |
| quebra-molas | 116 |
| queiro | 79 |
| queixais | 79 |

R

| | |
|------------|-----|
| rabiola | 105 |
| rabixola | 112 |
| rabo | 73 |
| raio | 59 |
| rampeira | 92 |
| rapaizinho | 85 |
| rapariga | 92 |
| rebojo | 57 |
| redemoinho | 59 |
| redemunho | 59 |
| redondo | 116 |
| regra | 85 |
| relâmpago | 59 |
| remanso | 57 |
| remoinho | 57 |
| retorno | 116 |
| rezadeira | 98 |
| riacho | 57 |
| rotatória | 116 |
| rótula | 79 |
| rude | 92 |
| ruge | 112 |

S

| | |
|----------------|-----|
| sabugo | 67 |
| sanguessuga | 73 |
| sarjeta | 116 |
| satã | 98 |
| satanás | 98 |
| satisfeito | 111 |
| saudoso | 85 |
| segura peito | 111 |
| seguro | 93 |
| seios | 7 |
| semáforo | 116 |
| sereno | 60 |
| sinal | 116 |
| sinal vermelho | 85 |

| | |
|------------|-----|
| siso | 79 |
| solução | 80 |
| sovina | 93 |
| sura | 73 |
| suru | 73 |
| sutiã | 113 |
| suvaco | 80 |
| suvaqueira | 80 |

T

| | |
|---------------|-----|
| tabaco | 93 |
| taberna | 116 |
| tagarela | 93 |
| talo | 67 |
| tangerina | 67 |
| tapuru | 73 |
| tardinha | 63 |
| tempestade | 60 |
| temporal | 60 |
| tendão | 80 |
| terçol | 80 |
| ternanteontem | 63 |
| ter neném | 85 |
| terreno | 116 |
| teta | 73 |
| tiara | 113 |
| tinroso | 98 |
| tisna | 107 |
| toco | 67 |
| tô fraco | 73 |
| tornozelo | 80 |
| toró | 60 |
| touceira | 67 |
| trabalho | 98 |
| traído | 93 |
| tralhota | 80 |
| tramela | 107 |
| tranca | 107 |
| traseira | 73 |
| travessa | 113 |
| travoso | 93 |
| três sol | 80 |
| tresantonte | 63 |
| trevo | 117 |
| trilha | 67 |
| trinco | 107 |
| trovão | 60 |

U

| | |
|--------------|----|
| úbere | 73 |
| úmida | 60 |
| unha de fome | 93 |
| urubu | 73 |
| útero | 80 |

V

| | |
|----------------|-----|
| vadia | 94 |
| vagabunda | 94 |
| vage | 68 |
| vagem | 68 |
| varadouro | 68 |
| varejeira | 74 |
| vaso | 107 |
| vaso sanitário | 107 |
| veaco | 94 |
| velhaco | 94 |
| vendaval | 60 |
| veneziana | 107 |
| ventre | 80 |
| vênus | 63 |
| vereda | 68 |
| vesgo | 80 |
| vesgueta | 80 |
| via láctea | 63 |
| visage | 98 |
| visagem | 98 |
| visão | 99 |
| vomitir | 80 |

X

| | |
|-----------|----|
| xará | 94 |
| xarapa | 94 |
| xarapinha | 94 |

Z

| | |
|---------|----|
| zambeta | 81 |
| zanoiio | 81 |
| zarolho | 81 |

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As palavras arroladas no dicionário dão testemunho de uma cultura
(Biderman, 1996, pp. 31-32).

Para alguns, o interesse por um momento recuado da história do português pode não passar de mera erudição, como se fosse suficiente deixar o passado entregue as memórias do próprio tempo. Para outros, entretanto, é preciso intervir e recuperá-lo para que se possam abrir caminhos para o conhecimento da língua no momento presente.

Passado e presente dialogam no sentido de permitir a construção do futuro. Foi com essa intenção que se desenvolveu esta pesquisa, para que pudesse servir ao registro das unidades lexicais em uso real, cujos modelos provavelmente não mereceriam o registro lexicográfico da norma-padrão. Formas como *tresantonte*, *ternanteontem*, *remoinho*, *antonte*, *cosquinha*, *redemunho*, *bage*, *chirna*, *vage*, *fanho*, *fomfom*, *zanoi*, *bebo*, *tirna*, *bebum*, *miseravi*, *cosca*, não são próprias de dicionários de língua e jamais o seriam se não se pusesse o olhar linguístico sobre elas.

De tal modo, buscou-se provar que não existe uma representação de forma melhor ou pior, já que a história está cheia de contraexemplos. Quando um falante de português brasileiro contemporâneo ao ler o excerto “se nõ sabes **peru** te tornar, eu ti ensinarey hũa carreyra que se vay pera cima do monte per que yras”¹³ (MACHADO FILHO, 2013 p. 398) poderia imaginar que o vocábulo destacado não faz referência à ave nativa da América do Norte, mas sim a contração da preposição *per* e o adverbio *u ~ hu* ‘por onde’.

Em função disso, questões correlatas a essa foram levantadas, como é o caso da unidade *chamechuga* (→ *sanguessuga*) que passou por duas palatalizações e um processo de síncope com acomodação vocálica; *veaco* (→ *velhaco*) em que ocorreu uma síncope e *visage* sofrendo uma paragoge nasal que foi adotada pela norma-padrão.

Apesar de se tratar de uma pequena amostragem diante de um universo lexical tão amplo, os resultados encontrados atestam, como era de se esperar, a riqueza das contribuições advindas de diversas línguas para a formação do léxico do português brasileiro. Pôde-se concluir, a partir da análise das unidades lexicais patentes no *corpus*, que o substrato tupi deixou contribuições significativas no acervo lexical do português, sobretudo no que tange à nomeação de elementos pertencentes à fauna, flora e topônimos. Isso se pôde observar no trabalho com as lexias *mangará*, *inhaca*, *igarapé*, *mutuca*, *curumim*, *xará*, *cunhatã*, *curuminha*, *urubu*, *cuica*,

¹³ Se não sabes para onde te voltar, eu te ensinarei um caminho que segue por cima do monte para que irás.

macaxeira, amendoim, mandioca, aipim, curica, peteca, muquirana, inhaca, carapanã, piranha, muriçoca, gambá, guri, mucura, tapuru.

Observou-se, também, que o étimo latino é o mais produtivo nas unidades lexicais patentes no *corpus*, ou seja, perpetua-se o esteio latino que foi a origem do português, como nos usos reiterados de *braço, canal, córrego, foz, pipa, funil, onda, ponte, dilúvio, estiar, raio, sereno, neve, tempestade, úmida, lanterna, ferrolho, interruptor, pira, temporal, amanhecer, aurora, cair, cometa, constelação, correr, crepúsculo, ontem, mudar, vênus, abortar, bolsa, cabo, caminho, camomila, cesto, espiga, lotado, satisfeito, palma, sabugo, talo, vagem, vereda, cauda, anca, cauda, costas, dorso, cotó, coxo, crina, dorso, peito, lombo, manco, quartos, mama, meleca, molares, rabo, sanguessuga, úbere, axila, calcanhar, caninos, espírito, Lúcifer, catarata, clavícula, curador, curandeiro, espírito, cheio, nuca, seios, soluço, ventre, siso, provocar, rótula, pálpebras, vomitar, diadema, tendão, parir, aborto, abortar, defunto, derradeiro, fantasma, presépio, parir, amuleto, bodega, calçada, diabo, demônio, feitiço, besta, comilão, cão, regra, perder, madrasta, pernetta, corno, terreno, sinal, trevo, bêbado, inimigo, amuleto, cortiça, exagerado, guloso, redondo, taberna, prostituta, rude, seguro, meretriz, boi, burro, miserável, tiara, travessa, ponta, visão, satanás, traído e gêmeos. Outrossim, percebe-se que a língua latina está presente em diversas áreas como na Biologia e no Direito, sobretudo no momento de nomear gêneros e espécies e fornecer inúmeras expressões adotadas na área jurídica.*

Com a chegada dos portugueses, aliado às relações interétnicas entre os brancos e os autóctones e, posteriormente, os africanos e imigrantes, novas unidades lexicais foram acrescentadas ao inventário do português. Afinal, a recente realidade exigiu o uso de novas unidades para nomear as relações físicas, sociais e culturais próprias do contexto em *terra brasilis*. Obviamente, essa nova relação possibilitou as trocas linguísticas que acolheram peculiaridades léxicas a partir desse contato, como as contribuições oriundas das línguas indígenas, como visto, sobretudo do tronco linguístico tupi, e as línguas africanas, em maior volume do subgrupo linguístico bantu.

No que concerne às contribuições das línguas africanas para composição do inventário lexical do PB, das cerca de 120 línguas que chegaram ao Brasil, observa-se uma maior contribuição das línguas do subgrupo bantu – quimbundo, umbundo e quicongo –. Tal situação explica-se devido ao contingente demográfico de escravizados falantes desse subgrupo ser maior aos outros que aqui desembarcaram. Cabe salientar que essa relação étnico-linguística

mantveu-se no Brasil durante todo o funcionamento da empresa escravocrata. De acordo com Margarida Petter (2007, p. 86):

A presença africana no léxico é a mais forte evidência do contato linguístico e cultural. Apontada pelos primeiros estudiosos como traço particular ao PB, como brasileirismo, merece ser avaliada com cuidado, para que não se simplifique sua extensão. Embora o desenvolvimento das pesquisas tenha aumentado o inventário dos termos considerados de origem africana, africanismos – passando de mais de 300 (MENDONÇA, 1933 e RAIMUNDO, 1933), a 1 500 (FERREIRA, 1986) e atingindo 2 500 (SCHNEIDER, 1991) – deve-se reconhecer que os termos de origem indígena presentes no PB são em número bem superior.

Em relação ao quimbundo, uma das línguas do subgrupo bantu, foram contabilizadas 4 ocorrências como herança da direta da língua, a saber: *bunda*, *caçula*, *moleque*, *mungunzá*. Registrou-se também o uso do quimbundo no processo de formação de palavras em língua portuguesa, como em *caolho*, *bate-bunda*.

Note-se que tem sido conclamado, em diversos trabalhos sobre o PB, a importância das línguas africanas para a formação do português, pois, segundo Marcos Bagno (2016, p. 23):

Os aspectos mais característicos do português brasileiro, especialmente em suas variedades estigmatizadas rurais ou urbanas, decorrem, portanto, do contato entre o português colonial e as línguas africanas trazidas com os escravos. Esse contato, como sempre ocorre, acelerou os fatores inerentes à mudança linguística (fatores de ordem cognitiva), além de permitir que aspectos próprios às línguas africanas (especialmente as do grupo banto) atuassem como substrato na constituição do português brasileiro.

Ademais das contribuições das línguas autóctones e africanas, é necessária a compreensão do processo migratório para o Brasil das línguas europeias e asiáticas e seus impactos no que tange ao cenário linguístico nacional, já marcado por uma acentuada pluralidade.

Sabe-se que as línguas de migração se concentraram em regiões previamente estabelecidas, sobretudo no eixo Sul-Sudeste, principalmente por conta das questões climáticas mais favoráveis aos recém-chegados. Entretanto, tal contexto não invalida a expansão nacional dos elementos linguísticos, a depender do grau de prestígio que detivesse a língua, já que

diferentes grupos em uma comunidade podem atribuir valores diversos às identidades ligadas aos falantes de outras línguas. Então os valores associados a um estrangeirismo podem muitas vezes ser conflitantes dentro da comunidade que faz o empréstimo (GARCEZ; ZILLES, 2012, p. 15).

Nesse sentido, fica evidente como a questão do prestígio sempre fez parte das relações linguísticas no Brasil, como foi o caso do francês no período da *Belle Époque*, momento histórico em que a língua francesa ganhou bastante notoriedade no mundo ocidental. Hoje, não

mais por questões eruditas, mas por conta do poderio econômico e tecnológico, o inglês assumiu o papel de emanador dos empréstimos lexicais. Sendo assim, o sistema linguístico articula-se para a acomodação fônica, sintática e morfológica da nova unidade lexical proveniente de uma língua estrangeira, como no caso das tão conhecidas palavras: *lote, útero, assassino, vesgo, semáforo, vendaval, capote, bar, botequim, semáforo, colibri, medalha, grampo, bombom, bala, balanço, jacinta, armadilha, libélula, sutiã, bola, conjuntivite, blush, geleia, remanso, pistoleiro, neblina, ruge, míope, pestana, forquilha, lote, visagem, chifre, mocho*. Assim, é

preconceito linguístico supor que o que é percebido como estrangeirismo hoje permanecerá por muito tempo como elemento estranho e alheio à língua receptora, mantendo sua carga alienígena (GARCEZ; ZILLES, 2002, p. 33).

A partir deste trabalho, pôde-se perceber como os contatos linguísticos ocorridos no Brasil no processo de constituição do português deixaram contributos significativos no nível lexical, a exemplo dos elementos indígenas, africanos e das línguas de migração, além dos elementos românicos, originalmente trazidos pelos portugueses no processo de transplantação do português. Ademais, buscou-se evidenciar como o entendimento da história da língua é essencial para uma melhor reflexão acerca da realidade multifacetada do português.

Espera-se, então, que este estudo se reflita como uma contribuição para as discussões engendradas no âmbito da variação linguística no português brasileiro.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Benedict R. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ANDRADE, C. D. **A Paixão Medida**. J. Olympio, 1983.
- BAGNO, M. O impacto das línguas bantas na formação do português brasileiro. **Cadernos De Literatura Em Tradução**, 2016.
- BANDEIRA, Manuel. **Libertinagem/Estrela da Manhã**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- BIDERMAN, Maria Tereza de Camargo. Fundamentos da Lexicologia. In: **Teoria Linguística**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 95-213.
- BRASIL. Decreto no 30.643, de 20 de março de 1952. Institui o Centro de Pesquisas da Casa de Rui Barbosa e dispõe sobre o seu funcionamento. **Coleção de Leis do Brasil**, v. 2, p. 170, 1952.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino et al. **Atlas linguístico do Brasil**, v.1. Londrina: Ed. UEL, 2014.
- _____. **Geolinguística**: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola, 2010.
- _____. Reflexões sobre a Dialectologia. In: ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). **Estudos geolinguísticos e dialetais sobre o português**. Campo Grande: Editora UFMS, 2008, p. 13-31.
- CASADEI, Thalita de Oliveira. **Ocupação e povoamento no Norte do Brasil**. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/curriculum/article/viewFile/62750/60896>>. Acesso em: 18 set. 2018.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB: **Atlas Linguístico do Brasil**. Questionários. Londrina: UEL, 2001.
- COSERIU, E. **Sentido y tareas de la dialectología**. Mexico: Instituto de Investigaciones Filológicas; Centro de Linguística Hispanica, 1982. (Cadernos de Linguística, n. 8)
- COSTA, Daniela de Souza Silva. **Vocabulário Dialetal do Centro-Oeste**: interfaces entre a Lexicografia e a Dialectologia. 2018. 353 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina/PR, 2018.
- DIÉGUES JR., Manuel. **Regiões Culturais do Brasil**. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, 1960.
- EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.
- FARACO, Carlos Alberto. **História sociopolítica da língua portuguesa**. São Paulo: Parábola Editorial.

FARIAS, E. M. P. Breve História do Fazer Lexicográfico. In: **Revista TRAMA**, Paraná, nº 5, v. 3, p.89-97, 2007.

FERREIRA, C.; CARDOSO, S. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

GARCEZ, Pedro; ZILLES, Ana Maria. Estrangeirismos. In: FARACO, Carlos Alberto (Org.). **Estrangeirismos: guerra em torno da língua**. São Paulo: Parábola, 2002, p. 15-36.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico de 2010: resultados gerais da amostra**. Rio de Janeiro: Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2012. Disponível em: < <https://censo2010.ibge.gov.br>>. Acesso em: 06 out. 2018.

LUCCHESI, Dante. Norma linguística e realidade social. In: BAGNO, Marcos (Org.). **Linguística da norma**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

LUCCHESI, Dante. História do contato entre línguas no Brasil. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (Org.). **O Português Afro-Brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009.

MACHADO FILHO, A. V; L; NEIVA. I. **Ainda sobre “as origens e estruturação histórica do léxico português”**: étimo e processos de formação em dados do Atlas Linguístico do Brasil (ALIB). Disponível em: <http://siba-ese.unisalento.it/index.php/dvaf/article/view/17772/15131>. Acesso em 24 mar.2018.

_____. **Dicionário etimológico do português arcaico**. Salvador: EDUFBA, 2013.

_____. Lexicografia histórica e questões de método. In: LOBO, Tânia et al. **ROSAE: Linguística histórica, história das línguas e outras histórias**. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 382.

_____. Um ponto de intersecção para a dialetologia e a lexicografia: a proposição de elaboração de um dicionário dialetal brasileiro com base nos dados do ALiB, **Estudos Linguísticos e Literários**, n. 41, p. 49-70, 2010.

MATTOS E SILVA, R. V. Uma compreensão do português brasileiro: velhos problemas repensados. In: CARDOSO, S. A.; MOTA, J. A.; MATOS E SILVA, R. V. (Orgs). **Quinhentos anos de história linguística do Brasil**. Salvador: Secretaria da Cultura e do Turismo da Bahia, 2006.

_____. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MATTOSO, José. A formação da nacionalidade. In: TENGARRINHA, José (Org.). **História de Portugal**. Bauru, SP: EDUSC; São Paulo, SP: UNESP; Portugal, PO: Instituto Camões, 2000.

MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo. Tradição lexicográfica portuguesa: Bluteau, Moraes e Vieira. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia**. Campo Grande: Editora UFMS, 2001, p. 153-159.

NEIVA, Isamar. **Vocabulário Dialeto Baiano**. 2017. v. 1, 270 f. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

NUNES, José Horta. **Dicionários no Brasil: análise e história do século XVI ao XIX**. São Paulo: Fapesp; São José do Rio Preto, SP: Faperp, 2006.

PETTER, Margarida. Línguas africanas no Brasil. **África: Revista do Centro de Estudos Africanos**. USP, S. Paulo, 27-28: 63-89, 2006/2007.

PIEL, Joseph Maria. (1991[1976]). Origens e estruturação histórica do léxico português. In: CASTRO, Ivo et al. **Curso de história da língua portuguesa: leituras complementares**. Lisboa: Universidade Aberta, p. 233-242.

RAZKY, Abdelhak; SANCHES, Romário Duarte. Variação do item lexical “prostituta” no projeto atlas lingüístico do Amapá. **Linguasagem**, São Carlos, v. 23, 2015.

REGIÃO NORTE DO BRASIL. Disponível em: <https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Regi%C3%A3o_Norte_do_Brasil>. Acesso em: 24 set. 2018.

RODRIGUES, Aryon Dall’igna. **Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**. São Paulo: Loyola, 1994.

_____. As outras línguas da colonização do Brasil. In: CARDOSO, S. A.; MOTA, J. A.; MATOS E SILVA, R. V. (Orgs). **Quinhentos anos de história linguística do Brasil**. Salvador: Secretaria da Cultura e do Turismo da Bahia, 2006.

SAPIR, E. **Linguística como ciência**. Rio de Janeiro: Editora Livraria Acadêmica, 1969.

SERÁFICO, José; SERÁFICO, Marcelo. **A Zona Franca de Manaus e o Capitalismo no Brasil**. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142005000200006&script=sci_arttext#back25>. Acesso em: 25 set. 2018.

VILELA, Mario. **Estruturas léxicas do português**. Coimbra: Livraria Almedina, 1979.

WELKER, Herbert Andreas. **Dicionários: uma pequena introdução à Lexicografia**. Brasília: Thesaurus, 2004.

WERNER, Reinhold. Léxico y teoría general del lenguaje. In: HAENSCH, Günter et al (Orgs.). **La lexicografía**. De la lexicografía teórica a la lexicografía práctica. Madri: Editorial Gredos S.A., 1982a, p. 21-94.